



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Michele Ribeiro de Carvalho

**Memórias de Erico Veríssimo: Primeiras leituras ao Solo de  
Clarinetista (1912-1922)**

Rio de Janeiro

2016

Michele Ribeiro de Carvalho

**Memórias de Erico Veríssimo: Primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C331 Carvalho, Michele Ribeiro de.  
Memórias de Erico Veríssimo: Primeiras leituras ao Solo de Clarineta  
(1912-1922) / Michele Ribeiro de Carvalho. – 2016.  
168 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação– Teses. 2. Leitura – Teses. 3. Veríssimo, Érico, 1905-  
1975 – Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37:821.134.3(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Michele Ribeiro de Carvalho

**Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 28 de março de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cabral da Silva  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Chrystina Venâncio Mignot  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Coelho da Costa  
Faculdade de Educação da PUC-RIO

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Lima da Silva  
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Corsino  
Faculdade de Educação da UFRJ

Rio de Janeiro

2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, meus pais e irmãs, ao Patrick, pelo apoio na trajetória, e à minha mãe Lucy, que até o último minuto se preocupou comigo.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, no qual sempre busco força e inspiração.

Aos meus queridos pais, **Luciano** e **Deonides**, que, se não puderam estar sempre presentes, sempre demonstraram seu amor e carinho.

À minha mãe **Lucy**, que primeiro foi tia, mas que com seu imenso amor e dedicação, se tornou a melhor mãe que alguém poderia ter e querer para um filho.

Às minhas irmãs, **Kátia** e **Daniele**, que, nos momentos difíceis, estavam ao meu lado. Ao meu irmão **Dario**, que, de onde estiver, me acompanha em todos os momentos.

Ao companheiro **Patrick**, pela paciência nos momentos de ansiedade, pela força e companhia nas noites insones.

Ao amigo **Jonathan**, que se preocupou e apoiou minha pesquisa, sempre com palavras de incentivo: agradeço as conversas. Também aos amigos e companheiros do grupo de pesquisa, agradeço as trocas de experiência, os encontros em que pudemos dividir inquietações e sorrisos. À **Rejane**, **Leticia**, **Helaine**, **Flávia**, **Bernadeth**, **Ana Lúcia**, **Célia** e **Zélia**, amigas sempre.

Aos companheiros das instituições onde trabalho, pelos minutos de atenção aos meus desabafos e compreensão.

Às integrantes da banca examinadora, professora **Ana Chrystina Venâncio Mignot** — que ao longo da pesquisa me instigou ao debate historiográfico e fez generosas sugestões — e professora **Patrícia Coelho da Costa**, agradeço a disponibilidade e a leitura minuciosa. Também agradeço às professoras **Alexandra Lima da Silva** e **Patrícia Corsino**, pela disponibilidade de contribuir para minha formação.

À minha querida orientadora, **Márcia Cabral da Silva**, que contribuiu com o meu amadurecimento acadêmico e por, até o presente momento, orientar, escutar e apoiar meu trabalho, além de ser um modelo de comprometimento e ética em sua trajetória. Aos funcionários do Instituto Moreira Salles – IMS pela presteza e cuidado com que me receberam e ao CEEE Erico Veríssimo pelo cuidado e interesse.

Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando.

*Erico Veríssimo*

## RESUMO

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A presente pesquisa resulta de um estudo de caráter histórico e que procura pistas que possam contribuir para o entendimento sobre as primeiras experiências de leitura do escritor Erico Veríssimo, quando criança na cidade de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul (Brasil), nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1912 a 1922. Tal período se justifica por ser 1912 o ano em que o menino Erico foi matriculado na escola da cidade e continuou a escolarização até 1922, quando saiu do Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, sem finalizar o curso. Examinando a obra autobiográfica *Solo de Clarineta*, dividida em dois volumes e publicada em 1975 e 1976, encontramos relatos do escritor acerca de memórias de suas experiências com os livros no Colégio Elementar Venâncio Aires e na Aula Mista Particular de Dona Margarida Pardelhas, além dos pertencentes ao escritório paterno, que fornecem elementos que nos possibilitem a compreensão da formação do leitor criança no Brasil da época assinalada. Em um primeiro momento, ressaltam-se os relatos da memória como possível campo de estudo para a História da Educação, com contribuições da produção de John Kotre e reflexões do próprio Veríssimo acerca da confiabilidade de tais lembranças. Destacamos, em continuidade ao estudo, o papel dos mediadores de leitura familiares e escolares e as diferentes possibilidades que a leitura proporciona àquele que lê. Ademais, a leitura foi pensada como forma de prazer e de resistência. A realização desta pesquisa foi possibilitada por conhecimentos advindos da história da leitura e história da educação.

Palavras-chave: História da Leitura. Mediadores. Erico Veríssimo.



## ABSTRACT

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo's Memories: first readings of Solo de Clarineta (1912-1922)*. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This research is the result of a historical study and search for clues that can contribute to the understanding of early reading experiences of the writer Erico Veríssimo, as a child in the city of Cruz Alta, In the countyside of Rio Grande do Sul (Brazil), during the first decades of the twentieth century, between the years 1912 to 1922. This period is justified for 1912 being the year in which the boy Érico was enrolled at the city school and continued studying until 1922, when he left the school Colégio Cruzeiro do Sul, in Porto Alegre, without finishing the course. Examining the autobiographical work Solo of Clarinet, divided in two volumes and published in 1975 and 1976, we find the writer's stories about memories of his experience with books at school Colégio Elementar Venâncio Aires and the private joint class of Mrs. Margarida Pardelhas, in addition to those belonging to his father's office, which provide elements that allow us to understand the training of young readers in Brazil at the marked time. At first, we emphasize the memory reports as a possible field of study for the History of Education, with contributions of the work of John Kotre and the reflections of Veríssimo himself about the reliability of such memories. We point out, continuing the study, the role of family and school reading mediators and the different possibilities that the reading provides to the reader. Furthermore, the reading was conceived as means of pleasure and endurance. This research was made possible by Knowledge derived from history of reading and history of education.

Keywords: History of reading. Mediators. Erico Veríssimo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Manchete sobre a morte de Erico Veríssimo veiculada pelo Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 1975. ....	14
Figura 2 -	Título de estudo realizado por Jean Roche, professor da Universidade de Toulouse, e publicado no jornal <i>Correio do Povo</i> , em 1964. ....	17
Figura 3 -	Trecho de matéria do jornal <i>Correio do Povo</i> , de março de 1960....	18
Figura 4 -	Imagem do manuscrito de <i>Incidente em Antares</i> , com anotações, em inglês, feitas pelo próprio autor. É um texto inédito que não chegou a ser incluído na edição definitiva, segundo informações do CEEE Erico Veríssimo. ....	29
Figura 5 -	Erico (4º da direita para a esquerda, na 2º fila), com o quepe tombado para o lado, com a turma do Colégio Cruzeiro do Sul, Porto Alegre, 1921 – ALEV .....	36
Figura 6 -	Sobrado dos Veríssimo - Acervo Unimed Planalto Central/RS .....	37
Figura 7 -	Folha datilografada com recomendações sobre aproveitamento de textos após seu falecimento.....	39
Figura 8 -	Depositário Acervo Instituto Moreira Salles.....	51
Figura 9 -	Matéria escrita por Erico a fim de esclarecer notícias, em seu ponto de vista, enganosas. Depositário Correio do Povo - Porto Alegre 1959. ....	55
Figura 10 -	Narciso. Quadro pintado por Caravaggio entre 1597-1599.....	59
Figura 11 -	Capa da <i>Cartilha Maternal</i> , publicada em 1877. ....	67
Figura 12 -	Erico criança em Cruz Alta - ALEV.....	69
Figura 13 -	Família Veríssimo em 1908. Erico, então com 3 anos (primeira criança a partir da esquerda) - ALEV .....	72
Figura 14 -	Capa do livro <i>Selecta em prosa e verso</i> , utilizado na escola que Erico frequentava. ....	95
Figura 15 -	Professora Dona Margarida Pardelhas. ....	97
Figura 16 -	Foto do Colégio Elementar Venâncio Aires.....	100
Figura 17 -	Acervo Moreira Salles .....	112
Figura 18 -	Escritório de Erico Veríssimo. ....	129

Figura 19 - Outro momento de Erico Veríssimo em seu escritório. ....	129
Figura 20 - Folha datilografada de <i>Breve Crônica de uma Editora de Província</i> com correções manuscritas. ....	140
Figura 21 - Cidade de Antares desenhada por Veríssimo durante o processo de criação da obra.....	141
Figura 22 - Mapa da ilha de El Sacramento. ....	142
Figura 23 - Erico Veríssimo em rua de Cruz Alta. ....	143
Figura 24 - Charge de Erico Veríssimo – Desenho de Canini.....	161

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contos, romances e novela escritos por Erico Veríssimo. ....	42
Tabela 2 - Literatura infantojuvenil produzida por Erico Veríssimo. ....	43
Tabela 3 - Obras de cunho memorialista escritas pelo autor. ....	43
Tabela 4 - Livros lidos na infância. ....	136
Tabela 5 - Livros lidos na juventude. ....	137

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFP	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
CEEE Erico Veríssimo	Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo
ACALEV	Associação Cultural Acervo Literário Erico Veríssimo
IMS	Instituto Moreira Salles
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>MEMÓRIAS DE ERICO VERÍSSIMO</b> .....	27
1.1	<b>Espelhos da alma. Símbolos nas lembranças de Veríssimo</b> .....	45
1.2	<b>Erico, menino. Veríssimo, escritor</b> .....	69
2	<b>O MENINO LEITOR DE CRUZ ALTA: SUJEITOS E ESPAÇOS MEDIADORES</b> .....	76
2.1	<b>O pai e a mãe: primeiras influências domésticas</b> .....	86
2.2	<b>A escola e dona Margarida Pardelhas. Afetividade na Aula Mista Particular</b> .....	93
2.3	<b>Linguagem: processos de conhecimentos e experiências mediados</b> .	106
3	<b>AS LEITURAS DO MENINO ERICO</b> .....	112
3.1	<b>O prazer de ler na visão de Erico</b> .....	126
3.2	<b>A leitura como forma de resistência</b> .....	130
3.3	<b>As maneiras de ler do Veríssimo de Cruz Alta</b> .....	135
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	144
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	149
	<b>ANEXO A - Cronologia de apoio</b> .....	161
	<b>ANEXO B - Carta de apresentação de <i>Israel em abril</i></b> .....	166
	<b>ANEXO C - Genealogia de Erico Veríssimo</b> .....	168

## INTRODUÇÃO

Sê um escriba! Grava isto em teu coração  
 Para que teu nome possa perdurar como o deles!  
 O rolo é melhor que a pedra esculpida.  
 Um homem morreu: seu corpo é pó,  
 E seu povo desapareceu da Terra.  
 É um livro que o faz ser lembrado  
 Na boca do orador que o lê.

*Inscrição egípcia, 1300 a. C.*

Chovia na tarde do dia 29 de novembro de 1975, quando às 17 horas saiu, do Salão Nobre do Palácio Farroupilha<sup>1</sup>, o cortejo que acompanhava o caixão de Erico Veríssimo, que havia falecido às 21 horas e 15 minutos do dia anterior, assistindo à televisão em sua casa, na cidade de Porto Alegre.

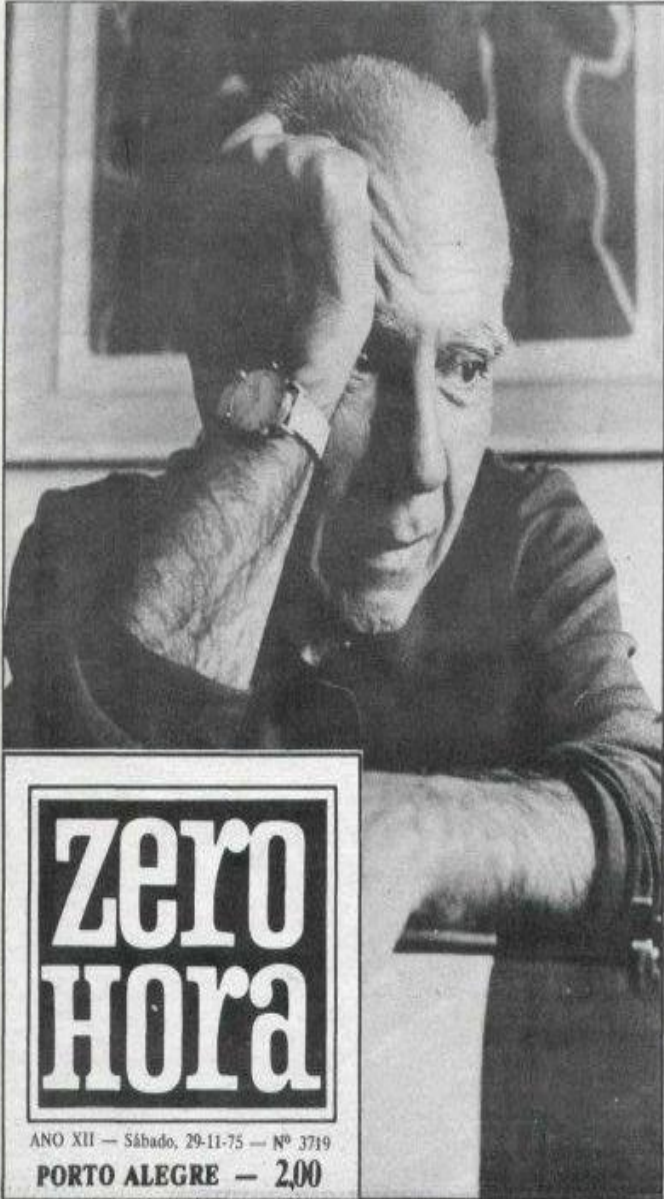
Os jornais da época dedicaram várias páginas para comentar a vida daquele que ainda hoje é considerado um importante escritor brasileiro. O jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, dedicara a capa e duas páginas internas na edição do dia 29. Na capa podemos observar que não só a família de Erico convidava para o enterro, mas também a Livraria do Globo S.A. e a Editora Globo<sup>2</sup>, lugares em que Veríssimo trabalhou desde que chegou a Porto Alegre com “quinhentos mil-réis – o que me habilitaria pagar a passagem de trem e o primeiro mês de hotel” e uma máquina de escrever portátil, que “meu futuro sogro teve suficiente confiança em mim para me emprestar” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 219).

---

<sup>1</sup> O Palácio Farroupilha fica localizado na Praça Marechal Deodoro e é sede da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande Sul. Projetado por Gregório Zolko, passou a funcionar no dia 20 de setembro de 1967. Conferir [www2.al.rs.gov.br/biblioteca](http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca).

<sup>2</sup> A Editora Globo foi uma seção da instituição Livraria do Globo S.A., assim como a Revista do Globo. Em 1931 Erico Veríssimo lançou a tradução do livro de Edgard Wallace, *O sineiro*, pela Seção Editora da Livraria do Globo. Em 1932 passou a atuar no departamento editorial da Livraria. Conferir Anexo I – Cronologia de Apoio, p. 159

Figura 1 - Manchete sobre a morte de Erico Veríssimo veiculada pelo Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 1975.



ZERO  
HORA

ANO XII — Sábado, 29-11-75 — Nº 3719  
**PORTO ALEGRE — 2,00**

✝ **CONVITE PARA ENTERRO**

A família do querido

**ÉRICO VERÍSSIMO**

ontem falecido, convida aos demais parentes e pessoas de suas relações e amizade, para assistirem aos atos de encomendação e sepultamento deste ente querido.

O féretro sairá já encomendado do Salão Nobre do Palácio Farroupilha, às 17 horas de hoje, para o Cemitério da Irmandade São Miguel e Almas.

Antecipa agradecimentos

Porto Alegre, 29 de Novembro de 1975

✝ **CONVITE PARA ENTERRO**

A Livraria do Globo S/A, participa com extremo pesar o falecimento de seu grande amigo e colaborador

**ÉRICO VERÍSSIMO**

ocorrido no dia 28 de novembro, às 21 horas, e convida para as cerimônias de seu sepultamento, que serão realizadas, às 17 horas de hoje.

Saindo o féretro já encomendado do Salão Nobre do Palácio Farroupilha para a Irmandade São Miguel e Almas.

Antecipa agradecimentos

Porto Alegre, 29 de novembro de 1975

✝ **CONVITE PARA ENTERRO**

A Editora Globo, cumpre o penoso dever de participar o Falecimento de seu maior editado

**ÉRICO VERÍSSIMO**

ocorrido às 21 horas do dia 28 de novembro de 1975, e, convida para as cerimônias de sepultamento, às 17 horas de hoje, no Cemitério de São Miguel e Almas, em Porto Alegre.

Antecipa agradecimentos

Porto Alegre, 29 de Novembro de 1975

Fonte: Arquivo do Jornal Zero Hora.

Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema, que dedicou a Erico, além de sublinhar a falta que este faria para a literatura nacional.

A falta de Erico Verissimo

Falta alguma coisa no Brasil  
depois da noite de sexta-feira.  
Falta aquele homem no escritório  
a tirar da máquina elétrica  
o destino dos seres,  
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom



caminhando entre adultos  
na esperança da justiça  
que tarda - como tarda!  
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,  
aquela ternura contida, óleo  
a derramar-se lentamente.  
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.  
Carlos Drummond de Andrade

O “solo de clarineta” que faltava, conforme, Drummond assinalou para aqueles que liam Veríssimo era, ou, acredita-se que tenha sido, o último volume de sua autobiografia, referenciada como uma apresentação solitária de um instrumento com timbre aveludado, encorpado e com a maior extensão de notas, dentre os instrumentos de sopro. Não podemos afirmar que a razão para a escolha do nome do livro de memórias do escritor gaúcho tenha sido essa, uma comparação do próprio autor a um instrumento musical, mas é uma questão que nos faz pensar, assim como, há anos atrás, Erico fez seus leitores refletirem sobre a escolha do título - *Gato preto em campo de neve*, para um diário de viagens. A controvérsia acerca de quem seria o gato preto do título logo ganhou espaço nas conversas de seus leitores, que comparavam o gato ao próprio escritor que além de romances, escrevia biografia, memórias e diários de viagem<sup>3</sup>.

Esse episódio é lembrado pelo autor no Prólogo do livro *A volta do gato preto*, quando explica por que escolheu esse título para o novo livro de viagens sobre sua estada nos Estados Unidos. Ele nos informa que, como muito se falou sobre o gato do primeiro livro, seria curioso retomar este animal no título do segundo.

Seria o gato preto do título o autor em meio a um país que não conhecia? Seria o escritor alguém com tantas nuances como uma clarineta?

Outra característica da clarineta é que a nota escrita na partitura é diferente da nota verdadeira, efeito provocado pela afinação própria do instrumento. Seria esse um aviso de Erico para que o leitor não acredite em tudo o que lerá nas páginas do livro de memórias? Uma vez mais, apenas, podemos supor. Certo é que, até hoje, algumas notas do instrumento musical não chegaram à perfeição tão desejada por músicos e maestros; suposta perfeição que o *Solo de Clarineta* de Erico também não alcançará, pois sempre faltará o terceiro livro, a terceira história,

<sup>3</sup> A esse respeito, ver Quadro de Produção Literária, p. 166.

os acontecimentos que Erico planejou, mas que, diferentemente, de outros livros, tais como os primeiros volumes de sua autobiografia, não colocou em papel.

Se a morte de Erico Veríssimo foi repentina, o terceiro volume de sua autobiografia, narrando suas lembranças, mesmo que através de filtros como os da memória e do pensamento do escritor, será uma lacuna no *Solo de Clarineta*, pois os últimos anos do escritor gaúcho, seus dias de escrita de *O Tempo e o Vento* e as histórias das últimas viagens serão suposições daqueles que o conheciam, mas que não poderiam saber, conhecer as sensações precisas do homem e do autor.

Quando decidimos participar das aulas da disciplina Tópicos Especiais: História do livro e da leitura para a criança e para o jovem no Brasil<sup>4</sup>, no primeiro semestre de 2013, como aluna de disciplina isolada, não sabíamos que, ao ser solicitado como trabalho final, um artigo sobre as práticas de leitura de um escritor, escolheríamos um escritor gaúcho, do interior do estado. Não supúnhamos que escolheríamos Erico Veríssimo.

Procurando escritores brasileiros que tivessem escrito uma autobiografia, encontramos com o gaúcho de Cruz Alta e nos dedicamos a ler os dois volumes de uma obra concebida para resultar em três. No entanto, o tempo de vida do escritor não permitiu.

O artigo apresentado à professora que ministrou a disciplina gerou em mim um desejo de conhecer mais um pouco sobre Erico e sua obra literária, e, conseqüentemente, me proporcionou uma aproximação do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação, coordenado pela professora doutora Márcia Cabral da Silva, e que teve início na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2006.

Percorrendo trabalhos de pesquisa sobre Veríssimo, encontramos dissertações e teses, enfocando diferentes características do escritor de romances, mas apenas uma tese priorizando a pesquisa sobre como o menino do interior se interessou por leituras diversas. Ainda assim, o enfoque maior do estudo era sobre a

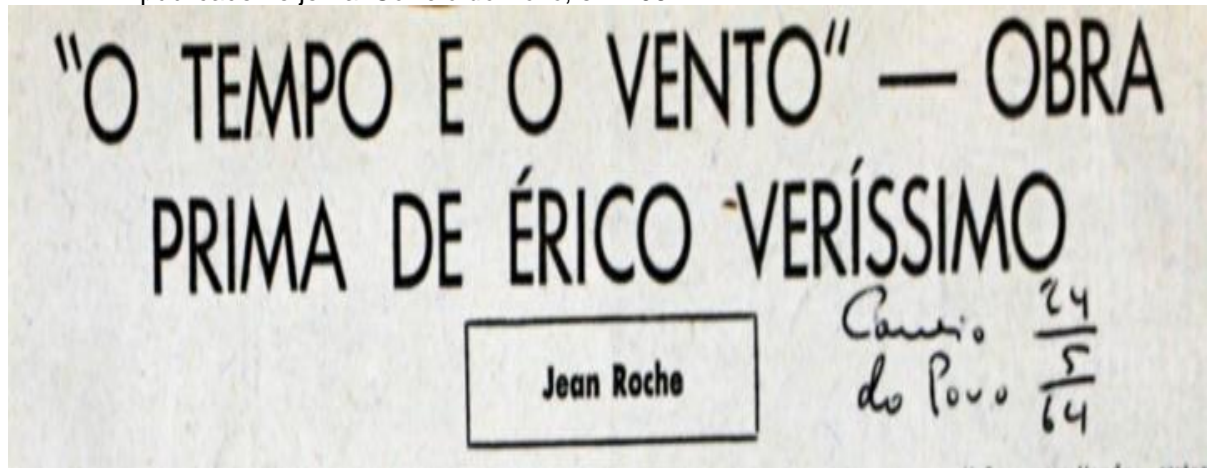
---

<sup>4</sup> A disciplina foi oferecida no primeiro semestre de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Educação, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cabral da Silva e tinha a seguinte ementa: A disciplina organiza-se em torno da constituição do campo de estudo do livro de ficção para a criança e para o jovem no Brasil. Discute-se o conceito de memória nas interfaces da história cultural com a história das práticas de leitura no Brasil: os livros que circularam na passagem do século XIX ao XX; memórias de leitura em romance autobiográfico e diário; a consolidação do mercado editorial no que diz respeito ao livro de ficção voltado à criança e ao jovem no período da configuração do campo e ao longo das décadas de 1910 a 1930. Considerações sobre imagem e design gráfico.

interferência da família no processo de formação do leitor, abordagem diferente deste estudo.

Sobre a crítica acerca do trabalho do autor, podemos citar professores de universidades como Jean Roche, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Toulouse, na França. Em estudo publicado, originalmente, na revista *Caravelle*, publicação da já citada Faculdade, Roche analisa a obra *O Tempo e o Vento*. Como título do trabalho escolhe: “*O Tempo e o Vento*” – *Obra prima de Érico Veríssimo*.

Figura 2 - Título de estudo realizado por Jean Roche, professor da Universidade de Toulouse, e publicado no jornal *Correio do Povo*, em 1964.



Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo, Porto Alegre.

Outro estudioso que publicou uma crítica sobre a obra de Erico Veríssimo foi Guilhermino Cesar, cronista e crítico literário do jornal *Correio do Povo*. Em 1960 escreve o artigo *Da Arte de Narrar*, no qual afirma que a crítica não era favorável a Erico. Segundo esse autor, a crítica se manifestava, algumas vezes, com desdém, colocando-o à margem do processo literário; outras vezes, pedindo-lhe “mais angústia”. Ainda assim, na visão do crítico, Erico Veríssimo resistia a ambos os procedimentos.

Figura 3 - Trecho de matéria do jornal *Correio do Povo*, de março de 1960.

Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo, Porto Alegre.

Além disso, Erico Veríssimo também criticava seu próprio trabalho e dizia:

Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre ou mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais

indulgência para a minha obra e concluo que, dentre os vinte e poucos livros que escrevi até hoje, uns três ou quatro possuem alguma importância e pelo menos um deles – creio que *O Continente* – sobreviverá por algum tempo. (IMS, 2007, p. 224)<sup>5</sup>

Pesquisamos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, assim como em bancos de instituições como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outras, em busca de trabalhos já realizados sobre o escritor e o que eles enfocavam.

Foram encontradas dissertações, como a de José Antonio Klaes Roig, *Autobiografia de Erico Veríssimo: a consciência do fazer literário*, pela Universidade Federal do Rio Grande, em 2010. Nessa dissertação o pesquisador dedica-se a analisar a construção do relato de vida de Erico Veríssimo semelhante ao seu fazer literário. Em consulta ao Banco de Dissertações e Teses da CAPES, na dissertação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, em 2010, de Isabel Cristina Brettas Duarte, *Miradas ao México de Erico Veríssimo: viagem, narrativa e memória no espaço autobiográfico*, constatamos que a pesquisadora analisa as relações entre o escritor na condição de viajante/narrador e na condição de narrador/viajante, observando suas viagens e organizando-as textualmente. Eleisa Mathias, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2011, com a dissertação *Solo de Clarineta: memórias de um escritor*, analisa a escrita autobiográfica de Erico Veríssimo.

Encontramos, também, *A liberdade de escrever em Erico Veríssimo: o engajamento pela arte, ou a arte pelo engajamento*, outra dissertação de mestrado, escrita por Grace Costa Pedroso para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2014. Nessa dissertação, a autora procura estudar o papel do escritor na sociedade segundo a visão de Erico Veríssimo. Segundo Pedroso, o referido papel problematiza a criação literária e as responsabilidades do escritor. Identificamos, ainda, *Os olhos do gato*, dissertação de mestrado apresentada, em 2005, ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo por Anita de Moraes. Nela, a autora estuda o conjunto de livros de viagens de Erico Veríssimo e faz uma análise do gênero de

---

<sup>5</sup> Verificar Anexo III – Quadro de Produção do autor.

literatura de viagem brasileira, tentando reconstituir a trajetória do narrador. Além disso, busca estabelecer uma relação entre as rotas do viajante e os rumos do escritor. Já Denise de Castro Ananias escreveu a dissertação *Literatura de Viagem: Trajetórias e Percursos – Análise em A Volta do Gato Preto e México de Erico Verissimo*, em 2006, para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e, nela, procura analisar o conceito de narrativa de viagem nas duas obras indicadas no título.

Elza Elisabeth Maran Queiroz da Silva apresentou, para o Programa de Pós-Graduação em História Ibero-Americana da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a dissertação intitulada *Pensando as Fronteiras e as Identidades na Obra de Erico Verissimo: O Continente (1949)*, na qual procurou, a partir da obra *O Continente*, tratar das fronteiras étnico-culturais e das identidades do Rio Grande do Sul.

Rosemar Eurico Coenga escreveu a tese *Infância e Leitura na Memória de Escritores*, pela Universidade de Brasília em 2011, na qual analisa a constituição do autor leitor.

O artigo de Maria Luiza Ritzel Remédios, *México: viagem e autoconhecimento*, publicado na Revista USP<sup>6</sup>, trata da viagem do autor ao México, como o próprio título diz, mas também do tema da viagem presente em seus romances. Nessa perspectiva, a ideia de viajar para os heróis está ligada a transformações pessoais, à promessa de nova vida, à descoberta de um mundo novo.

Em artigo publicado pelo periódico da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, intitulado *Erico Veríssimo e a vida literária brasileira*, Maria da Glória Bordini estuda a atuação do escritor no sistema da cultura brasileira como romancista e editor, além de difusor da literatura e da cultura no país e no exterior. Regina Zilberman escreveu o artigo *Erico Veríssimo: memória, história e tempo recuperado*, para a Revista USP, em 2005. Nele a autora estuda o papel da memória diante da história. *Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro* é outro artigo escrito por Regina Zilberman, dessa vez, para o periódico *Antares: Letras e Humanidades*, em 2010. Nele a autora busca realizar um exame da trajetória da obra do escritor cruz-altense, verificando as inovações

---

<sup>6</sup> Disponível em: [www.revistas.usp.br/revusp](http://www.revistas.usp.br/revusp)



propostas pelos romances, as transformações da poética do escritor e o diálogo que estabelece com a história brasileira do século XX. As autoras Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini publicaram em 2004 o livro *O Tempo e o vento: história, invenção e metamorfose* pela EDIPUCRS, que trata da trilogia composta por *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*.

Esta trilogia, escrita por Erico Veríssimo, teria a intenção de realizar uma “crítica à sociedade e à historiografia sobre o Rio Grande do Sul, principalmente aquela que se apresentava nos livros escolares” (RODRIGUES, 2006, p. 290). Para tanto, o autor se preocupou em consultar a história do Rio Grande do Sul, quando afirma que Veríssimo se utiliza da

(...) consulta a fontes do folclore e da historiografia sulina, procurando especificar os eventos e cenários e coordenando vidas e fatos políticos. Nesse esboço, salientam-se a importância das Missões, o papel fundacional de Pedro Missioneiro, os confrontos entre liberais e terratenentes, envolvendo Rodrigo Cambará, e a sabedoria de Maria Valéria ante a guerra. Prefiguram-se os símbolos fortes do romance, o vento e o punhal, e há a fixação das cronologias, a fim de garantir a coerência da história, bem como da criação de conflitos nas relações pessoais, para evitar a monotonia no ritmo da narrativa. (BORDINI, 2004, p. 68)

Pelo levantamento das pesquisas realizadas, podemos observar que a maioria delas foi apresentada na região sul do país<sup>7</sup> e o interesse incide, em sua maioria, em analisar as diversas obras do autor em sua vertente literária, não enfocando a formação do menino leitor como questão principal, com exceção da pesquisa realizada por Rosemar Coenga (2011), que, ainda que investigue as histórias de leitura de Erico Veríssimo e Pedro Nava, com o intuito de “apresentar como esses escritores se constituíram leitores” (COENGA, 2011, p. 12), enfoca apenas o papel da família no processo de formação do leitor, buscando ainda “estudar a encenação da leitura em Veríssimo e Nava” (COENGA, 2011, p. 29).

Em nossa pesquisa, propomos uma análise não só da família como mediadora no processo de formação do leitor, mas também de outros círculos transitados pelo escritor cruzaltense, como a escola e o contato com vizinhos e empregados contadores de histórias.

Coenga (2011) afirma que a “leitura não é, necessariamente, formação que

<sup>7</sup> Segundo Mello (2012), a crítica literária acadêmica não se debruçou muito sobre a obra de Veríssimo, que ficou mais restrita ao círculo gaúcho, o que também aconteceu por ocasião do lançamento de seus livros, que não receberam críticas favoráveis no eixo Rio-São Paulo, ficando, sob o aspecto da consagração crítica, mais restritos à região Sul.

começa com o vínculo das crianças à escola, mas pelas leituras pessoais que estão no meio familiar e em espaços mais próximos do mundo próprio” (COENGA, 2011, p. 17). Por meio das pesquisas realizadas para a elaboração desta dissertação, percebemos que Erico Veríssimo começou a ler antes mesmo de ser matriculado no Colégio Elementar Venâncio Aires, entretanto não podemos desprezar este espaço como formador de leitores proficientes.

Nosso principal objetivo é entender elementos relacionados à história da leitura no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, refletindo sobre a formação do menino leitor. Para tanto, escolhemos trabalhar com uma autobiografia, que, como tantas outras, a exemplo de *Infância*, romance autobiográfico de Graciliano Ramos, aborda a aquisição da leitura e suas primeiras práticas. Afinal, tal como afirma Coenga (2014, p. 232), “nos textos fundados na memória de leitura – autobiográficos ou ficcionais – há inúmeras figurações do leitor”. A esse respeito, remetemos à pesquisa desenvolvida pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva, que resultou no livro *Uma história da formação do leitor no Brasil*, publicado em 2009.

Entendemos que o trabalho com uma autobiografia, como fonte para uma pesquisa histórica, suscita desafios, visto que esse gênero textual parece encerrar uma tentativa do seu autor de sobreviver a sua própria morte. Sabemos, portanto, que não devemos confiar, plenamente, no que é contado em um livro de memórias, inclusive, naquilo que é contado acerca do processo de aquisição da leitura, porque é um adulto que escreve sobre um passado distante, e, sendo assim, é provável que ocorram distorções em suas reminiscências, que podem ser “refratadas ou coloridas pela experiência posterior de indivíduos letrados, para quem o ato de ler tornou-se importantíssimo, vital, e, ao mesmo tempo, o saber ler foi naturalizado” (CARVALHO, 2011, p. 8).

Mesmo em face dos percalços mencionados, os depoimentos são interessantes para a História da Educação pelo que revelam de peculiar. Nosso interesse é procurar entender os elementos envolvidos na aquisição da leitura, focalizando, em especial, a dimensão afetiva. Em razão dessa perspectiva, um livro de memórias nos pareceu um bom caminho para nos aproximarmos dos gostos literários do homem, que se tornou famoso por escrever obras literárias, romances que misturavam ficção e acontecimentos históricos reais, muitas vezes, para realizar uma crítica à sociedade da época.



Um exemplo de livro que narra acontecimentos fictícios para criticar a realidade da época é *Incidente em Antares*, publicado em 1971, o último romance finalizado por Erico, com a intenção de encerrar a série de obras dedicadas à vida metropolitana, segundo Bordini (2005-2006).

Por tudo isso, tomamos como referência os estudos de Chartier (1991, 1994, 1999), que se propõem entender a leitura como uma prática social, já que o sujeito leitor é um indivíduo considerado no conjunto de suas relações sociais, que faz parte de uma determinada realidade, com experiências acumuladas ao longo da vida.

Conforme afirma Almeida<sup>8</sup>, em diálogo com Chartier (2014),

(...) a leitura está relacionada diretamente às experiências que o indivíduo possui e estas, por sua vez, são condicionadas pelas ofertas da sociedade. Portanto, a leitura não pode se realizar desvinculada da realidade concreta e fora do conjunto das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido. (ALMEIDA, 2014, p. 13)

Faz-se necessário registrar que ainda que tenhamos adotado, como delimitação temporal, o período que se inicia no ano de 1912 e termina no ano de 1922, ano esse em que Erico foi matriculado na escola da cidade de Cruz Alta e quando, posteriormente, abandona os estudos sem se formar devido à separação dos pais, em alguns momentos do texto, recorreremos a passagens da vida do autor, com ele mais velho, por entendermos que seria válido para uma melhor compreensão de seus sentimentos quanto às leituras realizadas.

Para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, no primeiro capítulo, *Memórias de Erico Veríssimo*, realizaremos uma análise da autobiografia escrita pelo autor Erico Veríssimo, tendo em vista contribuições para os estudos em História da Educação e em pesquisas autobiográficas, utilizando, de um lado, *Solo de Clarineta* e as reflexões do próprio Veríssimo, acerca das escritas de si e o sentido de verdade ali registrados, e, de outro, os debates dos estudiosos Jacques Le-Goff (1989), Roger Chartier (1994, 1999), Philippe Lejeune (2008), Antonio Viñao Frago (2000) e Robert Darnton (1990).

Como estudaremos um escritor que nos conta sobre suas variadas leituras e o quanto elas o influenciaram, apropriar-nos-emos das palavras de Darnton quando

---

<sup>8</sup> Patrícia Vianna Lacerda de Almeida faz parte do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação e defendeu sua dissertação intitulada *Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933)*, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cabral da Silva, em 2014, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

afirma que

Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio. (DARNTON, 2010, p.125)

No segundo capítulo, intitulado *O menino leitor de Cruz Alta. Sujeitos e espaços mediadores*, analisamos a formação da criança como leitora e as possibilidades de aprendizagem da leitura, considerando o ambiente e os círculos sociais percorridos como mediadores para essa aprendizagem.

Mesmo vivendo em um ambiente familiar no qual a leitura era considerada importante, seja pela formação por ela oferecida ou pelo *status* social que produzia, Erico acreditava que não possuía capital cultural<sup>9</sup> acumulado de maneira legítima. Por isso, dizia “Já chegara à firme conclusão de que me faltava talento para a poesia e carecia de cultura para o ensaio. Restava-me tentar a ficção” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 192-193). Mencionava seu provincianismo e a surpresa de frequentar círculos sociais, como no período em que trabalhou na União Pan-Americana, quando dizia: “E toda essa gente estava sob as ordens dum sujeito que nem sequer havia terminado o curso ginásial do Colégio Cruzeiro do Sul” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 287).

Esse período de trabalho na União Pan-Americana foi a convite de João Neves da Fontoura<sup>10</sup>, Ministro das Relações Exteriores da época, e em substituição a Alceu Amoroso Lima<sup>11</sup>. Lá, Erico Veríssimo trabalhava no Departamento de Assuntos Culturais.

Em *Solo de Clarineta* (2005a), Veríssimo enumera suas atribuições na União Pan-Americana:

---

<sup>9</sup> Esse conceito está associado à noção de conhecimento e às diversas formas de compreendê-lo, mas também está voltado aos costumes e à cultura, produzida em diferentes contextos. Caracteriza-se, também, como um conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada pessoa e grupo social. Seria ele o responsável pelo rendimento dos agentes no sistema de ensino, e difere segundo a origem social dos diversos grupos de agentes, ratificando o rompimento com o mito do dom e das habilidades inatas. Conferir em BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>10</sup> Nascido em 1887, na cidade de Cachoeira do Sul, RS. Faleceu em 1963, no Rio de Janeiro, Guanabara. Foi escritor, político e diplomata. Foi ministro das Relações Exteriores durante os governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra.

<sup>11</sup> Nascido em 1893, no Rio de Janeiro, Distrito Federal, e falecido em 1983, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Foi crítico literário, professor e escritor.

Não tinha idéia de que minhas funções administrativas fossem tão amplas e complexas. Cabia-me supervisionar muito de perto as diversas divisões e seções do departamento: Educação, Filosofia e Letras, Música e Artes Visuais, Ciências Sociais, a Biblioteca de Colombo – para que todas cumprissem o programa que o Conselho Cultural Interamericano lhes havia traçado. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 284)

No que diz respeito às possibilidades de reconstrução simbólica na vida social, Sérgio Miceli (2001, p. 163) ressalta que

[...] não há chance de obter nenhuma garantia de objetividade acerca do mundo social a menos que os produtores dessa reconstrução simbólica – sejam eles artistas, escritores ou cientistas – tenham vivido a experiência dramática de serem desalojados da posição social que os seus vinham ocupando, a única maneira de se familiarizarem com outros pontos de vista sem que por isso consigam se desvencilhar do setor da classe dirigente de que são originários.

Mesmo considerando essa suposta desvantagem cultural, ao conseguir o emprego na Revista do Globo<sup>12</sup>, a partir de 1931, e depois como editor na seção editora da Livraria do Globo<sup>13</sup>, conviveu com inúmeros intelectuais do Rio Grande do Sul e do restante do país. Entre eles podemos citar Athos Damasceno<sup>14</sup>, Maurício Rosenblatt<sup>15</sup>, Mário Quintana<sup>16</sup>, Manoelito de Ornellas<sup>17</sup> e Augusto Meyer<sup>18</sup> (VERÍSSIMO, 2011, p. 55).

O terceiro capítulo da dissertação é intitulado *As leituras do menino Erico*. Nele, privilegiaremos as leituras praticadas por Veríssimo em casa, na biblioteca de seu pai e as praticadas na escola, buscando compreender como tais leituras

<sup>12</sup> Nesse período, foi secretário de redação da Revista do Globo.

<sup>13</sup> Nesse período, participa da concepção das coleções *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*.

<sup>14</sup> Contemporâneo de Erico Veríssimo, nasceu em Porto Alegre em 3 de setembro de 1902 e faleceu em 1975, na mesma cidade. Foi poeta, romancista, cronista, tradutor e crítico literário. Tradutor da Editora Globo.

<sup>15</sup> Editor radicado em Porto Alegre desde 1925, foi convidado por Erico Veríssimo para trabalhar na Livraria do Globo. Foi diretor da sucursal da editora no Rio de Janeiro de 1942 a 1953, segundo informação extraída do site do Instituto Moreira Salles.

<sup>16</sup> Nasceu em 30 de julho de 1906, na cidade de Alegrete e faleceu, em Porto Alegre, em 5 de maio de 1994. Trabalhou na Livraria do Globo sob direção de Erico Veríssimo em 1936.

<sup>17</sup> Nasceu em Itaqui, em 17 de fevereiro de 1903. Jornalista e escritor, foi redator de jornal e diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Faleceu em 8 de julho de 1969, na cidade de Porto Alegre.

<sup>18</sup> Augusto Meyer nasceu, na cidade de Porto Alegre, em 24 de janeiro de 1902 e faleceu em 1970, no Rio de Janeiro. Trabalhou com Erico Veríssimo na Livraria do Globo, além de colaborar com jornais de circulação no Estado do Rio Grande do Sul, como o *Diário de Notícias*.

afetavam o menino a ponto de ele chegar a emitir sua opinião sobre os livros utilizados pela escola, quando relatava que eram

(...) feios, mal impressos em papel amarelado e áspero – [...]. Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal, eles nos apresentavam a história do nosso estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas) (2005a, p. 265).

Também, emitiu sua opinião sobre os livros e autores que traduziu, como o depoimento sobre o trabalho de tradução de Edgar Wallace<sup>19</sup> realizado no início de sua carreira. No livro *Um certo Henrique Bertaso*<sup>20</sup>, conta que sentiu imenso tédio ao traduzir o livro de Wallace. Em seu conceito, *O Sineiro*, de Wallace era mal escrito. Em razão disso, permitiu-se realizar modificações no texto:

Será demasiada pretensão afirmar que em português ficou melhor que o original? Acho que não, pois dizem que Wallace – que não se preocupava com a forma literária – costumava ditar a seus secretários duas estórias ao mesmo tempo, caminhando dum lado para o outro e fumando como um desesperado, cigarro sobre cigarro. (VERÍSSIMO, 2011, p. 41)

Para o desenvolvimento da pesquisa, destacamos a visita aos seguintes acervos: Instituto Moreira Salles, Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo, Museu Erico Veríssimo. A consulta aos acervos foi importante para a busca de documentos e fotos que auxiliassem a contextualizar as experiências narradas por Erico Veríssimo em seus livros de memórias.

Procurei manter sem alterações ortográficas ou sintáticas as citações das fontes documentais consultadas por entender que a linguagem da época não dificulta a compreensão dos textos.

<sup>19</sup> O livro traduzido foi *O Sineiro*, escrito em 1929, sob o título de *The Ringer*, por Edgar Wallace, nascido em 1 de abril de 1875 e falecido em 1932. Foi jornalista, dramaturgo e romancista inglês, escreveu histórias policiais e de suspense. Conferir Anexo I – Cronologia de Apoio.

<sup>20</sup> Biografia de Henrique Bertaso escrita por Erico Veríssimo, em 1972. Conta a história de Bertaso, em Porto Alegre e de Veríssimo, em Cruz Alta, até que se encontram na capital do Estado para trabalhar na Livraria do Globo. Conferir Anexo I – Cronologia de Apoio.

## 1 MEMÓRIAS DE ERICO VERÍSSIMO

A memória é uma coisa complicada, uma parente da verdade, mas não sua gêmea.

*Barbara Kingsolver*

Nada fixa alguma coisa tão intensamente na memória como o desejo de esquecê-la.

*Michel de Montaigne*

Este capítulo tem como eixo de discussão as memórias de Erico Veríssimo<sup>21</sup>, compartilhadas pelo escritor em seu livro *Solo de Clarineta*. A exemplo do ensaio intitulado *Luvras Brancas*, de John Kotre (1997), podemos pensar em conceitos como espaços, lugares, objetos e sujeitos autobiográficos<sup>22</sup>.

Erico Veríssimo foi um escritor bastante reconhecido no mundo literário com romances como *Clarissa*<sup>23</sup>, *Olhai os lírios do campo*<sup>24</sup> e *O Tempo e o Vento*<sup>25</sup>. O *Diário de Notícias*<sup>26</sup>, periódico gaúcho, no dia 30 de junho de 1938, publicou a matéria “*Olhai os lírios do campo – um brilhante recorde de livraria*”, que afirmava que “o romance bateu todas as vendas até então registradas – 527 exemplares nos primeiros cinco dias”. Pode parecer pouco para os dias atuais, mas é necessário lembrarmos que a publicação de *Olhai os lírios do campo* foi em 1938. Segundo Mello (2012), a primeira tiragem de 7 mil exemplares esgotou-se quarenta dias após

<sup>21</sup> Ver Cronologia de Apoio, p. 159.

<sup>22</sup> Agradeço as contribuições da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Christina Venâncio Mignot por ocasião do exame de Qualificação.

<sup>23</sup> Obra de Erico Veríssimo, publicada em 1933, pela Editora do Globo. Ambientada em 1932, ano em que a protagonista completa 14 anos de idade.

<sup>24</sup> Romance publicado por Erico Veríssimo em 1938, cujo título é baseado em trecho do *Sermão da Montanha*, também conhecido como *Olhai os lírios do campo* ou *Olhai os pássaros no céu*.

<sup>25</sup> Romances escritos por Erico Veríssimo, respectivamente, no início da carreira (*Clarissa*, 1933 e *Olhai os lírios do campo*, 1938) e em momento de maior maturidade literária (os três volumes de *O Tempo e o Vento*, 1949; 1951; 1961).

<sup>26</sup> Depositário: Arquivo d’ *O Diário de Notícias*.

o lançamento da primeira edição. A segunda edição foi de 5 mil exemplares. Antes do final do ano, a terceira edição foi lançada, contando 10 mil unidades. Segundo o jornal *Correio do Povo*<sup>27</sup>, na edição de 1º de setembro de 1938, tal fato era inédito na história da literatura brasileira.

Em janeiro de 1939, foi lançada a 4ª edição. A 5ª edição foi lançada em março e até a 7ª edição foram 28 mil exemplares impressos. O sucesso de vendas foi lembrado por Erico Veríssimo em *Solo de Clarineta I*: “as edições de *Olhai os lírios do campo* continuavam a suceder-se e esgotar-se. Eu experimentava as primeiras sensações de notoriedade” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 250).

Não à toa, encontramos em seu estado natal, Rio Grande do Sul, vários espaços dedicados ao autor, entre eles, o Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo<sup>28</sup>, na cidade de Porto Alegre e o Museu Erico Veríssimo<sup>29</sup>, na cidade de Cruz Alta, além do espaço dedicado à Editora do Globo, que registra momentos da vida do escritor quando foi funcionário da editora sul-rio-grandense.

É possível encontrar, ainda, material do acervo do escritor, no Instituto Moreira Salles<sup>30</sup>, na cidade do Rio de Janeiro, proveniente da Associação Cultural Acervo Literário Erico Verissimo (ACALEV), formado por biblioteca com livros, periódicos, manuscritos e datiloscritos de obras como *Clarissa*, *O arquipélago*<sup>31</sup> e *Incidente em Antares*<sup>32</sup>. Há, também, o romance inacabado, *A hora*

<sup>27</sup> Depositário: Arquivo do jornal *Correio do Povo*.

<sup>28</sup> O Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo (CCCEV) foi inaugurado em 17 de dezembro de 2002. Fica abrigado no antigo prédio Força e Luz, construído em 1928, na Rua dos Andradas, 1223, Centro Histórico.

<sup>29</sup> Inaugurado em 1969, funciona na antiga casa da família Veríssimo. Lá funciona também a Fundação Erico Veríssimo. Visitado por mim para o levantamento de fontes documentais para a pesquisa em março de 2015.

<sup>30</sup> Instituição fundada em 1992 na cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais. Atualmente, presente em Poços de Caldas – MG, Rio de Janeiro – RJ (espaço visitado para esta pesquisa) e São Paulo – SP. Abriga patrimônios em Fotografia, Música, Literatura e Iconografia.

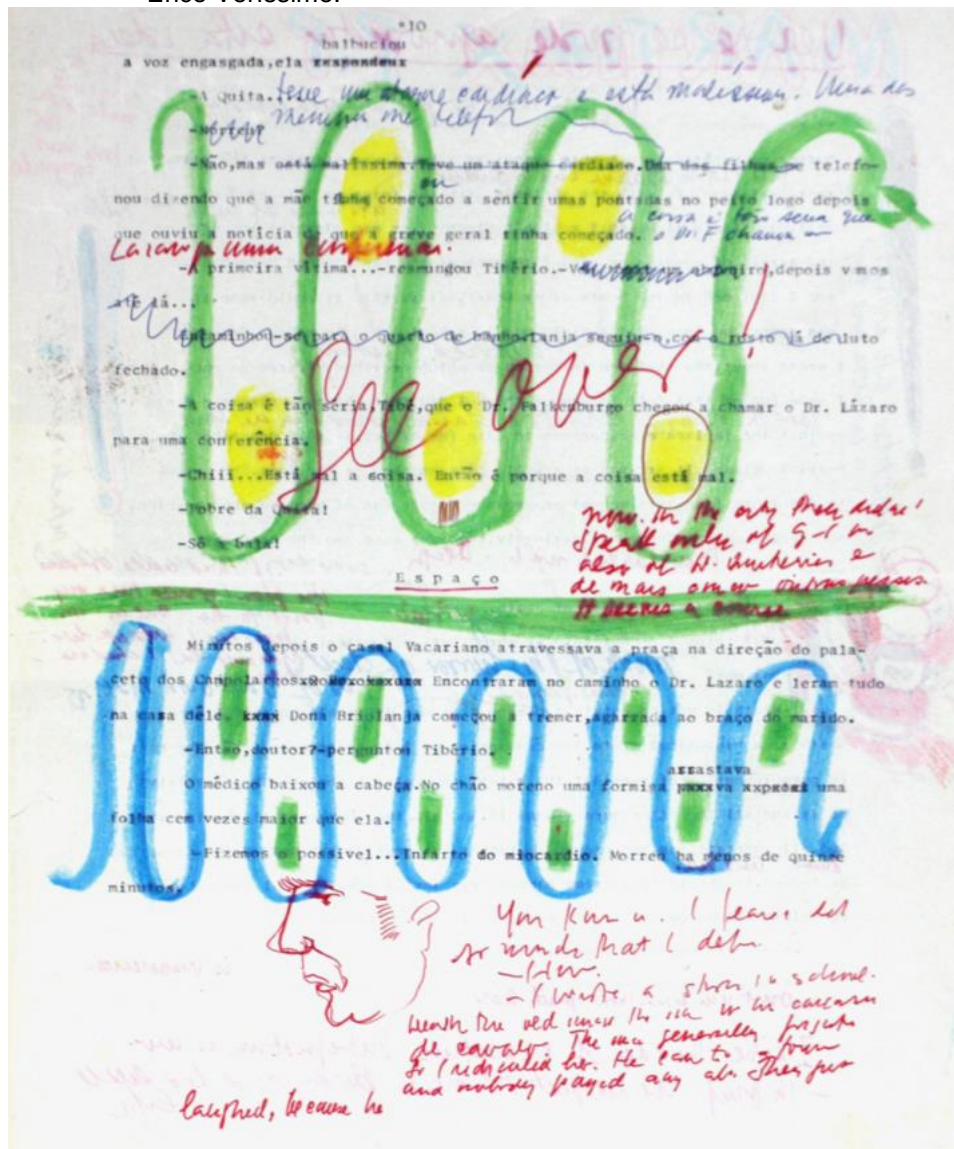
<sup>31</sup> Obra composta de dois volumes, publicada na íntegra, em 1962, mas com publicação de trechos, em 1958, no livro *O ataque*, e dos dois primeiros capítulos, em 1961. Este é o volume que encerra a trilogia *O tempo e o vento*. A obra *O ataque* é um livro de contos, escrito por Érico Veríssimo, cuja última narrativa, com o mesmo título da obra, é um capítulo inédito do último volume de *O Tempo e o Vento*.

<sup>32</sup> História que se passa em 1963, na cidade de Antares. Conta a indignação de insepultos à espera de serem enterrados enquanto acontece uma greve geral na cidade. Publicado em 1971.

do sétimo anjo<sup>33</sup>, além de rascunhos e notas, fotografias, recortes de jornais e de revistas.

Vale mencionar um fato curioso sobre o escritor cruz-altense, que pode ser encontrado no IMS: Erico revisava seus escritos e fazia anotações, curiosamente, em inglês, língua que, por sua concisão, o romancista julgava ideal nesse estágio de concepção, como pode ser percebido em originais disponíveis no Instituto e que foram indicados na obra *Cadernos de Literatura Brasileira*, vol. 16, em área destinada a *Manuscritos/Inéditos*.

Figura 4 - Imagem do manuscrito de *Incidente em Antares*, com anotações, em inglês, feitas pelo próprio autor. É um texto inédito que não chegou a ser incluído na edição definitiva, segundo informações do CEEE Erico Veríssimo.



Fonte: Depositário CEEE Erico Veríssimo.

<sup>33</sup> Romance inacabado por ocasião da morte do escritor em 1975.

Nota-se que, apesar de romancista reconhecido nas malhas do sistema literário, Erico Veríssimo se dedicou, também, a escrever obras memorialísticas, como sua autobiografia, *Solo de Clarineta*, composta em dois volumes. Esta foi a fonte privilegiada escolhida para a presente dissertação, visto que, por seu intermédio, Erico compartilha, com o leitor, momentos de sua infância, adolescência e vida adulta, narrando episódios vividos, em Cruz Alta, no Colégio Elementar<sup>34</sup> Venâncio Aires e na Aula Mista Particular de Dona Margarida Pardelhas<sup>35</sup>. O escritor narra também os anos vividos no Colégio Cruzeiro do Sul, na capital do Estado, Porto Alegre; além das primeiras experiências laborais e no mundo literário. Trata-se de uma narrativa entremeada aos acontecimentos vividos por sua família<sup>36</sup>, caracterizando cada um dos Veríssimo, habitantes do sobrado que fora, palco de festas organizadas por seu pai, Sebastião Veríssimo.

Por tratarmos aqui de escritas autobiográficas, consideramos necessário operar com conceitos referentes às escritas de si<sup>37</sup>, autobiografia e memórias, que têm recebido tratamento no campo de História da Educação a partir de diferentes autores. Reconhece-se, assim, o diálogo existente entre pesquisas no âmbito da história educacional, tanto nacional quanto internacionalmente, e a chamada Nova

---

<sup>34</sup> Criado pelo Decreto 1479 de 26 de maio de 1909, que modificava o programa do Ensino Complementar. Considerado um “novo” modelo de organização da escola, com professor regente em cada classe, diretor e secretaria, dispôs sobre conteúdos, organização e distribuição do tempo, além do método de ensino (intuitivo), dos espaços (biblioteca, gabinetes, salas) e todo um conjunto de novas regulações. Os primeiros foram os de Santa Maria, Santa Cruz, Montenegro, Bagé, Rio Pardo, Encruzilhada, São Jerônimo, São Sebastião do Cai e Bento Gonçalves. Já o Decreto 1576 de 27 de janeiro de 1910 estabelece o Regimento Interno destes Colégios e em seu Artigo 5º indica como será o ensino de leitura: As lições de leitura serão dadas à primeira lição da primeira classe, na fôrma do artigo anterior, em mappas muraes, pelo methodo de João de Deus. Estes documentos foram acessados no site <https://repositorio.ufsc.br>, em 4 de julho de 2015.

<sup>35</sup> Professora nascida em 4 de maio de 1886, na cidade de Porto Alegre, foi diretora de Escolas Normais em Porto Alegre e Pelotas. Foi, também, uma das primeiras mulheres historiadoras no Estado, segundo artigo de Sandra Jatahy Pesavento, *Mulheres e História: a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteira* (Rio Grande do Sul, Brasil), disponível em <https://periodicos.ufsc.br>.

<sup>36</sup> Ver Genealogia dos Veríssimo no Anexo IV, p. 168.

<sup>37</sup> Conceito proposto por Angela de Castro Gomes, no livro *Escrita de si, escrita da história*, publicado em 2004 pela Editora FGV. Nele, a autora afirma que, no Brasil, são ainda poucos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre os escritos sobre a memória, e que as iniciativas que se encontram são do campo da literatura e, recentemente, da história da educação, embora um importante espaço para este debate se apresente nos Congressos Internacionais de Pesquisa Autobiográfica – CIPA, em sete, quais sejam: I CIPA – Porto Alegre; II CIPA – Bahia; III CIPA – Natal; IV CIPA – São Paulo; V CIPA – Porto Alegre; VI CIPA – Rio de Janeiro; VII CIPA – será realizado em Cuiabá.



História Cultural<sup>38</sup>, movimento que não considera os documentos simples reflexos do passado, mas ações simbólicas com significados diferentes, conforme a interferência dos autores e suas estratégias.

A partir desse movimento, a utilização da memória, entendida, aqui, como um elemento que se constitui nas relações humanas, em seus mais diferentes tempos e espaços (LE GOFF, 1989), como objeto do historiador, passou a ser aceita e incentivada.

Em acréscimo, o trabalho do sociólogo francês Pierre Bourdieu nos propõe o conceito de ilusão biográfica<sup>39</sup>. Segundo este conceito, os relatos biográficos ou autobiográficos apresentam sempre um movimento de seleção de acontecimentos significativos, com o intuito de criar conexões e coerência na vida reconstruída. Por esse motivo, Bourdieu afirma, então, que

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 2005, p. 184)

As ferramentas, os critérios, os caminhos e as soluções técnicas e estéticas de que se vale o escritor para construir suas memórias acabam por revelar a percepção e as intenções deste em relação à sua obra. Não são todas as suas memórias que o autor quer revelar aos leitores do livro. A vida do autobiografado, segundo Bourdieu (2005), transcorreria seguindo uma ordem cronológica, mas que seria, similarmente, uma ordem lógica. As memórias iniciar-se-iam com uma pretensa origem, que poderia ser, também, sua motivação original, sua razão de ser e estender-se-ia até seu término, seu objetivo. No entanto, esta visada não passa de pura ilusão, já que:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o

<sup>38</sup> Segundo Burke (2005, p. 48), ocorreu um deslocamento gradual no uso do termo cultura pelos historiadores. Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora inclui, também, a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modo de vida. Em outras vertentes, os historiadores se aproximaram da visão de cultura dos antropólogos. Ver, também, Burke (2000).

<sup>39</sup> Preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, uma constância de si mesmo, por intermédio da instituição de relações inteligíveis que ordenam o relato autobiográfico (BOURDIEU, 2005, p. 184).

relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2005, p. 185, grifos nossos)

Em uma passagem de sua autobiografia, temos Erico Veríssimo fazendo indagações acerca desse movimento, “talvez porque tenha chegado à conclusão de que nem tudo que acontece na vida real torna-se necessariamente verossímil quando transposto para o plano da ficção” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 278). O escritor cruz-altense observa, ainda, que o inconsciente tem papel de grande importância para a narrativa literária. E, acrescentamos, para a narrativa autobiográfica. Em suas palavras, temos:

Estou convencido de que o inconsciente representa um papel muito importante – mais do que o escritor geralmente quer admitir – no ato da criação literária. Costumo comparar nosso inconsciente com um prodigioso computador cuja “memória” durante os anos de nossa vida (e desconfio que os primeiros dezoito são os mais importantes) vai sendo alimentada, programada com imagens, conhecimentos, vozes, idéias, melodias, impressões de leitura, etc. [...] O “computador” – à revelia de nossa consciência – começa a “sortir” todos esses dados, escondendo tão bem alguns deles, que passamos anos e anos sem que tenhamos sequer conhecimento de sua existência. Quando, por exemplo, nos preparamos para escrever um romance e começamos a pensar nas personagens, o “computador”, sensível sempre às nossas necessidades, rompe a mandar-nos “mensagens”, algumas boas – “pedaços” físicos ou psicológicos de pessoas que conhecemos – outras traiçoeiras – recordações de livros lidos e “esquecidos” que nos podem levar ao plágio. Cabe ao consciente fazer a seleção, repelir ou aceitar as mensagens do “computador”. Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 293)

Nas palavras de Roig, “a autobiografia dentro dos gêneros literários é uma expedição à procura da verdade” (ROIG, 2010, p. 10), é uma construção narrativa na qual uma pessoa se debruça sobre o passado com o olhar do presente e recorre à memória, repleta de mitos e de “criações” do imaginário pessoal e coletivo. Mas que verdade seria essa a qual o pesquisador se refere? Se a memória é repleta de mitos e de criações, seria possível falar em verdades na escrita autobiográfica?

Molloy (2003, p. 27), ao tratar do mesmo tema, considera que

a autobiografia é sempre uma representação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa. A vida é sempre, necessariamente, uma história; história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa..

O teórico menciona, também, que as cenas de leitura são bastante comuns em muitas autobiografias de escritores da América hispânica, ou até mesmo em autobiografias de outras nacionalidades, quando aponta que

Referências a livros, nas autobiografias, podem tomar muitas formas. Vou lidar aqui com a referência explícita e considerar uma estratégia frequente do autobiógrafo hispano-americano o destaque do ato de ler. Tratado como uma cena primária textual, pode ser posta em pé de igualdade com aquelas formas privilegiadas – a primeira lembrança, a elaboração do romance familiar, a fabulação da linhagem, a encenação do espaço autobiográfico, etc. – que ocorrem com mais frequência como autobiografemas básicos. O encontro do sujeito com o livro é crucial: o ato de ler é frequentemente dramatizado, evocado em uma particular cena de infância que subitamente confere sentido a toda a vida. (MOLLOY, 2003, p. 33, grifos nossos)

Se considerarmos, como afirma Bourdieu (2005), que o início de uma autobiografia seria a razão de ser do autor, poderíamos considerar também que o início da aquisição da leitura seria como uma razão de ser do escritor, que perceberia esse início como os primórdios de sua condição de escritor.

Em sua narrativa autobiográfica, Erico, como muitos outros escritores que narraram suas memórias, começa pelo seu nascimento, recorrendo a memórias de histórias contadas por familiares. Continua com sua infância, desde os episódios de que consegue se lembrar, na mais tenra idade, e, por isso, não poderia suprimir a escola e suas experiências nesse ambiente. Esse movimento de compartilhar lembranças de situações escolares e os primeiros passos no aprendizado sistematizado da instituição escolar é adotado por outros autores, dentre eles, Pedro Nava<sup>40</sup>.

Ao ler a autobiografia de Erico Veríssimo, observamos que ele frequentava o Colégio Elementar Venâncio Aires. Segundo Faria Filho, este tipo de instituição escolar surge a partir da “afirmação paulatina da importância da instituição escolar”, que resultou em uma substituição da “escola de primeiras letras pela instrução elementar” (FARIA FILHO, 2007, p. 138). Ainda, segundo Faria Filho, mesmo que a palavra “elementar” mantenha a ideia de rudimentar, ela permite pensar naquilo que é o princípio básico de alguma coisa, sem o qual não é possível continuar. A “instrução elementar” incluía, além do básico ler, escrever e contar, conteúdos como

---

<sup>40</sup> Pedro Nava (5 de junho de 1903 – 13 de maio de 1984) foi um médico e escritor brasileiro, que participou da geração modernista de Belo Horizonte. Escreveu, nessa direção, *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão-de-Ferro* (1976), entre outros.

rudimentos de gramática, de língua pátria, de aritmética, ou ainda, rudimentos de conhecimentos religiosos (FARIA FILHO, 2007, p. 1390).

Como relatado em *Solo de Clarineta I*, a primeira lembrança do Colégio Elementar Venâncio Aires refere-se à cartilha utilizada e que Veríssimo pôde “saltar”, por já dominar a leitura.

Aos sete anos eu havia sido matriculado no Colégio Elementar Venâncio Aires. Como já sabia ler passavelmente bem, pude saltar por cima da cartilha primária do *uva, ovo, avô* e cair num livro que começava com a história de duas irmãs, Guiomar e Júlia<sup>41</sup>. (VERÍSSIMO, 2005a, p.98)

Ainda que o livro didático seja uma das modalidades mais antigas da escrita, segundo Fernández e Kanashiro (2011, p. 137), ele “é considerado o *primo-pobre da literatura* ao mesmo tempo em que se converte em primo-rico das editoras”. Primo-pobre porque não é tão valorizado quanto os livros literários, em geral, o são. Primo-rico no sentido de que sua venda é garantida, gerando lucros para a editora.

Conforme afirma Darnton (1990), a história do livro, material, não é recente, porém, a história das **formas de consumo do livro**, da leitura do livro, é relativamente nova e foi introduzida basicamente a partir dos anos 1960, principalmente, na França.

Nesse mesmo livro, Erico, também, relata momentos na Aula Mista Particular<sup>42</sup> de D. Margarida Pardelhas, na qual fora matriculado por seus pais:

Meus pais me faziam também freqüentar a Aula Mista Particular da famosa professora d. Margarida Pardelhas – inesquecível figura de educadora que fez história na nossa cidade e fora dela. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 99)

A aula particular que o menino Erico frequentava foi uma iniciativa da professora Margarida Pardelhas e era conhecida, segundo pistas encontradas na própria autobiografia de Veríssimo e em textos, como o de Eduardo Arriada, como *A Educação Secundária na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do Ensino Público* (2007), uma escola particular, que foi criada para

<sup>41</sup> Embora tenhamos pesquisado na tentativa de identificar tal cartilha, não obtivemos êxito. Como o autor não menciona o título da cartilha em sua autobiografia, não conseguimos precisar qual seria ela, ainda que tenhamos como pista a informação de ser a história das irmãs Guiomar e Júlia.

<sup>42</sup> As Aulas Particulares foram criadas para agrupar as escolas que não eram subvencionais, estrangeiras, profissionais ou maçônicas, organizadas de diferentes formas por professores individuais, grupos de docentes ou civis, segundo Abreu (2013).

suprir as deficiências do ensino público. Em *Solo de Clarineta*, lemos que o menino frequentava o Colégio da cidade, o Elementar Venâncio Aires e uma Aula Particular, que também era mista, ou seja, destinada a meninos e meninas. Entendemos que essas “Aulas” eram escolas fundadas e que coexistiam com as escolas públicas. Segundo Reverbel, sua notoriedade

vinha desde 1832, quando foram fundados os primeiros colégios particulares de projeção que começaram a ser frequentados por estudantes oriundos de quase todos os rincões gaúchos (REVERBEL, 1981, p.35)

A admiração de Erico Veríssimo pela educadora era tanta que, em trecho de sua autobiografia, a descreve da seguinte forma:

[...] Sempre tive por essa grande educadora uma certa afeição tingida de temeroso respeito. [...] Recordo-me frequentemente dessa minha professora sentada atrás de sua mesa, em cima do estrado, tomando notas num caderno. Quando se ouviam murmúrios na aula, erguia a cabeça seus óculos relampejavam, e ela exclamava: ‘Ai! Ai! Ai!’. E os ruídos morriam instantaneamente. [...] (VERÍSSIMO, 2005a, p. 87- 88)

Ao narrar sua ida, para Porto Alegre, para estudar no Colégio Cruzeiro do Sul, então com 15 anos, mostra sua insatisfação com a matrícula que o levaria para longe de sua cidade natal e das paixões de um jovem.

Naqueles últimos meses de 1919 meu pai decidiu que eu iria fazer o curso ginásial em Porto Alegre, como interno num colégio fundado por missionários americanos da Igreja Episcopal Brasileira. Imaginava que os ianques poderiam com banhos frios e ginástica transformar seu primogênito num atleta como Douglas Fairbanks<sup>43</sup>. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 128)

D. Bega começou a preparar o enxoval para o meu noivado com o internato. Fui devidamente matriculado no ginásio episcopal por minha mãe, que pagou a matrícula com o seu dinheiro. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 128)

Andei macambúzio naqueles meses de princípios de 1920. Doía-me a ideia de ter de passar nove meses inteiros longe de minha gente e de minha casa. Um novo capítulo na minha vida estava por começar. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 128)

---

<sup>43</sup> Ídolo da época do cinema mudo e que personificou o heroísmo nas telas. Interpretou personagens como Zorro, D’Artagnan e Don Juan, segundo site [www.hollywodiano.com.br](http://www.hollywodiano.com.br), acessado em 14 de junho de 2015.

Figura 5 - Erico (4º da direita para a esquerda, na 2º fila), com o quepe tombado para o lado, com a turma do Colégio Cruzeiro do Sul, Porto Alegre, 1921 – ALEV



Esse microcosmo de um colégio interno é retratado em *O Ateneu*<sup>44</sup>, escrito por Raul Pompeia e publicado primeiro, em 1888, no jornal *Gazeta de Notícias*, no qual era lançado, periodicamente, como folhetim. A segunda edição só surge, em 1905, ano de nascimento de Erico Veríssimo e dez anos após a morte de Pompeia.

O livro narra o período em que Sérgio é aluno do colégio, desde sua matrícula e dos preparativos para o início das aulas até o encerramento das atividades do colégio. Nessa história, a entrada da personagem Sérgio, no *Ateneu*, representa para o próprio, a passagem da infância para a vida adulta, já que se afastará dos pais e, principalmente, dos cuidados da mãe. Não podemos dizer que seria o mesmo sentimento de Erico Veríssimo pelo Colégio Cruzeiro do Sul, para onde foi tristonho por se afastar de sua família, de seus amores de juventude e de interesses de rapaz. Vale ressaltar que sentimentos são narrados em *O ateneu* e em *Solo de Clarineta* pelos escritores, ainda que com filtros.

Erico escreveu o primeiro livro de sua autobiografia, publicada em 1973, que se inicia com a infância do escritor até a década de 1950, quando Dave Jaffe pede

<sup>44</sup> Publicado, como folhetim, no jornal *Gazeta de Notícias*, e depois pela editora de Francisco Alves, no Rio de Janeiro.

sua filha Clarissa em casamento<sup>45</sup>, e parte do segundo, que é iniciado com o casamento de Clarissa, com o registro de suas viagens pelos Estados Unidos e pela Europa. Esse segundo volume foi finalizado por Flávio Loureiro Chaves<sup>46</sup>, com auxílio de instruções deixadas pelo próprio escritor gaúcho, e publicado, em 1976, após a morte do autor.

É nesse livro que percebemos a importância dada por Erico Veríssimo à casa onde viveu em Cruz Alta. Uma casa por ele desejada e imaginada; não, necessariamente, cópia fiel da construção real.

Creio necessário esclarecer que a família Cambará<sup>47</sup> não é positivamente uma projeção dos Veríssimo no domínio da ficção, assim como Santa Fé não é uma cópia de papel carbono de Cruz Alta. O próprio sobrado dos Terra-Cambará. O casarão da “realidade” só tinha de colonial um portão com belos azulejos de Alcobaça – brancos e azuis, com um lírio amarelo em relevo – mas o prédio propriamente dito era de estilo incaracterístico. (VERÍSSIMO, 2005a, p.14)

Figura 6 - Sobrado dos Veríssimo - Acervo Unimed Planalto Central/RS



<sup>45</sup> A esse respeito ver Anexo IV – Genealogia.

<sup>46</sup> Professor titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Caxias do Sul, com formação na área de Língua Portuguesa e Literatura, segundo informações extraídas da plataforma Lattes - CNPQ.

<sup>47</sup> Segundo Zilberman (2006), é a família que constitui a matéria principal do romance *O Tempo e o Vento*, publicado em 1949 (*O Continente*), 1951 (*O Retrato*) e 1961 (*O Arquipélago*).

Philippe Lejeune observa, em *O pacto autobiográfico*, que é bastante “difícil escrever a própria vida, uma vida particular, em uma língua comum na qual nos dissolvemos. É tão intimidante, e pretensioso, se apresentar aos outros” (LEJEUNE, 2008, p. 89). É tão complexo escrever experiências particulares, sabendo que aqueles que se interessarem em comprar o livro terão acesso a elas. Como se apresentar aos outros? Contando o quê? Será que as experiências contadas serão bem vistas e aceitas?

Erico planejava essa escrita de experiências vividas como forma de garantir sua publicação, mesmo em caso de sua morte. Assim sendo, planejava como essas experiências ganhariam lugar no papel, de que forma seriam escritas e, por que não dizer, o que seria compartilhado com o leitor, como poderemos observar na figura 7, mais a frente.

Ao viver um acontecimento, adequamo-nos a ele e registramos nossas impressões, a respeito do que realmente nos marcou. Dessa forma, fabricamos nossa narrativa, já que esta é criação e renovação dos acontecimentos por meio da palavra, seja ela falada ou escrita. Ainda na perspectiva de Lejeune, “transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativas” (LEJEUNE, 2008, p. 74).

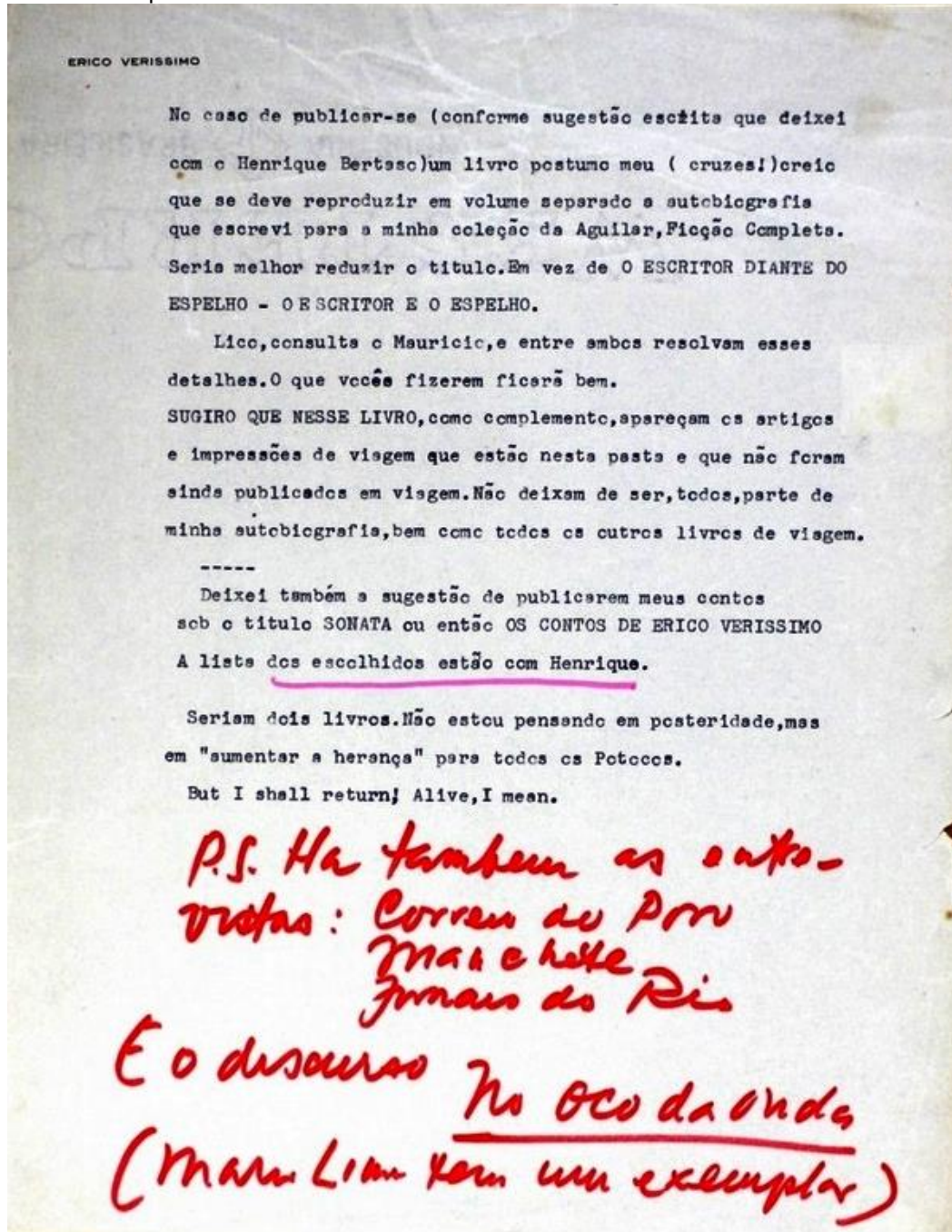
Lejeune, também, esclarece que “os relatos autobiográficos, obviamente, não são escritos apenas para ‘transmitir a memória’”; eles têm como uma de suas funções constituir “o espaço em que se elabora, se reproduz e se transforma uma identidade coletiva” (LEJEUNE, 2008, p. 131) e, por que não dizer, individual.

Erico Veríssimo, ao planejar sua autobiografia, criando rascunhos e confiando a amigos documentos que pudessem ser úteis para a finalização de sua obra autobiográfica, como podemos observar na próxima imagem, demonstra uma preocupação em deixar para os próximos leitores, talvez, uma parte de sua história. Não a verdade, ou o que entendemos como verdade, mas uma pretensão de imortalidade que leva o autor a escrever sobre sua vida.

Lembrar e escrever sobre o passado significa fazer uma escolha, eleger determinados acontecimentos, que julgar mais adequados à história que deseja compartilhar com estranhos; leitores que estarão em uma posição que permita julgamentos acerca daquilo que leram. Talvez, por isso, exista uma inibição, uma censura interior e uma rejeição a determinadas situações desagradáveis ou que pareçam desfavoráveis à imagem almejada.



Figura 7 - Folha datilografada com recomendações sobre aproveitamento de textos após seu falecimento.



Fonte: Acervo CEEE.

Na figura anterior, podemos perceber a preocupação do escritor Erico Veríssimo com a publicação de sua autobiografia, caso falecesse antes de finalizar a escrita do texto. Notamos como a figura do espelho esteve presente em seus planos para a obra que tinha como objetivo retratar aspectos de escolhidos de sua vida.

No trecho em que sugere a inclusão dos "artigos e impressões de viagem" fica demonstrada ao leitor a preocupação de compartilhar os acontecimentos nas

viagens que fez ao lado da família ou sozinho. Tanto que, no segundo volume de *Solo de Clarineta* (publicado primeiro em 1976) excursões como a que fez a Portugal, em 1959, em companhia de sua esposa, Mafalda, e que não foram retratadas em livro próprio, ganham capítulos destinados a narrar as experiências vivenciadas em tais períodos. É possível observar, também, o planejamento de um livro de contos, escolhidos e confiados a “Henrique”.

Veríssimo afirma, ainda neste documento, que não estava “pensando na posteridade”, mas pensando em “aumentar a herança para todos os potocos”. Escreve, ainda, um *post scriptum* em que indica as entrevistas dadas aos jornais *Correio do Povo*, *Masckate* e alguns jornais do Rio, além do discurso intitulado *No oco da onda*<sup>48</sup>, o qual Mário de Almeida Lima<sup>49</sup> teria um exemplar e que deveriam compor um dos livros a ser publicado após sua morte, caso ela acontecesse antes de finalizar sua obra. Mas faz, também, uma previsão: “But I shall return. Alive, I mean” ou “Mas vou voltar. Vivo, quero dizer”.

Ao longo da autobiografia *Solo de Clarineta*, percebemos a intenção de Erico Veríssimo em compartilhar o que sentiu nas diversas situações narradas, ainda que

[...] a memória do escritor não [tenha recuperado] os fatos exatamente como aconteceram, pois não seria possível, dada a distância temporal entre o momento em que os fatos ocorreram e o momento em que estão sendo rememorados por meio da escritura. (SILVA, 2004, p. 36)

O autor começa por contar as origens de sua família e, quando chega ao seu pai, afirma “Chego agora ao Veríssimo que me toca mais fundo” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 40). E continua dizendo que Sebastião Veríssimo era, “intelectualmente a mais brilhante figura da família, de certo modo foi aquela em quem as qualidades e os defeitos dos Mello e Albuquerque se manifestavam com mais apaixonada intensidade” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 40)

Percebemos que o menino rememorado admirava o pai, este era para o filho um ícone de como alguém pode aproveitar a vida. Mas, ao mesmo tempo que nutria pelo pai um sentimento de admiração, também, se via frente aos mistérios do seu comportamento que o impossibilitava de entender as “contradições” de Sebastião Veríssimo.

---

<sup>48</sup> O texto completo do discurso não foi localizado.

<sup>49</sup> Jornalista e intelectual, amigo de Érico Veríssimo.

Quando hoje procuro analisar o comportamento de Sebastião Veríssimo, comparando o menino com o adolescente e o homem maduro, tropeço em mistérios, não consigo explicar a mim mesmo as suas contradições, entender as suas "transformações". (VERÍSSIMO, 2005a, p. 24)

Mais a frente relembra a “única árvore existente no nosso pátio interno” e diz: “tive no começo da vida uma árvore que até hoje continua dentro de mim como um marco do tempo de infância, uma entidade importante de minha mitologia particular” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 74).

Ao lembrar-se da casa dos Veríssimo, faz uma analogia ao útero materno, símbolo de acolhimento e segurança: “É, evidentemente, um símbolo uterino, materno e – abrigo, fortaleza, aconchego, tradição – pode também ser uma recriação idealizada do lar que eu perdera e ainda buscava” (VERÍSSIMO, 2005a, p.274). Segundo a psicanalista Franz, “todos os recipientes, qualquer coisa que sirva como recipiente, têm uma conotação feminina” (FRANZ, 2003, p. 137); no imaginário humano, uma forma significativa de útero, que rodeia e protege o que está dentro dele de interferências externas.

Bachelard (s.d., p. 158) reforça que

esquecendo a preocupação com as dimensões, não podemos deixar de constatar que as imagens da casa, do ventre, da gruta, do ovo e da semente convergem para a mesma imagem profunda. Quando aprofundamos no inconsciente, essas imagens vão perdendo aos poucos sua individualidade para assumir os valores inconscientes da cavidade perfeita.

Esse sentimento para com a casa de sua família demonstra a sensação de segurança que ela transmitia ao pequeno Erico, que sofre, ao perder esse ambiente, após a separação de seus pais, em dezembro de 1922. Sofre tanto com a perda que ao escrever sua autobiografia, décadas mais tarde, dedica um capítulo a esse tema, intitulado *Em busca da casa e do pai perdidos*.

Como o próprio título revela, o adulto Erico Veríssimo buscava não só sua casa, seu símbolo de proteção, mas também seu pai, que após se separar da mãe, saiu da cidade e não voltou a ser visto pelo filho. Anos mais tarde, no entanto, escreveria sobre essa figura singular e marcante para ele, em sua autobiografia e, também, nele se inspiraria para criar personagens de seus romances.

Pedruzzi<sup>50</sup> (2014) defende que o Dr. Rodrigo Terra Cambará<sup>51</sup>, embora não seja cópia fiel de Sebastião Veríssimo, pai de Erico Veríssimo, foi inspirado nele. Para tal afirmação, identifica, no livro *O Retrato*, características do Dr. Rodrigo que julga serem parecidas com as de Sebastião Veríssimo e diz que “A França era o amor de Sebastião Veríssimo e a segunda pátria do Dr. Rodrigo Cambará” e “Tal qual o pai de Erico, o Dr. Rodrigo também era considerado mulherengo e dava suas escapadas ao quarto das empregadas” (PEDRUZZI, 2004, p. 228).

Veríssimo teve uma relevante produção literária, incluindo contos, novelas, romances e obras memorialísticas, como podemos ver nos quadros a seguir:

Tabela 1 Contos, romances e novela escritos por Erico Veríssimo.

Romances, Contos e Novelas				
Livro	Ano de publicação	Resumo	Vendagem*	Editadora
<i>Fantoches</i>	1932	Coletânea de contos	26.500	Editadora do Globo
<i>Clarissa</i>	1933	Romance	242.000	Editadora do Globo
<i>Caminhos Cruzados</i>	1935	Romance	79.000	Editadora do Globo
<i>Música ao Longe</i>	1936	Romance	158.500	Editadora do Globo
<i>Um lugar ao sol</i>	1936	Romance	83.500	Editadora do Globo
<i>Olhai os Lírios do Campo</i>	1938	Romance	267.000	Editadora do Globo
<i>Saga</i>	1940	Romance	60.000	Editadora do Globo
<i>O resto é silêncio</i>	1943	Romance	63.000	Editadora do Globo
<i>O tempo e o vento – O continente</i>	1949	Romance	82.500	Editadora do Globo
<i>O tempo e o vento – O retrato</i>	1951	Romance	79.500	Editadora do Globo
<i>Noite</i>	1954	Novela	51.000	Editadora do Globo
<i>O tempo e o vento – O arquipélago</i>	1962	Romance	75.000	Editadora do Globo
<i>O senhor embaixador</i>	1965	Romance	55.000	Editadora do Globo
<i>O prisioneiro</i>	1967	Romance	55.000	Editadora do Globo
<i>Incidente em Antares</i>	1971	Romance	82.000	Editadora do Globo

\*Pesquisa realizada no Arquivo Erico Veríssimo, IMS/RJ.

<sup>50</sup> Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2014.

<sup>51</sup> Personagem da trilogia *O Tempo e o Vento*, escrita por Erico Veríssimo.

Tabela 2 Literatura infantojuvenil produzida por Erico Veríssimo.

Literatura Infantojuvenil				
Livro	Ano de publicação	Resumo	Vendagem*	Editora
<i>A vida de Joana d'Arc</i>	1935	Infantojuvenil	33.500	Editora do Globo
<i>O urso com música na barriga</i>	1938	Infantojuvenil	61.500	Editora do Globo
<i>A vida do elefante Basílio</i>	1939	Infantojuvenil	52.000	Editora do Globo
<i>As aventuras do avião vermelho</i>	1936	Infantojuvenil	148.000	Editora do Globo
<i>Os três porquinhos pobres</i>	1936	Infantojuvenil	162.500	Editora do Globo
<i>Rosa Maria no castelo encantado</i>	1936	Infantojuvenil	150.000	Editora do Globo
<i>Meu ABC</i>	1936	Infantojuvenil/ Cartilha	27.500	Editora do Globo
<i>As aventuras de Tibicuera</i>	1937	Infantojuvenil	185.000	Editora do Globo
<i>Outra vez os três porquinhos</i>	1939	Infantojuvenil	60.000	Editora do Globo
<i>Viagem à aurora do mundo</i>	1939	Infantojuvenil	47.000	Editora do Globo
<i>Aventuras no mundo da higiene</i>	1939	Infantojuvenil	20.000	Editora do Globo
<i>Gente e bichos</i>	1956	Infantojuvenil	35.000	Editora do Globo

\*Pesquisa realizada no Arquivo Erico Veríssimo, IMS/RJ.

No entanto, no gênero memorialístico, Veríssimo não escreveu somente os dois volumes da obra autobiográfica *Solo de Clarineta*, mas também os diários de viagem *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto*, *Israel em abril* e *México*. No quadro a seguir, constam informações quanto ao ano de publicação, à editora e ao gênero das narrativas autobiográficas.

Tabela 3 - Obras de cunho memorialista escritas pelo autor.

Obras Memorialísticas				
Livro	Ano de publicação	Resumo	Vendagem*	Editora
<i>Gato preto em campo de neve</i>	1941	Narrativa de viagem	75.000	Editora do Globo
<i>A volta do gato preto</i>	1946	Narrativa de viagem	62.000	Editora do Globo
<i>México</i>	1957	Narrativa de viagem	40.000	Editora do Globo
<i>Israel em abril</i>	1969	Narrativa de viagem	25.000	Editora do Globo
<i>Um certo Henrique Bertaso</i>	1972	Biografia	6.000	Editora do Globo
<i>Solo de Clarineta – v. 1</i>	1973	Autobiografia	50.500	Editora do Globo
<i>Solo de Clarineta – v. 2</i>	1976	Autobiografia póstuma	50.000 (aprox.)	Editora do Globo

\*Pesquisa realizada no Arquivo Erico Veríssimo, IMS/RJ.

Existem objetos que quando são colocados a nossa frente, trazem à tona lembranças de fatos ocorridos e que nos marcaram em momentos da vida. Esses objetos podem ser coisas simples, aquelas a que, em geral, não damos muito valor. John Kotre (1997), no livro intitulado *Luvras Brancas: como criamos a nós mesmos através da memória*<sup>52</sup>, apresenta o conceito de objeto simbólico ou objeto autobiográfico, que “inicia uma corrente de associações que podem fazê-lo falar durante horas” (KOTRE, 1997, p. 107). Estão ligados, assim, aos episódios simbólicos, ou as situações que nos despertam lembranças que nos marcaram.

Em seus livros de escrita de si, Erico utiliza objetos do cotidiano da família Veríssimo para realizar associações e contar momentos da vida, em um fluxo de lembranças, ainda que através de filtros da memória, filtros da escrita, e tantos outros que perpassam a criação literária. Podemos perceber esse movimento a partir da figura do manequim de sua mãe e do objeto espelho, que serão discutidos mais adiante.

Em trecho de *Solo de Clarineta I*, ao narrar o momento de criação de *O tempo e o vento*<sup>53</sup>, descreve sua empatia pelo Sobrado. Na perspectiva do autor, ele é um “ser vivo quase pensante” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 274).

Outra personagem importante d’*O tempo e o vento* é o Sobrado, que sinto como um ser vivo e quase pensante. É, evidentemente, um símbolo uterino, materno e – abrigo, fortaleza, aconchego, tradição – pode também ser uma recriação idealizada do lar que eu perdera e ainda buscava. Não tem, entretanto, como era de esperar-se, semelhanças com o casarão do velho Franklin Veríssimo. (VERÍSSIMO, 2005a, p.274)

Também utiliza a imagem da tesoura de costura de sua mãe para criar uma personagem na mesma obra literária: Ana Terra.

Existem objetos importantes na infância de todos nós. Na minha, além desse tipo de fogareiro e do gramofono de campânula, marca Victor, havia um ferro de passar roupa, com seu quente cheiro de brasa, umas lâmpadas de acetilene que entravam em atividade sempre que a luz elétrica falhava, a máquina Singer em que d. Bega cosia, e uma grande tesoura de ferro, que apareceria trinta anos depois n’ *O tempo e o vento*, nas mãos de Ana Terra, que com ela cortava o cordão umbilical dos recém-nascidos que partejava. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 60, grifos nossos)

<sup>52</sup> Livro escrito em 1997, por John Kotre, no qual escreve sobre a vida, memórias, legados, e histórias de um ponto de vista psicológico. Agradeço uma vez mais à Prof<sup>a</sup> Ana Christina Venâncio Mignot pela importante sugestão de leitura no momento de qualificação do projeto.

<sup>53</sup> Série literária de Erico Veríssimo, organizada em *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961), e que conta parte da história do Brasil vista a partir do Sul.

Mais uma vez, Erico utiliza um objeto que marcou a sua vida, em sua obra literária, seja buscando inspiração para compor cenários em que se passam suas histórias, seja para criar uma personagem com características marcantes.

Em entrevista ao *Jornal Zero Hora*, seu filho Luiz Fernando Veríssimo responde a perguntas sobre o processo de escrita de *O Tempo e o Vento* da seguinte forma:

Ele escrevia muito rapidamente, deixando bastante espaço entre as linhas. Depois ele mesmo corrigia, acrescentava coisas. Ele mesmo passava a limpo. E eu acompanhava esse processo. E depois, *O Arquipélago* foi a parte mais difícil de escrever porque envolveu muita coisa da história dele, da biografia dele, da relação dele com o pai... (Jornal Zero Hora, setembro de 2012)

Ao responder a outra pergunta, acrescenta sua convicção de que uma cena d'*O Arquipélago* retratava, na verdade, a reconciliação de Erico com o pai, que nunca aconteceu.

Foi uma coisa tão difícil de escrever que ele teve um infarto durante o processo. Tem aquela cena da reconciliação do Floriano com o pai, que de certa forma é uma reconciliação do meu pai com o pai dele. Por isso, *O Arquipélago* demorou para ser escrito. (Jornal Zero Hora, setembro de 2012)

Na verdade, nunca saberemos se de fato ocorreu mesmo isso. Só poderemos supor, assim como supomos ser o gato preto, que aparece no título de dois livros de viagens escritos por Erico Veríssimo, uma imagem criada; uma representação, do próprio escritor, que se via diferente em terras estrangeiras.

### 1.1 Espelhos da alma. Símbolos nas lembranças de Veríssimo

Os espelhos estão cheios de gente. Os invisíveis nos veem. Os esquecidos se lembram de nós. Quando nos vemos, os vemos. Quando nos vamos, se vão?

*Eduardo Galeano*

O que leva um viajante a tornar pública sua experiência de viagem? Seria o encantamento com o lugar visitado? Seriam as surpresas, as aprendizagens? Ou, seria algo que foi descoberto?

Erico escreveu e publicou um livro para cada uma das duas viagens que fez aos Estados Unidos, um para sua visita ao México e outro para sua estada em Israel. Viagens para Portugal e para outros lugares da Europa foram narradas em sua autobiografia, *Solo de Clarineta*, volume 2.

Sua primeira viagem aos Estados Unidos foi realizada em janeiro de 1941, sem a companhia de sua esposa e de seus filhos. Lá, apresentou conferências sobre Literatura Brasileira em diferentes instituições de ensino. A segunda vez que viajou aos Estados Unidos foi em setembro de 1943, desta vez com a família, foi para lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Lá permaneceu até 1945.

A viagem para o México em maio de 1955 foi recreativa, quase uma viagem de férias, como veremos mais adiante. A Israel, fez uma viagem a convite do governo do país em abril de 1966, que transcorreu em companhia de sua esposa Mafalda.

Nesses livros, é possível perceber uma preocupação em descrever o lugar visitado por meio de cores, de formas e de som, evidenciando o olhar artístico do escritor, como no trecho a seguir sobre Portugal:

Gaivotas que imagino lusitanas (ou será o mar a pátria de todas as gaivotas?) organizaram-se numa espécie de comitê de recepção e acompanharam nosso barco, sobrevoando-o festivamente aos guinchos, desde o oceano até ao porto de Lisboa, ao longo do Tejo. Clara e suave, com algo de aquarela e presepe, a cidade nos espera nesta fria manhã de fim de inverno, sob um céu tão azul e límpido que seria uma insensatez procurar adjetivos raros para qualificá-lo. Meu editor Antônio de Souza Pinto e o Eng. Jorge de Sena esperam-nos no cais, em companhia de outras pessoas que – debruçado na amurada do navio – tento mas não consigo identificar. Desembarcamos. Mal ponho os pés em solo português, sinto-me filho nativo desta terra. Pudera! Aqui estão minhas remotas raízes, daqui partiu há cento e cinquenta anos um de meus antepassados, para a aventura brasileira. Estou em casa. (VERISSIMO, 2005b, p. 74-5)

Ou ainda, ao descrever o México:

Ora, os frades desde o princípio tiveram de contar para a construção de seus templos com trabalhadores locais, índios ou mestiços (...). O controle que exerciam sobre (...) [eles] era limitado, de sorte que podiam os mexicanos dar expansão quase livre à fantasia, interpretando à sua maneira



os riscos e modelos dos padres. Essa é a razão por que vemos em tantos destes altares anjos, arcanjos, querubins, santos e até Cristos com caras indiáticas. (VERÍSSIMO, 1957, p. 115-116)

A narrativa da viagem a Portugal, que se estendeu de fevereiro a março de 1959, mostra, também, uma preocupação com a esfera política e o posicionamento do escritor ante a conjuntura brasileira e a portuguesa.

Doía-me ver um dos povos mais ternos e hospitaleiros do mundo dominado por um regime político fascista. Isso me criava um problema que examinei de muitos ângulos com minha mulher e meu filho. Diante daquela situação, como deveria eu proceder? Fingir que não percebia nada – prisões arbitrárias, terror policial, censura férrea – portando-me como o “perfeito cavalheiro” que, ao entrar em casa alheia, deixa seu espírito crítico do lado de fora e sorri polidamente para os donos da mansão, aceitando seus vinhos, chás, bolinhos, presentes e homenagens? Ou, ao contrário, ser absolutamente franco nas conferências que ia fazer, nos colóquios que ia entreter com estudantes, e nas entrevistas que ia dar à imprensa, fazendo as mais claras manifestações de meus princípios liberais e humanistas? Um escritor português, meu conhecido e partidário do salazarismo, já andava a rondar-me, sugerindo-me fizesse uma visita de cortesia ao Sr. Secretário de Informação. Acenava-me com facilidades para viajar por conta do seu governo através de todo o país... aonde eu quisesse. “Não tem o meu camarada curiosidade de conhecer nossas Províncias d’Além-Mar? Pode-se arranjar isso lindamente.” Tratei de despistar o solícito governista: “É melhor deixar esses assuntos para mais tarde...” Mas o homem insistia: “ó Verissimo, não lhe custa nada fazer uma visitinha de cinco minutos ao Sr. Secretário. É uma pessoa simpaticíssima”. Não fiz. Já tínhamos decidido que para nós só havia um caminho decente a seguir. Ia ser embaraçoso? Paciência. (VERÍSSIMO, 2005b, p. 76-7)

A viagem seria uma estratégia de conhecimento objetivo e científico do mundo. Ela constitui, transforma e muda os sujeitos, já que o deslocamento não se dá somente no sentido geográfico de tempo e espaço, de um lugar para outro, mas internamente no sujeito também, pois este viaja para dentro de si, realizando uma transformação pessoal. O sujeito que sai em viagem nunca é o mesmo ao retornar. Segundo Pimentel (1998), o viajante que registra o seu percurso produz um documento original, no qual, além da narrativa dos acontecimentos, haja a possibilidade do seu leitor conhecer, também, o próprio autor.

No livro *Viagens Pedagógicas*, Mignot e Gondra (2007) realizam uma seleção de artigos escritos por autores nacionais e estrangeiros sobre as narrativas de viagem pedagógica. Por meio dessa obra, é possível entender que conhecer *in loco* experiências culturais, sociais, educacionais ou políticas de um país, como fez Erico Veríssimo, segundo seus livros de viagens, concede ao viajante um lugar de autoridade, sendo-lhe permitido falar, escrever e comparar o presenciado.

Em *O Turista Aprendiz*<sup>54</sup>, é possível observar, em acréscimo, os movimentos de Mário de Andrade em suas viagens para coleta de informações acerca das manifestações artísticas populares. Dessa forma, intitular-se como “turista aprendiz” significa admitir que, o ato de visitar um lugar e conhecer suas características, também proporciona aprendizado. Aprende-se sobre o lugar, sobre sua gente, sobre sua cultura. E, em certo sentido, sobre sua própria cultura, própria gente e próprio lugar.

Seguindo a lógica de Viñao Frago (2000), quando um escritor se propõe a escrever sobre viagens, como Erico Veríssimo fez, a memória e a imaginação se confundem, e o resultado é uma ficção. Viñao Frago defende que a memória humana está em permanente reconstrução, mesclada de ficção e de realidade. Assim, nos escritos autobiográficos, estarão presentes recordações, sensações, silêncios e disfarces, mas, também, imaginações, ficções e esquecimentos.

Sob certos aspectos, é isso que faz Erico Veríssimo, ao narrar suas viagens; tanto aquelas que mereceram ser contadas em livro próprio quanto as que foram narradas em sua autobiografia, uma vez que registra aspectos da cultura apreendida e a visão e o sentimento do artista em relação às situações observadas.

Nova York não me dá a sensação de tontura e abafamento que eu esperava e de certo modo temia. A cidade tem um jeito acolhedor e amigável. Tudo nestas ruas é nítido, alegre, vivo, e parece correr sobre os trilhos da ordem e da organização. (VERÍSSIMO, 2006, p. 49)

Na sequência, pode-se ler que:

Malasartes acaba de me dizer que sempre imaginou Washington uma cidade branca e luminosa à beira do Potomac, um jardim amável onde funcionários descansados, senadores cor-de-rosa e turistas sorridentes passeiam à sombra das cerejeiras em flor. Não só isso. O quadro ideal tem mais figuras: no parque da Casa Branca o presidente lê uma novela policial, enquanto a primeira-dama ensaia um novo ponto de tricô. Jardineiros diplomados regam as flores esquisitas nos jardins das embaixadas. Crianças jogam bola à sombra de frontões gregos e de pórticos romanos.

- De sorte – concluo – que você sempre viu Washington sob uma luz de primavera...
- Exatamente.
- No entanto o inverno, como um garoto daninho, andou arrancando as folhas das árvores. O presidente e os senadores andam preocupados com o *lend and lease bill* e a primeira-dama está absorvida nos detalhes do baile

<sup>54</sup> Livro organizado pela professora e pesquisadora Telê Ancona Lopez (Instituto de Estudos Brasileiros – IEB), e publicado, em 1976, 31 anos após a morte do escritor Mário de Andrade. O livro reúne reflexões sobre o que o autor viu durante suas viagens em diários, rabiscos e crônicas para jornais.

em benefício da cruzada contra a paralisia infantil. Não há flores nos jardins das embaixadas e a umidade afugentou dos parques todas as crianças... Decepcionado?  
- Um pouco. (VERÍSSIMO, 2006, p. 57)

Importante perceber que, durante o relato dessas viagens, Erico nos permite conhecer, além de suas impressões sobre as cidades que visitou, os espaços, objetos e sensações que o fazem lembrar de fatos de sua vida em Cruz Alta e Porto Alegre, momentos que foram importantes e o marcaram de alguma forma, assim como sublinha John Kotre (1996).

[...] pense em onde mais, no corpo, nós vivenciamos as lembranças autobiográficas. Pensar nas luvas de meu avô trouxe-me lágrimas aos olhos e um aperto na garganta. Um zumbido nos ouvidos é a única lembrança direta que um veterano da Segunda Guerra Mundial tem de quando, dirigindo um tanque, atingiu uma mina terrestre. O cheiro é um poderoso evocativo. Velas, rábano, charutos, talco de bebê, maçãs fatiadas com mel, pauzinhos de canela, rosas. (KOTRE, 1996, p. 25)

Segundo Veríssimo (2006), “a verdadeira Viagem nunca está no tempo presente, mas sim no passado, no futuro ou então naquele quarto e misterioso tempo que não sei se chamo de desejo, sonho ou imaginação” (VERÍSSIMO, 2006, p. 157).

Remédios (2005-2006) contribui com ideias para esse debate ao afirmar que a literatura de viagens

[...] está intimamente ligada a fatos extraliterários, ainda que não se atenha apenas ao percurso espacial e temporal do viajante. Importam, muito mais, os motivos que levam o viajante a deslocar-se de um ponto a outro e que são capazes de condicionar sua concretização e sua representação discursiva. (REMÉDIOS, 2005-2006, p. 306)

Ainda segundo Remédios (2005-2006), normalmente, a viagem representa a vontade de transpor barreiras e limites geográficos, além do desejo do viajante de se pensar de uma maneira diferente, através do conhecimento de novos povos e culturas.

Outra autora que tem produções sobre literatura de viagem é Dorothea Passetti (2004)<sup>55</sup>, que escreveu:

---

<sup>55</sup> Nessa obra, a pesquisadora reflete sobre *Tristes Trópicos: os anos brasileiros de Lévi-Strauss*, livro sobre viagem pelo Brasil dos anos 30, destacando o contato do autor com grupos indígenas.

É comum constar nos relatos de viagem de cientistas – antropólogos, biólogos, geógrafos ou simplesmente ‘naturalistas’ – que neles se mesclam observações, reflexões científicas e de cunho pessoal, revelando características e episódios que envolvem o sujeito que viajou e escreveu o livro. Isso faz do relato de viagem uma escritura especial, pois ao mesmo tempo em que descreve um percurso em função do qual o autor empreendeu a viagem, configura uma possibilidade de pesquisa que alia, em um só texto, o relato, os objetos encontrados e as experimentações pessoais.

Relatos de viagem lançam o leitor para espaços desconhecidos. Mostram outras faces de lugares familiares e promovem intimidades com o autor ao permitirem reconhecer, quando ali se está, tanto o que havia sido imaginado pela leitura quanto vestígios do passado ou maneiras pelas quais foram sendo alteradas as descrições anteriores (PASSETTI, 2004, p. 35).

Faz-se necessário lembrar que o relato das impressões e sensações da viagem, enfatizando momentos da vida do autor, passa também pela seleção de acontecimentos considerados significativos, “estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência” (BOURDIEU, 1998, p. 185).

Em *Gato preto em campo de neve*, publicado em 1941, quando Erico contava 36 anos de idade, podemos observar, ainda que pelo filtro das memórias ou lembranças do escritor, como ele se deixava imaginar histórias sobre cada indivíduo que viajava no navio Argentina, rumo aos Estados Unidos.

O *Argentina* vai partir. O mar está tranqüilo. O belo sol do Rio de Janeiro clareia o cais apinhado de gente.

[...]

Para quem estará acenando aquela mulher gorda e chorosa, lá embaixo?

[...]

E longe, no fundo de corredores que ainda não explorei, o gongo continua a gemer. A meu lado, uma voz quase familiar pergunta:

- É a sua primeira viagem, dr. Simbá? (VERÍSSIMO, 2006, p. 18)

Uma curiosidade sobre esse livro: criou-se uma controvérsia a respeito do título logo assim que foi publicado. Muitos, segundo afirmação de Veríssimo no prefácio do livro, acreditavam que o gato preto do título era Erico Veríssimo, com seu tom de pelo moreno em meio aos americanos, “gente clara e paisagens hibernais” (VERÍSSIMO, 2006, prefácio).

Erico tratou de desmentir informando que o título retratava uma cena vista da janela de um trem, quando um gato preto atravessou, correndo, um campo de neve.

O céu é dum cinzento esbranquiçado e glacial. Vejo o desfile das casas, das cercas, das árvores mortas... E súbito, um gato preto atravessa correndo um tabuleiro de neve duma brancura imaculada. Fico olhando o quadro fugidio

numa fascinação. Sinto que este momento de fria e silenciosa beleza não é gratuito. Um misterioso alguém procurando, dizer-me alguma coisa por meio dessas imagens em negro e branco. Mas quem? Quê? (VERISSIMO, 2006, p. 415)

Mas será que o gato preto no campo de neve não era mais um *alter ego*<sup>56</sup> do escritor Erico Veríssimo, um latino, um brasileiro de tez morena vivendo por três meses em um país, que até então separava seus cidadãos morenos e negros em bairros afastados do centro, revelando uma ainda presente discriminação racial.

O fato é que Erico voltou a se utilizar da figura do gato preto, em seu outro livro de viagem sobre a segunda excursão aos Estados Unidos. Não se sabe se inspirado pela polêmica, o autor se deixou fotografar com alguns gatos, como o da foto a seguir, por acaso ou não, um gato preto.

Figura 8 - Depositário Acervo Instituto Moreira Salles



<sup>56</sup> Do latim *alter* = outro; *ego* = eu, pode ser entendido literalmente como “outro eu”, “uma outra personalidade de uma mesma pessoa”. É, comumente, utilizado em literatura para designar uma identidade secreta de uma personagem ou para identificar uma personagem como sendo a expressão da personalidade do próprio autor de forma, geralmente, não declarada.

No livro em questão, conhecemos o homem que tem por companhia, em toda a viagem, seu eu mais novo, com uns vinte anos e toda a energia de alguém nessa idade. Esse outro servia como uma contínua presença do Rio Grande do Sul, que acompanhava o Erico escritor em suas viagens.

Volto-me. É estranho... Julgo estar na frente de um espelho, pois o homem que acaba de me dirigir a palavra se parece de maneira alarmante comigo mesmo.

[...]

É espantoso! Ouço a minha própria voz... vejo as minhas horrendas sobrancelhas cerradas e híspidas, a cara morena, o nariz largo e lustroso... Acontece apenas que este sujeito é muito mais moço que eu.

[...]

- Fiquei onde você me deixou há quinze anos passados... - prossegue ele. - Lembra-se? Vossa Excelência resolveu envelhecer, ficar sisudo, fazer carreira, escrever livros e, o que é pior, publicá-los... (VERÍSSIMO, 2006, p. 18)

Chamava a si mesmo, mais jovem, de Malazartes<sup>57</sup>. Figura que simbolizava para o homem Erico Veríssimo um ser impetuoso e que não ligava para regras, mesmo aquelas seguidas por um homem velho e cheio de condições para viver. Condições essas que envolviam não ingerir bebidas alcoólicas como forma de evitar possíveis problemas de saúde.

- Viajo sem passaporte e sem memória. Serei invisível para todos os passageiros deste barco menos para você. Quer um cigarro?

- Obrigado. Não fumo.

Volta-se para mim num movimento vivo.

- E se fôssemos ao bar?

-Não bebo.

- Eu devia ter adivinhado... Fígado?

- Exatamente. No fim de contas, tenho quinze anos mais que você.

- Não falemos em coisas tristes. Isto é uma viagem de recreio.

- E de estudos... – apresso-me a acrescentar.

- Não seja solene. Não bastam as tristezas do mundo, os obrigatórios e desenxabidos problemas de cada dia? Vamos ao uísque.

- Já lhe disse que não bebo.

- Tome uma laranja. Venha! (VERÍSSIMO, 2006, p. 19)

Malazartes acompanha o Erico mais velho por toda a viagem, no Argentina, enquanto imagina histórias para os passageiros do navio em viagem para os Estados Unidos.

Quem é aquela moça loura que ali vai? Decerto uma viúva americana mais

<sup>57</sup> Segundo Câmara Cascudo (2012), na tradição oral brasileira, Malasartes é um exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos.

ou menos rica em viagem de recreio. Uma dessas damas famélicas de romance que vêm à América do Sul para dançar tangos argentinos em Buenos Aires com *muchachos* engominados que lhe cantam ao ouvido as histórias de *bandoneons* e *traiciones* do repertório de Carlitos Gardel. Ou será alguma escritora de novelas exóticas, que, tendo esgotado as fontes de Honolulu, Havaí, China, Cuba e México, veio procurar no Brasil o cenário tropical para a sua próxima história? (VERÍSSIMO, 2006, p. 24)

Lembra, também, que quando tinha a idade de Malazartes “vivia extasiado diante da paisagem, fascinado pelas personagens fabricadas pela minha própria fantasia” (VERÍSSIMO, 2006, p. 23). É, também, Malazartes que auxilia Erico a analisar e perceber as pessoas que conhece durante sua estada em Washington. Como quando em conversa com uma antropóloga da Columbia University, Malazartes surge para responder: “- Tome a antropóloga, por exemplo... Ela deve ter alma, sim, mas é uma alma fria e eficiente de arquivo” ao ser questionado sobre se acreditava que o americano não tinha alma.

Foi Malazarte quem, em um diálogo do escritor consigo mesmo, em uma alternância de vozes interiores, fez aparecer o nome da autobiografia de Erico.

— Saiu-te uma biografia pífia. Negas?  
 — Não é sensacional como a vida de Marylin Monroe. Nem aventureira como a do Papillon. Que é que queres?  
 — Podias botar mais paixão. Ir mais fundo. Mais sangue.  
 — Já sei. Querias um striptease completo.  
 — Isso.  
 — Sinto muito. Entraste no teatro errado.  
 — Estou dentro do homem errado. Grito e ninguém me ouve. Sou um prisioneiro. Quantas vezes me castraste. Para quê?  
 — A porta está aberta. Podes sair quando quiseres.  
 — Tu dizes isso porque sabes que tal coisa é impossível.  
 — Querias um concerto de jazz ou uma grande peça sinfônica. Eu te dei um solo de clarineta. (VERÍSSIMO, 2005b, p. 323, grifos nossos)

Para Erico, perceber-se a si próprio mais jovem, era como se olhar num espelho, mas um espelho que lhe mostrava o homem que fora um dia. Essa figura do espelho aparece em títulos como *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto* e *Solo de Clarineta I* como um objeto para olhar a si e ver o que foi, em um exercício de autocontemplação; não por acaso, sua primeira autobiografia se chamou *O escritor diante do espelho*<sup>58</sup>.

O meu amigo mais íntimo é o sujeito que vejo todas as manhãs no espelho

<sup>58</sup> Obra publicada em um conjunto de obras completas, composto por cinco volumes, pela Editora José Aguilar, do Rio de Janeiro.

do quarto de banho, à hora onírica em que passo pelo rosto o aparelho de barbear. Estabelecemos diálogos mudos, numa linguagem misteriosa feita de imagens, ecos de vozes, alheias ou nossas, antigas ou recentes, relâmpagos súbitos que iluminam faces e fatos remotos ou próximos, nos corredores do passado – e às vezes, inexplicavelmente, do futuro -, enfim, uma conversa que , quando analisamos os sonhos da noite, parece processar-se fora do tempo e do espaço. Supreendo-me quase sempre em perfeito acordo com o que o Outro diz e pensa. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 26)

O objeto espelho surge como um objeto autobiográfico (KOTRE, 1996) para o autor na medida em que, ao se visualizar nele, consegue se analisar e, assim, comparar o Erico jovem e impetuoso ao Erico casado, pai e escritor. É uma volta para si próprio, na qual aquele que vê e aquele que é visto se fundem. O espelho, simbolicamente, significa a verdade, a sinceridade e a pureza, conforme definição do *Dicionário de Símbolos* (1998). Ao escrever sua primeira autobiografia, Veríssimo procurou mostrar a verdade do seu ponto de vista, como forma de rebater as especulações sobre sua vida, que vinham sendo divulgadas em jornais e revistas da época: “Tenho horror em ser transformado em assunto, notícia, medalhão ou estátua, quero ser tratado como um ser humano” (VERÍSSIMO, 1967, p. 173). Ainda, sobre as especulações em jornais:

Estou de novo diante do espelho. O meu reflexo sorri.  
 \_\_\_ Afinal acabaste fazendo o que dizias que jamais haverias de fazer.  
 \_\_\_ Uma autobiografia? Bom [...] O homem é um feixe de contradições. Não te esqueças da teoria das erratas do inefável Braz Cubas [...] Andam por aí tantas informações biográficas erradas a meu respeito, mesmo quando bem intencionadas, que me senti na obrigação e com o direito de contar eu mesmo a minha história. (VERÍSSIMO, 1978, p. 321)

Um exemplo de notícias, veiculadas por jornais brasileiros, que incomodava muito Veríssimo, foi uma reportagem sobre sua visita a Portugal, em 1959, na época, governado por Salazar<sup>59</sup>. Erico foi “acusado”, diversas vezes, de não se comprometer politicamente, inclusive após esta visita a Portugal. Inconformado, rebatia:

Já se tem dito e escrito que eu jamais me comprometo politicamente. Ridículo! Creio que durante estes 35 últimos anos tenho me manifestado claramente sobre problemas e acontecimentos políticos e sociais de maneira que me parece coerente e inequívoca, sempre a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra todas as formas de opressão – coisa que nem sempre poderia fazer se fosse obrigado a seguir obedientemente a linha sinuosa e muitas vezes autocontraditória dum partido político. (VERÍSSIMO, 2005b, p. 35)

<sup>59</sup> António Oliveira Salazar, chefe de governo de Portugal de 1932 a 1968.



Figura 9 - Matéria escrita por Erico a fim de esclarecer notícias, em seu ponto de vista, enganosas. Depositário Correio do Povo - Porto Alegre 1959.

**ESCREVENDO DE BARCELONA**

# Erico Verissimo Conta a Verdade Sobre Sua Visita a Portugal

Barcelona, 27 de março de 1959.

Companheiros:

Tendo lido nos jornais do Brasil as mais desencontradas notícias sobre minha recente visita a Portugal, apresso-me a estabelecer a verdade.

Segundo um telegrama da U.P.I., datado de 12 do corrente, um deputado português "denunciou ontem que membros da oposição utilizaram o visto do escritor brasileiro Erico Verissimo para tirar vantagens políticas".

A verdade é bem outra. Mas comecemos pelo princípio.

Minha visita a Portugal não teve nem podia ter caráter oficial pela simples razão de que não costumo aceitar favores de governos totalitários. A notícia divulgada por uma agência internacional de que eu visitava aquele grande país a convite de seu Secretariado de Informação e Turismo é absolutamente falsa. Viajei e continuo viajando por conta própria, e em Portugal fui hóspede de meu amigo e editor Antonio de Souza Pinto, que é apolítico.

É natural que durante minha estada em Lisboa e no Porto, bem como em outras cidades portuguesas, eu tivesse preferido a companhia dos escritores da oposição, pois com eles está o meu espírito e o meu coração. Quanto a essa brava gente, ela viu em mim principalmente o cidadão dum país em que existe liberdade de expressão, o representante duma democracia, defeituosa, é ver-



Escrevo estas linhas de Barcelona. Antes que comece outra campanha de notícias falsas, direi que ainda viajo por conta própria, e até este momento o único contato que tive com elementos do franquismo foi através do melancólico funcionário que na fronteira com Portugal carimbou meu passaporte...

**Erico Verissimo**

"Correio do Povo" divulga hoje em primeira absoluta. Eis a carta enviada por Erico:

Erico não admitia ser vinculado ao governo português da época, visto que quem governava Portugal, quando de sua visita ao país europeu, era António de Oliveira Salazar, ministro das Finanças, a partir de 1928, que assumiu a presidência do Conselho de Ministros, em 1932, a convite do próprio presidente da República, Óscar Carmona. Assumir tal presidência deu-lhe o *status* de chefe de governo, e sua principal missão era reestruturar a economia do país, depois do final da Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929. Contudo, em 1923, Salazar decretou uma nova Constituição, que instalou o Estado Novo, regime totalitário que perdurou até 1974.

Veríssimo e sua família saíram do Brasil quando aqui foi instituído o Estado Novo de Vargas, em 1937, mas com uma atmosfera de limitações que se estendia pelos anos anteriores, já que o escritor abominava ter a liberdade cerceada por um governo ditatorial. Se no Brasil o governo era autoritário e ditatorial, em Portugal não era diferente, porque, “entre a Ditadura Militar (1928-1933) e a instalação do Estado Novo, o ministro das Finanças construiu uma base política e ideológica dentro do autoritarismo conservador” (MUSTAFÁ, 2014, p. 31), situação que incomodava Erico.

Em *Solo de Clarineta II*, ao narrar sua longa viagem por terras lusitanas<sup>60</sup>, Erico Veríssimo atribui grande interesse, por duas vezes, a sua visita às ruínas de Conímbriga, além de rememorar tal visita em uma entrevista à revista *Manchete*, de 1971, cujo trecho transcrevemos a seguir.

Precisaria de um livro inteiro para descrever todas as boas recordações de viagens. A melhor não sei. Por alguma razão secreta há um “momento especial” que me ficou na memória. Com o ensaísta e Professor Jorge de Sena, o meu editor Souza Pinto, minha mulher, meu filho e eu nos dirigíamos para Coimbra, em cuja universidade eu devia falar (Isso foi na primavera de 1959). Descemos ao anoitecer em Conímbriga para ver as ruínas romanas. Fazia frio, as estrelas apontavam no céu límpido e andava no ar a fragrância de ervas silvestres. Houve um momento em que ficamos todos em silêncio diante dum chão de mosaicos romanos, e uma paz tão grande nos envolveu que senti que não ia esquecer nunca mais aquele minuto. Dois anos depois, de volta a Porto Alegre, estendido numa cama entre a vida e a morte, depois de sofrer um enfarte, toda vez que eu queria fugir daquela situação, eu ia para Conímbriga, para aquele minuto de paz, e isso me trazia alívio. (BORDINI, 1999, p. 103)<sup>61</sup>

Nela, percebemos como a memória da visita à cidade é forte e retorna quando o escritor precisa encontrar “um minuto de paz” em uma situação difícil, como o reestabelecimento após o enfarte que sofreu. Contudo, lembra também das dificuldades encontradas no país, que, como disse, era considerado o “jardim da Europa à beira-mar plantado”, mas que abrigava uma série de injustiças sociais.

Portugal é um país de tal maneira belo e amável, que o visitante desprevenido pode ficar com a ilusão de que nele todo mundo é feliz e vive bem. A verdade é que quando a gente despe as roupas e a mentalidade de turista, dando menos atenção ao “jardim da Europa à beira-mar plantado”, à bondade de sua gente e aos seus velhos monumentos históricos – e

<sup>60</sup> Essa viagem aconteceu de 20 de fevereiro a 10 de março de 1959.

<sup>61</sup> BORDINI, Maria da Glória, org. *A liberdade de escrever – entrevistas sobre Literatura e Política*. São Paulo: Globo, 1999.

começa a olhar a nação com olhos realistas, acaba alarmado ante a miséria predominante em todo o território nacional português e suas enormes desigualdades sociais. A mortalidade infantil entre as classes desprotegidas é muito grande. O índice de analfabetismo, alto. A falta de assistência médica é de tal maneira aguda, que não seria exagero afirmar que só existem no país (e mal distribuídos) doutores na proporção de um para cada nove ou dez mil pacientes. O trabalhador do campo recebe um salário vil. [...] As grandes vivendas senhoriais, [...] atraem de tal modo a atenção do viajante, que este inadvertidamente (ou por puro hábito burguês) tende a fazer vista grossa ao camponês que mora mal, mulher e filhos amontoados numa choupana com bichos domésticos, nas piores condições higiênicas imagináveis.[...] estou falando num país tal como o conheci em 1959, quando estava sob regime ditatorial fascista que durava trinta e um anos. Se em mais de três decênios de poder absoluto, esses males não puderam ainda ser abolidos ou pelo menos atenuados, então que teriam os partidários do salazarismo a dizer em seu favor? (VERÍSSIMO, 2005b, p. 173-174)

Nesse trecho, podemos perceber como Erico rejeitava o regime salazarista que vigorava no país. Sua postura lhe rendeu o título, dado por Daniel Fresnot<sup>62</sup>, de “liberal de esquerda”, embora, no Brasil, fosse acusado de não se posicionar sobre o momento político vivido.

Um exemplo de artimanhas, utilizado por Erico Veríssimo, para falar o que pensava, sem correr o risco que era imposto àqueles que falavam contra um governo totalitário, pode ser observado no trecho a seguir.

Saudou-me também Jaime Cortesão. Quando ele terminou de falar, abracei-o, batemos nossas taças e delas bebemos, num brinde a um futuro de liberdade política e justiça social para Portugal. Quando me deram a palavra, repisei alguns temas da conferência do Teatro D. Maria II, indo porém[sic] muito mais longe na minha crítica aos regimes autoritários. Visei então mais diretamente o governo português: só me faltou pronunciar claramente o nome de Oliveira Salazar. Apesar de no decurso do banquete eu ter bebido apenas água mineral, limitando-me a bicar como passarinho os vinhos servidos, portei-me como se estivesse embriagado. (Estou convencido de que certas palavras e principalmente certas idéias possuem alto teor alcoólico.) E o meu querido amigo Cortesão, sentado ao lado de Mafalda, de quando em quando lhe dizia ao ouvido: “As palavras de seu marido são champanha para meu espírito...” Seu rosto resplandecia. (VERÍSSIMO, 2005b, p. 95)

Tal situação ocorreu em banquete oferecido, no Castelo de São Jorge, no dia 3 de março e organizado pela Sociedade Portuguesa de Escritores. De todo modo, Erico teve que usar de estratégias para se sair bem de circunstâncias em que o governo português o colocava, desempenhando, assim, uma espécie de reflexo de sua posição, em uma imagem invertida, porque as reuniões e banquetes onde teve

---

<sup>62</sup> FRESNOT, Daniel. O pensamento político de Erico Verissimo. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 95.

que estar presente o tiraram de uma posição de conforto que se assume em uma viagem, também, de turismo.

Retornando à simbologia dos espelhos, segundo definição extraída do *Dicionário de Símbolos* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998), o objeto espelho pode representar o caminho para o autoconhecimento e está presente em diferentes culturas, desde a China até o continente africano, sempre simbolizando sabedoria, conhecimento, iluminação. Contos como *Branca de Neve* e *A Bela e a Fera*, atualmente, indicados para o público infanto-juvenil, trazem um espelho, ou seus equivalentes no mundo físico, como caminho para a sabedoria de si e do mundo, como algo mágico, capaz de fornecer indícios para aquele que se mira e quer ver e ouvir. Para Carl Jung, “nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de ‘refletir’ objetivamente o indivíduo” (JUNG, 1964, p. 200). Transforma-se, assim, em algo capaz de trazer à superfície sentimentos e recordações há muito esquecidas.

Na literatura brasileira, temos exemplos de autores que também se utilizaram do objeto espelho, para escrever contos, a exemplo de Machado de Assis e Guimarães Rosa, ambos com contos intitulados *O Espelho*<sup>63</sup>.

Muitas são as funções do espelho na Literatura, podemos citar algumas: o espelho como revelador da essência da vida em sociedade, ou como uma forma de autoconhecimento, ou ainda, como algo capaz de tirar aquele que nele se mira de um estado de confortável acomodação.

---

<sup>63</sup> O conto de Machado de Assis faz parte da obra *Papéis Avulsos*, conjunto de contos reunido em 1882, mesmo ano de publicação do mesmo conto na Gazeta de Notícias. Nele, o autor, por intermédio da personagem Jacobina, sustenta que o homem tem duas almas, a interior e a exterior, esta seria sua máscara social. Ao mirar o espelho, Jacobina via refletida a figura construída pelo olhar de seu grupo de convivência. Contudo, ao se ver sozinho, perde esse olhar do outro e sua identidade. Dessa forma, o autor cria uma analogia entre o espelho e o olhar do outro. Já o conto de Guimarães Rosa faz parte de um conjunto de pequenas narrativas intitulado *Primeiras estórias*, publicado em 1962. Nesse conto, Guimarães Rosa narra o encontro de uma personagem com o espelho, à procura de sua “vera forma”, buscando o que o forma. Isso acontece depois de olhar-se no espelho e ver uma imagem não conhecida.

Figura 10 - Narciso. Quadro pintado por Caravaggio entre 1597-1599.



Fonte: Galleria Nazionale d'Arte Antica, Roma.

Narciso<sup>64</sup>, no mito grego, é condenado por Nêmesis a amar um amor impossível. Ao tentar saciar sua sede na fonte de Téspias, enxerga a sua própria imagem refletida nas águas e apaixonou-se por si mesmo. Dessa forma, acaba por ficar preso a uma forma infinita de contemplação. E o que faz o autor de uma autobiografia senão se contemplar? Mas se contemplar não como Narciso, embevecido por sua linda imagem, e sim como forma de perpetuar imagens do homem que fora e deixar para a posteridade elementos filtrados de sua história, uma

---

<sup>64</sup> Uma narrativa mais detalhada é encontrada em *Mitologia Grega*, volume II, de Junito de Souza Brandão, Vozes, 1987.

vez que, segundo Nogueira (2012, p. 82), “o homem não quer ser esquecido depois de morto e, por isso, ‘constrói’ espaços determinados à sua perpetuação”. Entendemos que estes espaços podem ser lugares, como museus ou cemitérios, ou objetos, como estátuas, autorretratos ou, por que não, uma autobiografia.

Se para Roig (2010), o mito de Narciso remete ao eterno retorno às origens, como forma de reencontrar o tempo perdido, que nunca será alcançado, na condição de um objeto autobiográfico, para utilizarmos uma categoria cara a Kotre (1996), pode simbolizar a construção artificial do homem, já que o que se vê ao olhar para o espelho é uma imagem invertida; uma representação daquele que se mira.

Artières é outro autor relevante nos limites desta pesquisa. Ao tratar de escritas de si, traz o objeto espelho como um objeto autobiográfico, ao afirmar que

Arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Na direção das reflexões de Artières (1998), o indivíduo que se propõe a narrar a própria vida para outros se coloca em uma situação de enfrentamento entre as suas imagens, entre aquela que faz de si próprio e aquelas que outros têm dele, como no caso de Erico Veríssimo. Embora ele se achasse engajado politicamente e tenha escrito livros com temática de crítica ao tempo vivido, como é o caso de *Incidente em Antares*, publicado durante o governo do General Médici, após a consolidação do governo ditatorial no país, sofreu acusações de que preferia se manter afastado a definir uma posição política.

Ainda segundo Artières (1998), arquivar a própria vida é uma prática de construção de si mesmo, na medida em que, ao guardar lembranças de sua vida, que podem ser físicas ou não, o sujeito tem a impressão de que o que viveu não será perdido. Quando precisar, estará lá para ser recuperado. Isso acaba por criar uma sensação de resistência às forças externas, que, com o tempo, parecem querer mudar sua história. Mas, não só essas, já que, afinal, o conteúdo emocional das memórias também afeta sua rememoração, porque afeta a forma como são armazenadas.

Outro objeto autobiográfico acentuado em um livro de Erico Veríssimo, mais especificamente em *Solo de Clarineta*, em seus dois volumes, é o manequim,

utilizado por sua mãe em seu trabalho como costureira, para sustentar a casa dos Veríssimos, haja vista que seu pai, Sebastião, era um boêmio e não se interessava por dirigir a Farmácia Brasileira, de sua propriedade, e que foi à falência devido às várias retiradas de dinheiro para ser gasto nos bares da cidade, como narrado por Veríssimo ao longo de sua autobiografia.

Nos momentos de culpa experimentados pelo narrador jovem, como quando se imaginava com uma mulher ou mesmo quando pagou a uma por sexo, este se via sendo interpelado pelo manequim, que simbolizava o sofrimento pelo qual passava sua mãe, sabendo que era traída por seu marido, tendo que fazer jus às despesas da casa e pagar o Colégio Cruzeiro do Sul, onde Erico havia sido matriculado. A simbologia do manequim também é muito forte, porque era ele um objeto inanimado que representava uma pessoa, não sendo. Seria ele o próprio Erico ou sua consciência pesada? Segundo o *Dicionário de Símbolos* (1998), manequim pode ser um símbolo de identificação com um erro.

[...] mirava com seus olhos ternos – era D. Bega. Tive uma noite, naquelas férias, um sonho aflitivo em que minha mãe e o manequim confundiram-se numa única mulher mutilada. Despertei com um pesado sentimento de culpa. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 149)

Erico Veríssimo (2005a) também rememora o manequim de sua mãe censurando-o após um encontro com uma menina de Bagé, que trabalhava na cidade de Cruz Alta, em uma rua não visitada pelas senhoras da cidade.

E, se minha memória não está tentando fazer literatura, aquela noite tive um sonho em que o manequim mutilado apareceu à beira da minha cama e me censurou por eu ter tido relações sexuais com a rapariga de Bagé. Encolhido de puro remorso, respondi que havia tomado um banho antes de dormir. O manequim manteve-se irreduzível. Havia certas máculas que a água da chuva ou do chuveiro não conseguia lavar. E eu não sabia que os dez mil-réis que eu dera à prostitutinha representavam horas de trabalho dele, manequim, da tesoura, da Singer e principalmente de minha mãe? (VERÍSSIMO, 2005a, p. 163)

Uma outra característica dos livros de memórias de Erico Veríssimo é a narrativa de suas viagens, ou das lembranças escolhidas de suas viagens, a países como México, realizada em 1955, enquanto morava nos Estados Unidos e trabalhava na Organização dos Estados Americanos, em uma função burocrática



que não lhe agradava. Foi uma viagem de turismo, assim como foi a que fez a Israel, a convite do governo do país, em 1966.

Em 1959, a viagem para Portugal mesclou momentos de turismo com atividades de trabalho, enquanto que a visita aos Estados Unidos, da primeira vez, em 1941, foi pela curiosidade de conhecer o país e proferir conferências, em uma estada financiada pelo Departamento de Estado, como parte da Política da Boa Vizinhança<sup>65</sup>, do governo Franklin Roosevelt. Já na segunda visita, em 1943, lá regressou por motivo de trabalho, visto que por dois anos ministrou aulas de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia.

Erico não escondia seu gosto por viajar e conhecer novos lugares, tanto que acreditava que existissem dois tipos de viajantes: aqueles que tentam fugir de seus problemas, mas acabam descobrindo que eles não são de natureza geográfica, e aqueles que tentam buscar. Coloca-se entre estes últimos ao afirmar, em entrevista a Hermildo Borba Filho, posteriormente, publicada em livro organizado por Maria da Glória Bordini (1999), que

Eu sou dos que buscam. Creio que viajo pelo mesmo motivo que leio romances, biografias, memórias e vejo filmes de cinema ou peças de teatro, isto é, para multiplicar a minha vida por muitas outras. No fundo, um arraigado amor à vida, mesclado de curiosidade. (BORDINI, 1999, p. 145)

Em acréscimo menciona que

Desde criança fui possuído pelo demônio das viagens. Essa encantada curiosidade de conhecer alheias terras e povos visitou-me repetidamente a mocidade e a idade madura. Mesmo agora, quando já diviso a brumosa porta dos setenta, um convite à viagem tem ainda o poder de incendiar-me a fantasia. (VERÍSSIMO, 2005b, p. 62)

Em *A volta do gato preto*, publicado em 1946, cinco anos após o lançamento de *Gato preto em campo de neve*, Erico narra sua segunda viagem aos Estados Unidos. Dessa vez, levando sua família em uma jornada de vários dias, que incluiu, ainda, alguns dias de trem, para assumir uma vaga de palestrante e professor de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

---

<sup>65</sup> Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada política de boa vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período.



Percebemos nesse livro o relato do marido, do pai, do professor, do escritor, do aventureiro, do “contador de histórias”, como gostava de ser chamado, e de tantos outros. É o “contador de histórias” que começa a narrando um acidente de avião em que o narrador morre e assiste a tudo o que se passa depois de sua morte, comunicando-se por meio de sua consciência.

Trata-se de uma aventura, repleta de crítica e de denúncia das situações pelas quais passa com sua mulher e filhos, atravessando o país de costa a costa. Mesmo após a instalação da família Veríssimo em sua nova casa, novos lugares são percorridos. Desta vez, de carro, em busca de novos hábitos, novos horizontes, novas propostas de vida.

No livro, Erico assinala a questão da identidade cultural, ao estabelecer análises do comportamento do povo americano em relação ao diferente e um “vínculo cultural entre brasileiros e americanos” (ANANIAS, 2006, p. 58).

Malazarte, o *alter-ego* de Erico, em *Gato preto em campo de neve*, retorna nesse livro disfarçado de Tobias, mais um símbolo da criança e do adolescente de Cruz Alta, que está presente em tantos outros livros do autor com o “propósito de denunciar a situação vigente no nível da moralidade e da ética” (ANANIAS, 2006, p. 68). Veríssimo chega a escrever e publicar, como um dos contos do livro *Fantoches e outros bichos*, o conto *Malazarte*, em que faz uma denúncia social, como se propunha em suas publicações, segundo Chaves (2001). Para Erico, Malazarte seria um retrato do brasileiro, quando diz

Malazarte encarnaria muitas das qualidades e defeitos do brasileiro de origem lusa, possivelmente com boa dose de sangue de bugre. Malazarte seria preguiçoso, inteligente, sentimental, sensual, imprevidente, generoso... e imagino a ponto de tornar-se um mitômano. (HOHLFELDT, 1984, p. 14)

O próprio Erico confirma sua preocupação com os problemas sociais e políticos de sua época, e como não consegue fazer literatura de forma destacada destes problemas, menciona.

Fala-se em literatura *engajada*. Ela sempre o é. O autor se engaja na luta política, partidária ou não, na luta religiosa... O escritor se engaja também com o Homem e seus problemas. Acima de tudo o escritor se engaja consigo mesmo. (...) - Não vejo como um romancista que escreve sobre estes nossos tempos, possa deixar de focar os problemas sociais e políticos que lhe estão saltando na cara, todos os dias. (VERÍSSIMO, 1997, p. 62)

Em *México*, de 1957, mas escrito entre 1953 e 1956<sup>66</sup>, Erico escreve um diário de viagem em que, segundo Ananias, “o caráter primordial do ato de narrar é extremamente acentuado pela sua característica funcional da memória” (ANANIAS, 2006, p. 69) e onde sua narrativa é desenvolvida como um acontecimento pessoal e singular.

Erico Veríssimo, segundo Maria Luíza Ritzel Remédios (1996), escreve em seus livros de viagens “comentários de leitura, reflexões políticas, estéticas, morais, religiosas” (REMÉDIOS, 1996, p. 35).

Ainda segundo Remédios (1996), o espaço autobiográfico é formado nessa obra de Veríssimo a partir da justaposição de microrrelatos em ordem cronológica de acontecimentos, por meio dos quais o escritor reflete sobre suas vivências; por meio de um exercício de autoconhecimento através da escrita. Em *Solo de clarineta I*, o autor compartilha os cuidados com o planejamento, a elaboração e o lançamento de *México*:

Fosse como fosse, eu me sentia de maneira misteriosa identificado com aquela terra e seu povo. Bom, *identificado* talvez não fosse a palavra exata. O melhor seria dizer que eu não conhecia o México, mas amava-o. Não era a mesma coisa? Claro que era! O amor, como a arte, é uma das mais legítimas formas de conhecimento. A gente e as coisas mexicanas fascinavam em mim o romancista, o pintor irrealizado e possivelmente o remoto índio que dormita agachado em algum abscondito recanto do meu ser. Passei todo aquele verão e parte do outono que se seguiu absorvido a escrever sobre o México, com um enorme gosto e ímpeto (VERÍSSIMO, 2005a, p. 7).

Logo no início de sua viagem, ao chegar à cidade de Juárez, saindo dos Estados Unidos, depois de atravessar o Rio Grande, Erico tem a sensação de que, segundo ele mesmo, “em certos lugares que visitamos pela primeira vez ou em certas situações, somos levados a pensar: ‘Já estive aqui antes. Isto já me aconteceu’”(VERÍSSIMO, 1957, p. 16).

Erico, que até então não exercitara a função de escritor, como compartilha com o leitor logo no início desse mesmo livro, ao entrar em contato com as pessoas e paisagens da cidade mexicana e sentir uma proximidade com a realidade latina, desperta o romancista que “hibernava”.

---

<sup>66</sup> Período em que o escritor voltou aos Estados Unidos como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, por indicação do Ministério das Relações Exteriores do Brasil

Mendigos, foguetes, bilhetes de loteria, moscas... Estou em casa! Vem-me de súbito, numa onda, um urgente desejo de escrever. O romancista que **hibernara** durante dois anos à beira do Potomac ressurgiu aos primeiros contatos com este mundo dramático, tão próximo da terra e das raízes da vida. (VERÍSSIMO, 1957, p. 16, grifos nossos)

Mais uma vez, percebemos a importância dos lugares para o autor; lugares estes que entendemos como lugares autobiográficos, em diálogo com Kotre (1997), na medida em que possibilitam um fluxo de lembranças e sensações que permitem ao romancista inspirar-se para a criação de suas histórias e para os relatos de suas viagens.

Na viagem ao México, o fantasma de seu pai passa a assombrá-lo, surgindo perdido e sem voz num sonho em que o autor vê pessoas queridas que já morreram. A sensação de abandono pelo pai ressurgiu, mostrando a relação mal resolvida com a figura paterna, o sujeito autobiográfico Sebastião Lopes Veríssimo, na perspectiva de seu filho romancista. Salvo esse sonho, o restante do livro é dedicado a narrar o México em cores, formas, sons e sensações.

Sua viagem de férias ao México foi decidida por estar cansado das atividades que desempenhava em Washington, ou em suas palavras:

[...] em suma, estou cansado deste mundo lógico, anseio por voltar, nem que seja por poucos dias, a um mundo mágico. Sinto saudade da desordem latino-americana, das imagens, sons e cheiros de nosso mundinho em que o relógio é apenas um elemento decorativo e o tempo, assunto de poesia. Dêem-me o México, o mágico México, o absurdo México! (VERÍSSIMO, 1957, p. 3)

Veríssimo também escreveu e publicou *Israel em abril*, livro que narra uma viagem ocorrida em abril de 1966, com sua esposa Mafalda, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros daquele país. O texto, publicado três anos depois, compõe o retrato de um Estado fundado, em 1948, portanto, menos de vinte anos antes.

Um fato curioso sobre a publicação desse livro: quando Veríssimo envia ao seu editor o original, envia também uma carta<sup>67</sup>, na qual faz breves comentários e esclarecimentos sobre a obra. Nela, Erico intitula-se “um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores” (VERÍSSIMO, 1970, p. 20), que pretende

<sup>67</sup> Carta, na íntegra, no Anexo II, p. 164.

elaborar quadros despreziosos sobre a realidade de Israel, contudo acaba não só retratando essa realidade, mas também tecendo uma análise sobre ela.

Logo no início do livro, traz uma indicação do que pensa sobre memória, algo muito mais discutido nos dois volumes de *Solo de Clarineta*, mas que, em *Israel em abril*, também aparece.

A memória inconsciente, cineasta desvairada, compõe às pressas e a esmo, com elementos de sua insondável filmoteca, uma espécie de cine-jornal vertiginoso:

[...]

Que filme! E, ao som dum Kol Nidre de rasgar o coração, misturado com um jovial Hava Naguila, tudo isso me passa pela mente numa fração de segundo. (VERÍSSIMO, 1970, p. 2)

Outro momento em que Veríssimo apresenta uma reflexão sobre a memória e seus labirintos acontece, ao lembrar-se da Place dês Vosges, em Paris:

Mais tarde, reencontrando por acaso o citado número de *Leitura para Todos*<sup>68</sup>, fiquei surpreso ao verificar o seu clichê da praça que pouco tinha a ver com a lembrança que dele eu guardava na memória. Entrei em polêmica com o menino e o adolescente que ainda me habitam clandestinamente, pois ambos insistiam diabolicamente em me provar que a verdadeira Place dês Vosges não era a concreta, a real, a que está em Paris e que o meu em adulto *viu*, nem mesmo a sua reprodução no magazine, mas sim a memória dessa estampa – a imagem que me ficou impressa na mente, com toda a sua carga de tempo e fantasia. (VERÍSSIMO, 1969, p. 6)

Essa lembrança mostra a relação de Erico com os espaços autobiográficos, lugares visitados e conhecidos, que lhe retornam à mente, processo desencadeado por outros lugares percorridos ou por objetos que o marcaram durante suas viagens. Até mesmo uma revista antiga, como na citação acima.

Em perspectiva semelhante, para Nogueira (2012)

a possibilidade de recuperar a memória através de lugares de memória [ou espaços autobiográficos] e de artefatos que os rodeiam causam sensações de segurança e estabilidade, com a liberdade de se transitar no universo das lembranças, assegurando um sentimento de identidade com as próprias

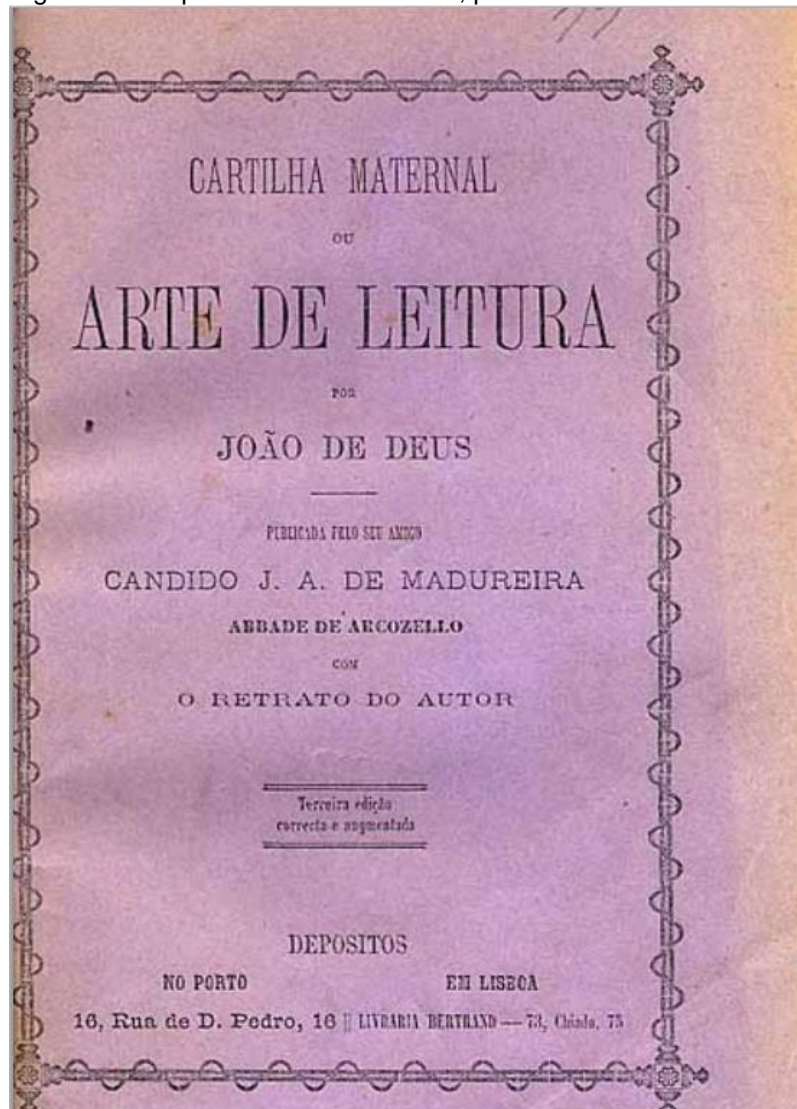
<sup>68</sup> Publicação “irmã” do Tico-Tico, pertencente ao monopólio da empresa jornalística *O Malho*. *O Malho*, a revista *Leitura para Todos* e o semanário *O Tico-Tico* formavam uma mesma ordem familiar do impresso. A esse respeito verificar estudo sobre a revista *O Tico-Tico* veiculado no artigo escrito por Cíntia Borges de Almeida e Aline Santos Costa, integrantes do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação, publicado na *Revista Teias*, publicação eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPed/UERJ. ALMEIDA, Cíntia Borges de, e COSTA, Aline Santos. *Para a Petizada Innocente: Encanto, Diversão e Lições de Conduta na Revista O Tico-Tico (1905-1910)*. In: *Literatura, Infância e Educação*. Revista Teias, 2015, v.16, n.41. ISSN 1982-0305.

raízes. (NOGUEIRA, 2012, p. 81-89, grifos do autor)

Ao percorrer a cidade de Nazaré, excursão narrada no livro *Israel em abril*, Erico se lembra de sua cidade natal, a pequena Cruz Alta, porque, em um *flash* da memória, lembra-se de um hino que cantou na escola sobre o “Menino Jesus caminhando por Nazaré ao lado de São José” e diz:

na cidade não bíblica de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil – um menino de oito anos incompletos ergue-se de seu banco, a uma ordem da professora do curso primário, e começa a ler em voz alta o “Hino de amor”, da *Cartilha maternal*<sup>69</sup> de João de Deus. (VERÍSSIMO, 1970, p. 83).

Figura 11 - Capa da *Cartilha Maternal*, publicada em 1877.



Fonte: Depositário Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>69</sup> João de Deus foi um poeta português, nascido no Algarve, em 8 de março de 1830. Escreveu em 1876 a presente cartilha e a publicou em 1877, com apoio de Cândido J. A. Madureira, Abade D'Arcozello.

E assim acontece por todo o caminho, em um constante relembrar-se de lugares em que viveu e visitou, marcando o que poderíamos chamar de “lugares autobiográficos”, conforme Kotre (1997), ou aqueles lugares que despertam memórias e nos fazem falar num fluxo contínuo de reminiscências, uma vez que se transformam em um marco referencial para a construção do indivíduo.

Aquele trecho de quarteirão com cafés que têm mesas e cadeiras na calçada poderia estar em Paris. E porque esta avenida não se enquadraria à maravilha no Rio de Janeiro? Ou em Belo Horizonte, com este seu ar de “coisa nova”? Ou mesmo em Lima, Peru? Há um momento em que o cheiro de “noite no deserto” combinado com luz fluorescente, me evoca uma das mais limpas cidades dos Estados Unidos: Phoenix, Arizona. Ao passarmos por uma pracinha, Porto Alegre me acena. (VERÍSSIMO, 1970, p. 26)

Em *Israel em abril*, Veríssimo se autodenomina um “pintor” das terras israelenses, uma vez que escreve em carta ao editor, sou “um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores” (VERÍSSIMO, 1970, p.). E, como pintor

Olho para a direita e a paisagem muda de figura e cor: vejo suaves outeiros em tons de erva-mate, pomares com árvores floridas, hortas com festivos verdes e, mais longe – horizonte duma terra de siena rosado, com leves toques violáceos – as encostas dos montes de Samaria. (VERÍSSIMO, 1970, p. 10)

Em trecho registrado nesse mesmo livro, mas que também se presta a *México*, Erico escreve

Sou um incansável devorador, ou melhor, degustador de cidades e paisagens (Esse mesmo apetite no plano humano chega a ser quase antropofágico). Muito sensível a formas, cores e odores, creio que consigo captar até a impressão tátil de lugares e ambientes, um pouco com a pele e muito com os olhos ajudados pela experiência da memória. (VERÍSSIMO, 1970, p. 10)

Apesar de *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto*, *Israel em abril* e *México* serem registros de viagens, são, sobretudo, como afirma Antonio Hohlfeldt, “momentos-chave para a compreensão do ser humano e para a correta compreensão de sua obra” (HOHLFELDT, 2005, p. 11).

## 1.2 Erico, menino. Veríssimo, escritor

Ressaltamos que, ao escrever suas memórias, em *Solo de Clarineta*, Veríssimo adulto, pai e escritor reconhecido, falava de si mesmo criança, na cidade de Cruz Alta, na primeira parte do volume 1. Ora, não podemos acreditar totalmente que as lembranças dessa fase da vida do autor sejam inteiramente reais, já que quem fala é o homem e não o menino. Logo, sua narrativa será tecida segundo a perspectiva do homem, que se utilizará de memórias criadas a partir de relatos de familiares e de histórias de outras pessoas para preencher as lacunas que o tempo decorrido criou. Não que seja sua intenção criar fatos e situações que serão contados no livro. No entanto, as memórias começam a sofrer alterações com o decorrer do tempo, podendo chegar a alterações de importante extensão. Como já vimos, a mesma história contada por diferentes pessoas assume diferentes versões. Com o tempo, passam a ser consideradas realidades recriadas, dependendo da lente pela qual se focaliza os fatos vividos.

Figura 12 - Erico criança em Cruz Alta - ALEV



No que diz respeito às memórias mais recentes, essas podem ser consideradas mais completas, na medida em que o fato acontecido está mais próximo daquele que relembra; o que não significa que essas lembranças não estejam entremeadas de filtros e, ainda, que estes mesmos filtros não sejam os responsáveis por completar as lacunas da memória, como um criador de mitos<sup>70</sup>, segundo Kotre (1997), ao estabelecer noções de continuidade e permanência para a história narrada.

Na direção dos estudos relacionados às memórias, Frago defende, por sua vez, que:

Com efeito, a imaginação sempre intervém. E o esquecido. A memória humana é um processo dinâmico. Está em permanente reconstrução. Possui uma natureza transformadora, recreativa e onipresente. Reaparece, queira ou não, mesclada com a ficção. Um de seus componentes é a ficção. E vice-versa. (FRAGO, 2000, p. 1, tradução nossa)<sup>71</sup>

E, ainda, que

(...) todos, sem exceção, recriamos o passado e mesclamos lembranças e fatos esquecidos. A memória não é um espelho, mas um filtro, e o que passa pelo filtro, nunca é a realidade mesma, mas a realidade sempre recriada, reinterpretada e às vezes até consciente ou inconscientemente, imaginada a tal ponto que pode chegar, na mente de quem lembra, a substituir, com vantagem, o que realmente aconteceu. Em última análise, contra a tendência natural para recriar individual ou coletivamente, imaginando ser seu próprio passado, é a tarefa histórica que recria, reconstruindo - também parcialmente - e reinterpretando<sup>72</sup> (FRAGO, 2000, p. 3).

---

<sup>70</sup> Todo homem é um criador de mitos na medida em que escolhe qual imagem dele próprio deixará para a posteridade.

<sup>71</sup> De hecho, la imaginación siempre interviene. Y el olvido. La memoria humana es un proceso dinámico. Es en la reconstrucción permanente. Tiene un carácter transformador, recreativas y onnipresente. Reaparece, nos guste o no, se mezcla con la ficción. Uno de sus componentes es ficción. Y viceversa.

<sup>72</sup> Todos, sin excepción, recreamos el pasado y mezclamos recuerdos y olvidos. La memoria no es un espejo, sino un filtro, y lo que sale, através del filtro, no es nunca la realidad misma, sino una realidad siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, en la mente del que recuerda, a sustituir, con ventaja, a lo realmente acaecido. En último término, frente a la natural tendencia individual o colectiva a recrear, imaginándose, su propio pasado, se halla el quehacer histórico que lo recrea, reconstruyéndolo-también parcialmente-y reinterpretándolo.



Outra importante contribuição para esta pesquisa é o trabalho do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que nos propõe o conceito de ilusão biográfica<sup>73</sup>, uma vez que os relatos biográficos ou autobiográficos apresentam sempre um movimento de seleção de acontecimentos significativos, com o intuito de criar conexões e coerência na vida reconstruída. Bourdieu afirma que

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 1998, p. 184)

Em passagem de sua autobiografia, Erico Veríssimo problematiza esse movimento, ao afirmar que “talvez (porque) tenha chegado à conclusão de que nem tudo que acontece na vida real torna-se necessariamente verossímil quando transposto para o plano da ficção” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 278). Observa ainda que o inconsciente tem papel de grande importância para o escritor literário, como já foi mencionado anteriormente.

Ao examinarmos a Tabela 3 (p. 51), podemos perceber que o primeiro livro com a temática de escritas de si foi publicado, por Erico, em 1941. O último, a segunda parte de *Solo de Clarineta*, somente foi publicado em 1976, havendo, portanto, um intervalo de 35 anos entre eles. Sendo assim, podemos entender que a escrita do autor já sofreu, entre o primeiro e o último livro, investimentos e aprimoramentos, uma vez que, ao contar relatos extraídos da memória, em um primeiro momento, contamos de uma forma, com as lembranças ainda recentes em nossa memória. Entretanto, ao contá-los dias, meses ou anos depois, percebemos mudanças em alguns pontos, em razão, talvez, da distância entre o acontecimento e o momento de rememoração, ou por ter tido tempo de pensar sobre o acontecimento e trabalhá-lo na dimensão dos significados dos eventos da memória, ou, talvez, por ambos.

O fato é que o “contador de histórias”<sup>74</sup> teve, ao longo da infância, contato com inúmeros leitores no seu círculo familiar, e isto pode ter, em certa medida,

<sup>73</sup> Preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, uma constância de si mesmo, por intermédio da instituição de relações inteligíveis que ordenam o relato autobiográfico (BOURDIEU, 1998, p. 184).

<sup>74</sup> Forma pela qual Erico se autodefinia.

facilitado seu contato com o contexto literário. Esses seriam os “sujeitos autobiográficos”, ou, se seguirmos a mesma definição dada por Kotre para objetos autobiográficos, aquilo que, ao ser lembrado, “inicia uma corrente de associações que podem fazê-lo falar durante horas” (KOTRE, 1997, p. 107).

Figura 13 - Família Veríssimo em 1908. Erico, então com 3 anos (primeira criança a partir da esquerda) - ALEV



Erico Veríssimo destina uma parte considerável de sua autobiografia para lembrar de seu pai, haja vista a grande importância deste para o menino e o jovem do interior. Em *Solo de Clarineta I*, Erico destinou um capítulo inteiro ao pai, Sebastião Veríssimo. *Em busca da casa e do pai perdidos* é uma tentativa de retorno ao passado, com vistas a reaver débitos com a figura paterna, que, mesmo tendo desapontado a sua família, ao viver uma vida boêmia sem se preocupar com a casa, deixou um sentimento de perda em seu filho mais velho, que o admirava, embora tenha ficado ao lado da mãe quando de sua decisão de se separar, segundo relata em sua autobiografia *Solo de Clarineta I*.

Em *Solo de Clarineta II* (2005b, p. 79), Erico, em um devaneio de viagem, lembra do pai, demonstrando o quanto a figura paterna era importante na sua constituição.

À tarde encontro numa praça quase deserta um homem que me parece visitante como eu, pela maneira como está vestido e também porque tem uma câmara fotográfica a tiracolo. Sebastião Veríssimo me empurra na direção do desconhecido e me obriga a puxar conversa com ele.

A figura paterna era tão importante para o escritor gaúcho que, mesmo depois de anos sem vê-lo, ao saber que estava doente, não hesitou em enviar auxílio, como ele próprio revela quando diz: “além dos motivos de ordem sentimental, eu levava em consideração a ideia de que qualquer hesitação da minha parte poderia mais tarde parecer a mim mesmo um ato inconsciente de punição ao meu pai” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 240). Contudo, no dia seguinte, foi informado da morte de Sebastião Veríssimo, e relata: “isso me doeu, dando-me um sentimento de culpa que eu repelia com o intelecto, mas sentia intensamente com o corpo inteiro” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 240).

Esse sentimento o incentivou a falar durante a longa caminhada que fez ao lado de Maurício Roseblatt<sup>75</sup>, ao final do dia da morte de seu pai.

Na noite daquele dia Maurício Roseblatt passou várias horas fazendo-me companhia. Caminhamos sem destino certo pelas ruas mais quietas da cidade. Meus problemas íntimos me davam uma loquacidade nervosa. Falei todo o tempo em meu pai, recordei os seus mais belos momentos, as nossas relações, o papel decisivo que eu representara na separação do casal. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 240).

Em *Solo de Clarineta I*, lemos sobre como Sebastião Veríssimo era detentor de numerosa biblioteca, com mais de 2 mil livros de literatura variada ricamente encadernados em couro com letras douradas na lombada (VERÍSSIMO, 2005a, p. 42).

Consolava-me à noite com os poucos livros sobrados da rica e numerosa biblioteca que meu pai possuía nos tempos das vacas gordas em que

---

<sup>75</sup> Editor da Livraria do Globo (a convite de Erico Veríssimo) a quem se deve a introdução de grandes nomes da literatura universal no Brasil, segundo informações do site do Instituto Moreira Salles, entre eles, podemos citar Marcel Proust. [www.ims.com.br/ims/](http://www.ims.com.br/ims/). Acesso em outubro de 2015.

assinava *L'illustration*<sup>76</sup>, em cujas páginas de papel gessado nos vinha o espírito, o cheiro, as imagens, a vida, enfim, de uma Paris que eu já conhecia dos romances de Maurice Leblanc<sup>77</sup>, das aventuras de *Arsène Lupin*<sup>78</sup>, e das andanças dos Três Mosqueteiros<sup>79</sup>. Tinha eu a impressão de que todos os meus sonhos e projetos se haviam desfeito em poeira. [...] O meu consolo eram os livros e as minhas próprias fantasias (VERÍSSIMO, 2005a, p. 28).

Erico conviveu, ao longo de sua infância e juventude, com inúmeros leitores no seu círculo familiar e de amigos, fato que pode ter, em certa medida, facilitado seu contato com o contexto literário, além de ter à disposição, no sobrado dos Veríssimo, a biblioteca paterna tão ricamente formada, mas que foi dilapidada por Sebastião Veríssimo ao presentear amigos e conhecidos com seus exemplares, conforme Erico Veríssimo relata em suas memórias.

A análise dos livros *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto*, *Israel em abril* e *México*, narrativas de viagem, e, em especial, *Solo de Clarineta I e II*, uma autobiografia, permite apreender a importância dada por Erico Veríssimo às práticas da leitura, mesmo acreditando que não possuía capital cultural acumulado. Dizia: “Já chegara à firme conclusão de que me faltava talento para a poesia e carecia de cultura para o ensaio. Restava-me tentar a ficção” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 192-193).

E é na ficção escrita por Veríssimo que observamos influência dessas leituras realizadas durante a infância, juventude e vida adulta, como quando afirma que utilizou o conhecimento adquirido lendo um número antigo da revista *L'illustration* para criar o ambiente onde se passava a história de *O Prisioneiro*<sup>80</sup>. A inspiração veio da antiga capital do Vietnã, Hué (VERÍSSIMO, 2005a, p. 85).

Segundo Fábio Lucas (2006, p.40), “nos romances de Erico Veríssimo, encontramos frequentemente a *circulação do saber* dentro da obra”, ou seja, o

<sup>76</sup> Revista semanal francesa, fundada em 1843, na cidade de Paris. Utilizou o nome *L'illustration* até 1944; a partir de 1945 até 1955 adotou o nome de *France Illustration*.

<sup>77</sup> Autor de histórias de detetive e aventuras, foi criador do famoso personagem de *Arsène Lupin*, o "ladrão de casaca". Maurice Leblanc nasceu em 11 de novembro de 1864, em Rouen, e faleceu em 6 de novembro de 1941, em Perpignan.

<sup>78</sup> Personagem da novela policial *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*, criada por Maurice Leblanc em 1907.

<sup>79</sup> Folhetim criado em 1844 por Alexandre Dumas.

<sup>80</sup> Novela publicada em 1967. Tornou-se tema de *Anatomia de um romance*, caderno de anotações onde o escritor realiza uma autocrítica de seu trabalho.

romance “nos fornece informações que não são da narrativa, mas da cultura dos povos, o saber enciclopédico”.

Nos livros de viagem já citados, Veríssimo possibilita ao leitor ter acesso a informações acerca dos países visitados, ilustrando a paisagem, a história e as pessoas.

Há prodigalidade de tintas nestas ruas em que abundam as caras rosadas de olhos azuis; as cabeleiras douradas e ruivas; táxis verdes, negros, brancos e cor de laranja, cartazes com gravuras policrômicas; vitrinas a exhibir doces, bolos, tortas e bombons que estadeiam todas as cores do arco-íris. (VERÍSSIMO, 2006, p. 53)

Os arranha-céus não me dão nenhuma sensação de esmagamento ou vertigem. Como não há casas baixas para servir de ponto de referência e comparação, não existem também os contrastes chocantes. (VERÍSSIMO, 2006, p. 53)

Tal informação compartilhada com o leitor, que passa a conhecer, pelo menos, parte do processo criativo do escritor, é bastante interessante, por permitir iniciar um processo de análise das informações veiculadas em obras que podem ser consideradas históricas, tal como *O Tempo e o Vento*. É a partir desse movimento, também, que começamos a compreender o quanto a leitura dos tempos de criança foi importante para a formação do homem Erico e do escritor Veríssimo, que aproveitava o conhecimento adquirido com a leitura de revistas e livros para criar ambientações, que ainda que fossem inventadas, permitissem ao leitor observar características possivelmente reais.

Sobre a vertente histórica de suas obras, Regina Zilberman (2010) afirma que “Erico teve condições de transformar a história do Rio Grande do Sul em alegoria da história nacional” (ZILBERMAN, 2010, p 134), até porque presenciou, em sua infância e juventude, acontecimentos históricos em seu Estado. A pesquisadora indica que a “reprodução” dos acontecimentos no Rio Grande do Sul principia com o livro *Clarissa*, e conclui quase trinta anos depois, no último volume de *O arquipélago*, ainda que *Incidente em Antares*, de 1971, também se nutra dos ecos dessa trajetória” (ZILBERMAN, 2010, p 135).

## 2 O MENINO LEITOR DE CRUZ ALTA: SUJEITOS E ESPAÇOS MEDIADORES

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.

*Walter Benjamin*

No *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* a palavra leitura vem com a seguinte definição:

1. Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler.  
2. Ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito, para se distrair ou se informar. 3. Maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento. 4. Ato de decifrar qualquer notação; o resultado desse ato. (*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 1.0.7)

Os sentidos da palavra leitura encontrados no dicionário parecem ser os sentidos “simplistas” que Ezequiel Theodoro da Silva aponta em texto de 1999 e que veremos mais adiante.

O livro passou a ser visto em diferentes contextos culturais, como objeto de estudo e, não somente, como fonte de conhecimento, pois de acordo com El Far (2006), “há pelo menos 20 anos, acadêmicos e pesquisadores de todo o mundo têm visto a história do livro e da leitura como um campo fértil de análise e discussão” (EL FAR, 2006, p. 59).

As hipóteses acerca da formação do leitor são inúmeras, algumas indicando componentes inatos como os responsáveis pelo aprendizado da leitura, outras enfatizando a influência do meio, em que o espaço, os materiais e a convivência com membros mais experientes são partes importantes para esse aprendizado. Por isso, neste capítulo nos empenharemos em uma análise sobre os aspectos da

formação do leitor tendo em conta o conceito de mediação. Importa indicar que procuramos dar continuidade a pesquisas que privilegiam essa abordagem<sup>81</sup>.

Historiadores da leitura, norte-americanos e europeus, dentre eles Darnton (1990), Chartier (1994, 1999) e o Frago (2000), procuraram e ainda procuram informar como liam nossos antepassados. De Santo Agostinho (s.d.) a José de Alencar (1987), que se iniciou leitor nos serões familiares onde se lia em voz alta.

Sabíamos pouco; mas esse pouco sabíamos bem. Aos onze anos não conhecia uma só palavra de língua estrangeira, nem aprendera mais do que as chamadas primeiras letras.

[...]

Era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.

[...]

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio. (ALENCAR, 1987, p. 10)

Não é de hoje que se estuda a mediação como forma do homem se colocar no mundo. Alguns pesquisadores<sup>82</sup> procuram entender a relação do homem com o mundo e como a mediação se apresenta nesse sentido. “O gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos” (PETIT, 2009, p. 22). Por isso, torna-se necessário destacar a importância que os mediadores têm, ainda que eles próprios sejam sem consciência do papel que possuem.

A palavra “mediador” é derivada do latim *mediatore*, e significa aquele que “medeia” ou “intervém”. Aqui, a mediação é entendida como a relação do homem

<sup>81</sup> Nesse sentido, verificar, em especial, o capítulo *A mediação na formação do leitor*. In: SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2009.

<sup>82</sup> Entre eles podemos citar Vygotsky (1998) e Leontiev (2000).

com o mundo e com os outros homens, já que ninguém se relaciona com o mundo que o cerca sem mediadores, de forma direta.

Tratando-se de leitura, mediador é aquele que aproxima o leitor do texto, o promotor da relação leitor-objeto-leitura. Pode ser esse mediador que causará no leitor o desejo por uma percepção produtiva dos sentidos dos textos.

Muniz e Oliveira (2014, p. 6) defendem que

a história da leitura é também a história da relação com o outro, por isso, o mediador pessoal é tão importante no processo de apropriação dos textos lidos, seja de forma presencial ou à distância

Petit (2008) chega a utilizar o termo “iniciador aos livros”, para mencionar as primeiras pessoas a “incentivarem” o outro a ler. Em alguns casos, esse encontro com a leitura, em especial a literária, só é possível por intermédio de um mediador. E este pode ser um mediador institucional ou professor, ou um mediador social ou aquelas pessoas com quem o leitor tem contato mais próximo. De acordo com Aguiar (1996), Petit (2008,2009) e Yunes (2002), o indivíduo é um ser social e, que como tal, vive em constante processo de interação. Um mediador social é capaz de nos proporcionar acesso ao mundo da leitura e desenvolver o gosto pela literatura em qualquer lugar e fase da vida.

É a antropóloga Michèle Petit também que afirma

o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida (PETIT, 2008, p. 158).

Para Wallon (1995), a construção do eu depende do outro; na visão de Vygotsky, o desenvolvimento humano se dá a partir das constantes interações com o meio onde vive, já que as formas psicológicas emergem da vida social. Por isso, identificam-se convergências entre a teoria de Wallon e a de Vygotsky, na medida em que ambos admitem que é através da interação social que o ser humano se desenvolve.

Ideias extraídas da obra de Vygotsky dizem que o meio é revestido de significados culturais, apreendidos com a participação de mediadores:

[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pela experiência sociocultural da criança. [...] O crescimento intelectual da



criança depende de seu domínio dos meios sociais de pensamento, isto é, da linguagem (VYGOTSKY, 1998, p. 44).

Os estudos de Vygotsky apontam para a complexidade do conceito de mediação e para possibilidades de aquisição do conhecimento advindas da elaboração do conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VYGOTSKY, 1998, p. 118).

Vygotsky também defende que os processos de mediação são sempre dinâmicos, pois alteram-se ao longo do desenvolvimento do ser humano. E a qualidade dessas mediações, que vão se tornando cada vez mais sofisticadas (atenção voluntária, percepção, memória) colabora para a formação dos processos psicológicos mediados, que se transformam e acompanham o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida.

Na obra de Vygotsky a concepção de signo diz respeito à noção de ferramenta mediadora de natureza psicológica. E tanto os signos como as ferramentas apresentam função mediadora.

Assim como Vygotsky formula o conceito de mediação para tratar das interações sociais, formula, também, o conceito de internalização, que junto à mediação são considerados aspectos fundamentais para a aprendizagem. Defende que a construção do conhecimento acontece a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas, e que, por isso, a importância do outro não se restringe somente à construção do conhecimento, mas também à constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

Vygotsky (1998) afirma que

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico), e, depois, no interior da criança (intrapicológico). (VYGOTSKY, 1998, p. 75)

Ou seja, o papel que o outro desempenha no processo de aprendizagem é fundamental e, conseqüentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque.

Conceituar o termo “gosto” não é tarefa fácil, por isso, tem sido bastante estudado em áreas como filosofia<sup>83</sup> e sociologia<sup>84</sup>. Geralmente, o conceito de gosto é relacionado às ideias de percepção e julgamento.

O gosto pela leitura, em particular o relacionado à leitura de literatura, não é um fato da “natureza humana”, imutável e acabado, a sua formação tem relação com as necessidades, com o tempo e com o espaço em que se movimentam as pessoas e os grupos sociais.

O indivíduo aprende a ler e a gostar de ler, aprende a ter satisfação com o que lê, aprende até mesmo a acompanhar os modismos de leitura, aprende a ter opiniões sobre leitura, aprende a julgar valores estéticos, e tudo isso se aprende lendo, na visão de Maria do Rosário Magnani (1989).

Se encararmos a literatura como uma possibilidade de ampliação do pensamento e ressignificação de fatos, pensaremos a literatura assim como Souza:

Literatura propõe uma ação na esfera imaginativa, criando uma nova relação entre situações reais e situações de pensamento, ampliando, assim, o campo dos significados e auxiliando na formação de planos da vida real do leitor (SOUZA, 2009, p. 45).

Ler, para Martins (1990, p. 20), “significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes”, permite que o indivíduo construa seu conhecimento. O prazer de ler está relacionado ao prazer de criar novas situações, de se aproximar de um mundo diferente, por vezes, de um mundo de sonhos.

Na autobiografia de Erico Veríssimo, por vezes, são contadas lembranças sobre momentos de leitura em que o leitor se imaginava no lugar descrito pelo autor da aventura lida, como no trecho que segue:

Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comecei a leitura. Recordo as primeiras linhas do capítulo I, intitulado “Uma cabeça posta a prêmio” [...]

---

<sup>83</sup> Na Filosofia, o assunto tem sido amplamente discutido desde o século XVIII. Podemos indicar os estudos de Immanuel Kant, em que o filósofo realiza uma crítica do gosto no livro *Crítica da Faculdade do Juízo* (2002).

<sup>84</sup> Na sociologia, *A Distinção* de Pierre Bourdieu (2007) é uma das mais importantes obras abordando o conceito de gosto. Nela, o autor demonstra que o gosto classifica e diferencia os sujeitos sociais.

As palavras *cipaio*, *Bombaim* e *nababo* exerceram logo sobre o meu espírito um poderoso sortilégio. Continuei a ler o capítulo com voracidade. O tronco, os galhos, as folhas e as frutas da nespereira pareciam também interessados no romance e liam por cima de meu ombro. Que me importavam as emanações fétidas da sentina? Ou as moscas que zumbiam ao redor de minha cabeça? Eu *estava* na Índia das vacas sagradas, dos faquires, do Ganges. [...] (um passarinho cantou, empoleirado num dos galhos da ameixeira, mas para mim não se tratava duma corriqueira corruíra e sim dum exótico e multicolorido pássaro da misteriosa Índia.). (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124-125)

A partir da leitura do trecho acima, percebemos essa característica de resistência a uma dada realidade que a leitura pode oferecer ao leitor, de acordo com pesquisas realizadas por Michèle Petit (2008, 2009, 2013) as quais veremos adiante de forma mais aprofundada. Erico, o menino de Cruz Alta, ao ler seus romances e aventuras, se permitia esquecer de onde estava, dos odores do quintal da farmácia, dos gemidos dos convalescentes. Ele podia estar onde quisesse, ver realidades bem diferentes das que encontrava em sua cidade e ser quem desejasse, um herói ou um bandido. Ler, para o menino, era como uma libertação, não de grilhões, mas de sua imaginação, permitindo que ela percorresse caminhos e lugares diversos.

Erico nasceu e cresceu em um casarão de pequena cidade do interior, filho mais velho de família tradicional da cidade, que perdeu o dinheiro que possuía e a farmácia que poderia suprir os gastos da casa. Lembrava-se do pai como sujeito que gostava de boa comida e bebida, além de boa música. Um boêmio que não media esforços para agradar os amigos, mesmo que isso lhe custasse todo o dinheiro de que dispunha a farmácia, que também servia para pequenas cirurgias.

[...] Sebastião Veríssimo amava de tal modo o conforto, as mulheres, a boa mesa, os bons vinhos, as belas roupas, as camas macias [...]  
Sua vaidade era visível a olho nu. Tinha muitas roupas e sapatos, um *smoking*, uma casaca, um chapéu alto e uma riquíssima coleção de gravatas. Gostava de ser admirado e querido, e sentia um genuíno prazer em agradar e servir os outros. Foi o mais extravagante presenteador, o mais generoso anfitrião que conheci em toda a minha vida. (VERÍSSIMO, 2005a, p.40)

Abegahy, sua mãe, é lembrada como uma mulher séria, ao contrário do marido, e que trabalhava costurando para fora como forma de sustentar a família. Não se importava com livros ou revistas, mas em manter a casa funcionando, embora soubesse das relações extraconjugais do esposo.

Por ora direi que d. Bega era tão diferente de meu pai quanto a água do vinho. [...] Ele era um gastador imoderado, ao passo que ela era econômica. [...]  
 Meu pai era um sonhador, minha mãe uma realista. [...] A sobriedade seca de d. Bega era uma rústica moldura que dava um esquisito relevo aos exageros e extravagâncias do marido. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 54)

Nesse clima de crise familiar, o menino Erico aprendia a ler os primeiros livros na biblioteca do casarão, demonstrando suas primeiras experiências com o mundo das letras e indicando, ainda que inconscientemente, os possíveis primeiros mediadores de leitura. Segundo Petit e suas pesquisas

(...) o iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais sem pender para uma mediação de tipo pedagógico (PETIT, 2008, p.175).

Logo no início de *Solo de Clarineta I*, Erico informa: “Senti um dia a curiosidade de descobrir a origem dos Veríssimo” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 29). E, ao lembrar do avô materno, rememora:

Aníbal Lopes da Silva era um contador de histórias nato. Fluente, pitoresco, jamais se perdia em pormenores inúteis. Era direto e tinha um humor seco temperado duma ironia que nunca se tornava sarcasmo. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 50).

Outra autora que contribui com noções sobre mediação da leitura é Anne-Marie Chartier. Defende que “na mediação da leitura, entra-se no campo de um prazer que se constrói na lentidão” (CHARTIER, 2008, p. 2). Na perspectiva da autora, a leitura é um hábito que se transmite, mais do que se ensina.

Estudiosos do processo de aquisição da leitura, como Teberosky (1996), têm apontado o ambiente letrado como uma das contribuições para a formação do leitor, e esse ambiente é entendido como aquele que abriga variados materiais de leitura, situações em que o uso da leitura e da escrita apareça ou, ainda, em que as narrativas orais se façam presentes. Segundo Eliana Yunes, pesquisadora da formação de leitores em perspectiva interdisciplinar, por exemplo, “ouvir histórias, sejam elas documentadas ou inventadas, consiste em um recurso de familiarização

com a estrutura do relato, que organiza o pensamento e propicia uma melhor recepção dos textos lidos” (YUNES, 2002, p. 36).

Erico Veríssimo lembra-se dos empregados da casa que lhe cantavam músicas para dormir, ou contavam histórias, visto que afirma “estou convencido de que meu primeiro contato com a música, o canto, o conto e a mitologia se processou através da primeira cantiga de acalanto que me entrou pelos ouvidos” (VERÍSSIMO, 2005a, p.78). Esses exemplos da cultura oral são, aqui, entendidos como estimulantes para a leitura, uma vez que esta é percebida como algo amplo, não só considerando leitura o que é impresso, mas outras modalidades de leitura, como as ouvidas, assistidas, etc.

Michèle Petit defende, ainda, que “o gosto pela leitura deriva, em grande medida, dessas intersubjetividades e deve muito à voz” (PETIT, 2009, p. 58), porque “se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva, assim como as leituras orais” (PETIT, 2009, p. 58).

A oralidade não deve ser entendida como a ausência de uma habilidade, uma vez que encontramos no relato autobiográfico de Erico Veríssimo o menino Estevão, que narrava contos cheios de ação e aventura com competência para prender a atenção de seus ouvintes.

Para o menino acostumado aos pitorescos contos de Estevão – com seus punhais malaios, seus suplícios chineses, duelos e guerras -, aquelas inocentes fábulas das duas irmãs eram-me insuportavelmente aborrecidas, a ponto de me provocarem bocejos. (VERÍSSIMO, 2005a, p.98)

O leitor é aquele que entra em contato com o universo literário nas suas variadas expressões artísticas, e, não somente, no âmbito da cultura escrita conforme a antropóloga Petit (2009). Ela considera a oralidade como porta de entrada bem-sucedida para o mundo escrito e usa como exemplos da importância dessa oralidade as cantigas de ninar e rimas infantis, bem como as histórias contadas às crianças antes de dormir.

As histórias da infância são contadas por pais e avós e incorporadas à identidade daquele que as ouviu de tal forma que, em muitos casos, ao escrever sua história, essas memórias de outros se confundem com as do próprio escritor, a ponto de ele mesmo não saber mais quais são as suas e quais ele tomou

conhecimento através das narrativas de família. Essas histórias, na perspectiva de Halbwachs (2006), pertenceriam ao coletivo e só continuariam existindo enquanto fossem lembradas no coletivo, visto que, para o autor, não existe memória apartada do social.

Segundo Halbwachs (2006, p. 39)

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Assim, de acordo com o autor, para que uma memória contada anos mais tarde se torne a memória do ouvinte, é necessário que ela não destoe completamente das memórias deste.

Em acréscimo, Roig (2010) observa que um número considerável de relatos autobiográficos se inicia com as origens do autobiografado. Com Veríssimo não é diferente.

Nasci a 17 de dezembro de 1905, sob o signo de Sagitário. [...] Fui arrancado a ferros e, resultado dessa violência, tenho uma pequena cicatriz ao lado de um dos olhos. Essa difícil “passagem de túnel” talvez explique a minha claustrofobia, a minha aversão aos ambientes confinados, às cavernas, às cabinas de trem ou vapor, em suma, a todos os lugares que me ameacem com a possibilidade de sufocação, estrangulamento... (VERÍSSIMO, 2005a, p. 33)

Esse trecho ilustra a afirmação de que muitas memórias de infância são apropriadas pelo autobiografado após ouvi-las de pessoas próximas, por isso, Erico Veríssimo afirma “sei, por ouvir dizer, que até à idade de dois anos usei e abusei de minha condição de mamífero, sugando o seio materno e outros seios emprestados ou alugados” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 59). O autor expõe, portanto, sua condição de ouvinte de histórias de sua infância, em relação a um tempo de que não se recorda plenamente, mas que reconhece como seu.

Da mesma forma que o escritor recorre a histórias de outros para encontrar momentos de sua infância e poder contar a sua própria história, muitos recorrem aos livros para reorganizar suas histórias pessoais.

Segundo Petit, “não é apenas no momento de desarranjos internos que os livros servem de auxílio, mas também quando acontecem crises” (PETIT, 2009, p.18), e tais crises podem ser na família, em círculos de convivência ou, até mesmo, guerras, que se desenrolam em lugares longínquos.

Lemos algo parecido quando Erico Veríssimo relata uma epidemia que deixou os habitantes da cidade de Cruz Alta reclusos e a escola de recesso. Naquele período, leu romances por dias inteiros. Foi naquela época que descobriu “com encanto *As minas de prata*<sup>85</sup>, de José de Alencar” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 127).

O menino de Cruz Alta achava que “era muito bom ler livros – concluí -, mesmo que o volume tivesse muitas páginas e nenhuma ilustração” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124). Mas o que é ser um leitor?

Segundo o *Dicionário de Teoria da Narrativa*, elaborado por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), leitor pode ser tanto real quanto ideal. O primeiro é o leitor concreto, já o segundo é aquele leitor idealizado pelo autor do livro, planejado em cada página da obra. De acordo com Umberto Eco (1979) este seria o leitor modelo e, na visão de Wolfgang Iser (1996), o leitor implícito.

Regina Zilberman nos diz, em acréscimo, que

O leitor implícito [é uma] noção importada de W. Iser, discernido a partir das estruturas objetivas do texto, e o leitor explícito, [um] indivíduo histórico que acolhe positiva ou negativamente uma criação artística, sendo, pois, responsável pela recepção propriamente dita dessa. (ZILBERMAN 1989, p.114)

De acordo com o que defende Zilberman, Erico ainda menino poderia ser considerado um leitor explícito, histórico, capaz de ler criticamente uma obra e decidir se queria ler todos os capítulos de um livro, ou, simplesmente, saltar os capítulos que não lhe interessavam e partir para a parte do texto que lhe provocava a ansiedade de saber mais. E um ambiente que lhe tenha favorecido o acesso a materiais de leitura, servindo, também, como mediador, poderia ser, em parte, responsável por essa habilidade.

Na perspectiva de Nascimento (2007, p. 31), mediador é “todo aquele que, de certo modo, provoca o desenvolvimento, de forma intencional ou não. Essa mediação pode ser exercida pela família, na figura da mãe, pai, irmãos, colegas ou de outro adulto”.

---

<sup>85</sup> Publicado em 1865, e de novo, em 1866, pela Editora Garnier.

Nesta parte, a ênfase recai em uma análise de sujeitos que atuaram como mediadores desse processo de aquisição da leitura, entre eles, seu pai, Sebastião Veríssimo, sua mãe, Abegahy Lopes, Dona Margarida Pardelhas, a professora temida e adorada.

## 2.1 O pai e a mãe: primeiras influências domésticas

De acordo com Erico Veríssimo:

Consolava-me à noite com os poucos livros sobrados da rica e numerosa biblioteca que meu pai possuía nos tempos das vacas gordas em que assinava *L'illustration* (VERÍSSIMO, 2005a, p. 18).

Em *Solo de Clarineta I*, lemos sobre Sebastião Veríssimo, detentor de ampla biblioteca, com mais de 2 mil livros de literatura variada, ricamente encadernados em couro com letras douradas na lombada (VERÍSSIMO, 2005a, p. 42).

Esse tipo de encadernação demonstra uma preocupação em tornar o espaço de leitura algo organizado, com uma estética definida para impressionar. Nesse espaço, o livro se torna um objeto de ostentação e símbolo de capital cultural. Segundo apontamentos de Hallewell (1985), o preço do livro no início do século, no Brasil, era alto, e isso impossibilitava sua aquisição por pessoas de baixa renda<sup>86</sup>. Dessa forma, ser detentor de mais de 2 mil livros, segundo a memória de Erico Veríssimo, servia para o culto de uma cultura letrada e, talvez, para Sebastião Veríssimo, impressionar amigos e conhecidos.

Seu filho lembrava-se dele como um leitor, um “homem de leituras variadas, embora não profundas” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 42), ainda que a vida boêmia lhe tenha tirado esta característica. Naquela época, sua biblioteca servia para impressionar visitantes do sobrado e não como fonte de leituras. Talvez, por isso muitos desses livros tenham se tornado uma forma de presentear amigos, e, desse modo contribuído para a dissolução do espaço de leitura, porque, segundo

---

<sup>86</sup> Em edição do *Jornal do Brasil*, de novembro de 1918, foi encontrado anúncio da venda de um lote de livros por 100 contos. Em outro anúncio, da Biblioteca do *Jornal do Brasil*, foi encontrado o livro *Memórias de um mancebo*, de Frederico Soulie, à venda por 1\$000. Na mesma edição do jornal, uma garrafa de vinho era vendida por 600 réis.



Veríssimo, “a mania que Sebastião Veríssimo tinha de ser agradável aos outros ia a extremos curiosos” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 41).

O pai deve ser destacado como figura importante para a formação de Erico, visto ser leitor de literatura variada e apreciador de boa música, de boa leitura e de bons livros, ainda que a leitura e os livros pudessem servir mais para impressionar amigos e convidados do que para aproveitamento pessoal.

Ainda acerca da citação anterior, percebemos que Erico utilizava os livros restantes da biblioteca de seu pai como forma de resistir a uma realidade que não lhe agradava, expandindo seus horizontes e conhecendo outras culturas. Quem nos auxilia a refletir sobre como a leitura pode ser uma possibilidade de resistência ao processo de marginalização é Michèle Petit (2008), uma vez que, Erico nasceu e cresceu em uma cidade fora do que se considerava o eixo cultural do país, fora até mesmo da capital de seu estado, em um município onde o Curso Complementar para a Formação de Professores Primários só foi criado em 1931, segundo consta no site<sup>87</sup> do município de Cruz Alta.

Em um ambiente como esse, ter à disposição números da revista francesa, ou livros de Julio Verne ou *Os Três Mosqueteiros*, ou ainda, a revista *O Tico-Tico*, era uma forma de expandir o conhecimento de mundo que de outra forma ficaria restrito aos ensinamentos dos livros adotados pela escola e que aborreciam o jovem, como a *Cartilha Maternal ou a Arte da Leitura*, de João de Deus, já vista anteriormente.

Todavia, não são, somente, as narrativas ficcionais, revistas e almanaques observados na narrativa autobiográfica. A cultura oral também está presente em seu relato dos tempos de criança. Essa oralidade manifesta-se por intermédio das histórias dos familiares, ou aquelas repassadas por eles, dos demais habitantes do casarão, pelo menino Estevão e através da cantiga popular do Bicho Tutu<sup>88</sup>.

Através de histórias de cemitérios à meia-noite, meteram-me na cabeça e no corpo o medo da “alma de gato”, um duende cuja forma e cor nunca me foram claramente reveladas. Havia ainda o lobisomem, que costumava sair à rua nas noites de sexta-feira. Quanto aos contos de assombrações, o meu favorito era o do bravo homem que apostou com um amigo que passaria uma noite sozinho numa casa mal-assombrada. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 78)

---

<sup>87</sup> Disponível em <http://www.cruzalta.rs.gov.br> e acessado em 21/7/2015.

<sup>88</sup> Também conhecido como Bicho Papão, é um ser mitológico, meio bicho meio homem, que come crianças desobedientes, segundo informações do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em [www.cnfcp.gov.br](http://www.cnfcp.gov.br) e acessado em 21/7/2015.

Lembra, por exemplo, que seu avô materno “era um contador de histórias nato. Fluente, pitoresco, jamais se perdia em pormenores inúteis. Era direto e tinha um humor seco temperado duma ironia que nunca se tornava sarcasmo” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 50).

Outros materiais os quais teve acesso e que, atualmente, têm sua importância reconhecida, como um dos suportes de leitura, são os cartazes dos produtos farmacêuticos, visto que o autor rememora passar um tempo considerável na Farmácia Brasileira, de posse de seu pai, e que “ficava separada da casa residencial por um corredor pavimentado de mosaicos” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 59). O menino Erico, ao conviver com o trânsito de doentes e parentes de convalescentes, com as cirurgias realizadas nos fundos do prédio e com as rodas de chimarrão, que aconteciam no local, observava e registrava os fatos ocorridos. Esse cenário serviria, anos mais tarde, como modelo para a Farmácia Popular do doutor Rodrigo Cambará, personagem da saga *O Tempo e o Vento*.

Pensando em lugares autobiográficos (Kotre, 1996), temos o escritório de Sebastião Veríssimo, um lugar de buscas por novos materiais de leitura para o pequeno leitor de Cruz Alta.

Na minha casa a peça que mais me atraía e divertia era o escritório de meu pai — que ele pouco usava. Lá estavam seus armários cheios de livros, uma escrivaninha — conhecida como o bureau — com o tampo coberto com um pano verde como o das mesas de bilhar. Em cima dela, em excitante desordem, viam-se vidros de tinta Sardinha, canetas e um lápis bicolor, azul e vermelho, objeto de minha especial predileção. [...] E ficava a desenhar figuras humanas, casas, o Demoiselle de Santos Dumont, transatlânticos, balões, as pirâmides do Egito, paisagens nativas com coxilhas, capões, cavalos... (VERISSIMO, 2005a, p.84).

Note-se que o local não era reservado somente a práticas de leitura, mas também a desenhos sobre variados temas, incluindo paisagens conhecidas através de histórias e de livros lidos.

A casa onde Erico passou sua infância é algo de tamanha importância para o homem e o escritor que surge em sua autobiografia como um local ausente a ser buscado. O próprio Erico Veríssimo compartilha sua opinião sobre essa casa, à medida que reflete o real e o imaginado em relação a ela, como já vimos em páginas anteriores.

E, dessa forma, a casa dos Veríssimo, na condição de espaço autobiográfico, contribuiu para a formação de Erico como leitor, uma vez que oferecia ao menino

espaços de leitura, reservados para esse fim ou não. Neles, o menino podia se apropriar daquilo que era lido nos livros retirados da biblioteca ou comprados, com o dinheiro conseguido após a leitura do primeiro volume de uma série pertencente ao seu pai. Até mesmo o canteiro, em volta da nespereira, servia como espaço de leitura, já que permitia ao pequeno leitor se dedicar à história: “Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comecei a leitura”. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124)

Ainda que Sebastião Veríssimo não fosse mais um exemplo de leitor, seu hábito abandonado serviu para aproximar o menino Erico dos livros que permaneciam expostos nas prateleiras do escritório. E estes, por mais que servissem para impressionar os visitantes do casarão, podiam ser lidos pela criança, sem que assumissem uma posição de sagrado, fora do alcance das mãos e dos olhos curiosos do leitor.

A leitura para Erico foi, a nosso ver, importante espaço de formação.

Erico Veríssimo lembrava-se de sua mãe de forma diferente daquela como se lembrava de seu pai. Sua mãe não era uma leitora, tampouco se preocupava com a possibilidade de impressionar os conhecidos, demonstrando eloquência e conhecimento literário. Abegahy era lembrada como uma mulher que se dedicava ao trabalho, como costureira, para pagar as contas da casa e os estudos de seus dois filhos.

Encurvada sobre sua Singer, minha mãe agora costurava para fora. Eu sentia uma certa vergonha por saber que d. Bega, esposa de Sebastião Veríssimo, membros ambos de tão tradicionais famílias serranas, era uma “modista”. Cedo, porém, observei que era ela quem, com o produto de seu trabalho, pagava as despesas da casa. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 66)

Talvez sua mãe não fosse uma leitora por ser ela a responsável pelo sustento da casa e dos filhos, e, também, porque, no caso das mulheres, o tempo que poderia ser destinado à leitura era restrito devido às atividades domésticas que desempenhavam diariamente.

Nessa perspectiva, seria possível concluir que existe uma relação entre práticas de leitura e gênero, uma vez que mulheres com casa e filhos para fazer funcionar e cuidar, respectivamente, não poderiam passar muito tempo se dedicando à leitura e deixar suas obrigações com a família de lado.

Tal cenário nos remete a questões relativas à relação entre mulheres e leitura no Brasil dos primeiros anos do século XX, visto que esse é o período de infância e

mocidade rememorados por Veríssimo e recorte temporal desta pesquisa. Segundo Barbara Heller (2006), esse período remete à “belle époque” brasileira, ou a época em que a “cultura europeia exerceu forte influência sobre a estrutura social e econômica no Brasil” e continua afirmando que “às brasileiras de origem mais abonada eram destinados os quartos de costura, os saraus e, eventualmente, pequenos passeios nas ruas da cidade, desde que acompanhadas por homens, fossem maridos, pai, irmãos” (HELLER, 2006, p. 11).

Embora a situação financeira da família Veríssimo não fosse estável, como vimos em trechos anteriores extraídos da autobiografia de Erico Veríssimo, as finanças da família de sua mãe, quando esta era jovem, antes de se casar, eram estáveis. Nesse caso, seria possível supor que Abegahy Lopes Veríssimo tenha tido aulas de costura? Acreditamos que sim, até porque era ela quem sustentava a casa trabalhando como modista.

Tal situação incomodava Erico Veríssimo a ponto de admitir em *Solo de Clarineta* que

Minha mãe continuava a trabalhar como modista. Lembro-me de suas expressivas mãos magras segurando a grande tesoura e cortando com ela moldes de papel. [...] Até hoje, a despeito do anestésico do tempo, todas as imagens daquela sala de costura ainda me doem um pouco quando as relembro. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 149)

Segundo as memórias de Veríssimo (2005), “dona Bega”, sua mãe, tinha à sua disposição, no escritório de sua casa, obras de autores consagrados e, não somente, romances açucarados. Mas, mesmo assim, não era seu hábito permanecer no escritório de seu marido, ou, até mesmo, ler. As mulheres contemporâneas à “dona Bega” tinham como recomendação “a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos” (MORAIS, 1998, p. 74), e não deveriam deixar de lado seus afazeres domésticos.

Seriam elas percebidas como seres “frágeis, incapazes de compreender alguns temas e com comportamento facilmente desvirtuado” (PINHEIRO, 2011, p. 64). Por isso, a necessidade da leitura praticada por mulheres ser tutorada por um homem, fosse ele pai, irmão ou marido. Mas, não seria essa uma tentativa de privar as mulheres da época de uma liberdade temida por, talvez, provocar um questionamento das regras da sociedade?

Contudo, essa censura não acontecia somente no Brasil, um país relativamente jovem. Acontecia, também, na Inglaterra do século XX, testemunhado por Virgínia Woolf, que era proibida de entrar em uma biblioteca se não estivesse acompanhada por um homem, segundo relatado no livro *Um teto todo seu*<sup>89</sup> (2014).

Em *Solo de Clarineta*, Erico Veríssimo não compartilha detalhes sobre a escolarização de sua mãe, mas notamos, na leitura do texto autobiográfico, que sua mãe veio de uma família abastada, embora tenha perdido todo o dinheiro. Nem mesmo se era uma leitora assídua da bíblia é mencionado. No entanto, considerando que “dona Bega” vivia em uma cidade interiorana, no Brasil, do século XIX, sua dedicação ao serviço de modista, para manter a casa funcionando e os filhos estudando, não seria de admirar que não demonstrasse interesse por leituras. Com todos os afazeres de uma dona de casa, que ainda tinha a responsabilidade de sustentar a casa e a família, provavelmente, não lhe sobraria tempo para ler.

Se a leitura de histórias de amores puros e bem-sucedidos era recomendada para as mulheres da época de juventude de “dona Bega”, o seriam por mostrar como uma moça deveria se comportar e como deveria ser o casamento, com a esposa se dedicando ao marido e aos filhos, cuidando da casa, como se esperava. Havia, sobretudo, o temor das leituras consideradas impróprias, que poderiam desvirtuar as senhoras, afastando-as do ideal de esposa, como aquela que cuida do lar. Além de parecer aos olhos de outros que uma mulher que passasse muito tempo com a atenção voltada para um livro fosse uma mulher desocupada.

Às mães que sabiam ler, caberia ensinar aos filhos, como sugere Heller (2006), pois estes precisam da atenção da mãe, que não deveria se dividir entre os filhos e leituras. Talvez, por isso, a mãe de Erico Veríssimo não seja retratada como uma mulher leitora, embora tenha incentivado o filho a publicar seus primeiros escritos, uma vez que entendia o quanto isso era importante para o jovem, que desejava sair da pequena cidade do interior.

Em artigo publicado, no ano de 2011, na Revista *FronteiraZ*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Márcia Cabral da Silva, ao escrever sobre

---

<sup>89</sup> *Um teto todo seu*, título no Brasil, ou *A room of one's own*, título original, é um ensaio de Virginia Woolf publicado em outubro de 1929. Baseado em uma série de palestras dadas, em 1928, em duas escolas para mulheres na Cambridge University.

Maria Helena<sup>90</sup> e sua prática de esconder um livro de romance dentro do livro de estudo, afirma que

O romance escondido no livro de estudo pela jovem Maria Helena, por exemplo, atesta um tempo e formas de sociabilidade curiosas, cuja protagonista – a leitura ficcional – significava um grande perigo ao exercício da imaginação. Assim, entre páginas furtivas e olhares de reprovação materna, nutria-se o imaginário de uma jovem leitora no início das décadas de 1900. (SILVA, 2011, p. 2)

Por que a jovem Maria Helena tinha que esconder o livro de romance dentro do livro de estudos? Acreditamos que o medo de que leituras de romances induzissem as meninas a assumirem uma postura criticada pela sociedade, aliado a crença de que os livros de estudos e a bíblia seriam as leituras edificantes, moralmente corretas e desejadas por famílias para suas jovens.

Mais uma vez, Silva (2013), ao escrever um artigo sobre a vida e as leituras de uma jovem, desta vez Helena Morley, menciona as práticas de leitura de uma menina nos anos finais do século XIX. Ao ler o estudo intitulado *Sobre a Educação Feminina: O Caso de Helena Morley (1893- 1895)*<sup>91</sup>, percebemos que a educação das moças em Diamantina incluía, também, uma formação doméstica, com o intuito de preparar a jovem para os afazeres da casa. Naquele período vivia, também, a mãe de Erico Veríssimo no Sul e tal nos leva a imaginar que sua educação também tenha tido um viés doméstico.

Mesmo não sendo uma leitora frequente, Abegahy incentivava seu filho a escrever seus poemas de criança e, por não saber lhe explicar o significado de certas palavras, lhe comprou um dicionário, que foi usado como fonte de descoberta de novas palavras para suas pequenas produções infantis.

Li um dia num soneto, não me lembro de que poeta brasileiro, uma palavra que achei bonita, mas cujo sentido me era desconhecido.  
- Mãe – perguntei a d. Bega, que pespontava uma saia -, que é que quer dizer *penumbra*?  
- Sabei-me lá, meu filho! Acho que estás precisando dum “amansa-burro”.  
No dia seguinte foi à livraria do Doca Brinkmann e comprou um exemplar encadernado em couro (nove mil-réis) do *Dicionário prosódico de Portugal e*

<sup>90</sup> Maria Helena Cardoso nasceu, em Diamantina, em 1903, fez o curso secundário, em Belo Horizonte e, posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro. Publicou seu primeiro livro, de caráter autobiográfico, *Por onde andou meu coração*, aos 64 anos. Cf: LACERDA, Lilian. *Álbum de Leitura*. São Paulo: UNESP, 2005.

<sup>91</sup> Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em 2013, na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso. ISSN 2236-1855.

*Brasil*, de João de Deus, e entregou-me o gordo volume:  
- Agora podes saber o significado de todas as palavras. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 90)

Sua mãe também era uma incentivadora de suas produções escritas, ainda que fossem as produções de um menino. Em sequência ao episódio com o dicionário, a criança descrita no romance autobiográfico, ao descobrir a palavra “meteoro”, decidiu escrever versos nos quais pudesse utilizar o recém descoberto vocábulo.

Mostrei as quadras à minha mãe, que as achou muito bonitas e me estimulou a continuar escrevendo versos. Meu pai exclamou: “Temos poeta na família!”. E saiu a mostrar os versinhos a seus amigos. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 91)

Veríssimo recordava-se de sua mãe como uma mulher que percebia o “trabalho quase como uma religião” e que, “apesar de ser uma pessoa que fizera apenas o curso primário, compreendia a importância do saber e queria que os filhos se instruissem ‘para serem alguém na vida’ (VERÍSSIMO, 2005a, p. 90). Era também uma mulher “moralista”, mas que “estava longe de ser carrancista ou intolerante: era antes um ser tingido dum certo humor, e não impedia que de vez em quando ela contasse uma história ‘picante’” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 90).

A partir do exame desses trechos, podemos perceber que a mãe de Erico, apesar de não ter estudado muito, era uma mulher que entendia a importância dos filhos frequentarem a escola, como forma de melhorar de vida.

## **2.2 A escola e dona Margarida Pardelhas. Afetividade na Aula Mista Particular**

A partir da leitura de *Solo de Clarineta I e II*, são oferecidas algumas pistas para se pensar a educação, na região sul do Brasil, no início do século XX. Enquanto a primeira escola normal, no Rio de Janeiro, iniciou suas atividades, no ano de 1835, segundo Villela (1990), a primeira escola deste tipo, no Rio Grande do Sul, abriu as portas, em 1870, na cidade de Porto Alegre (ROSA e CUNHA, 2006),

capital do Estado, e a primeira escola normal, em Cruz Alta, só foi inaugurada, em 1930, por iniciativa de Madre Bertrada<sup>92</sup>.

“As horas de aula arrastam-se como tartarugas monótonas. Como custa chegar, todos os anos, o período de férias de verão!” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 69). Esse era o sentimento pelo ambiente escolar que Erico deixou transparecer nas páginas de sua autobiografia. E o sentimento em relação ao livro, que fora adotado pela escola para a consolidação da leitura não era diferente. Ao fazer-lhe menção, assim se referia: [as] “inocentes fábulas das duas irmãs eram-me insuportavelmente aborrecidas, a ponto de me provocarem bocejos”<sup>93</sup> (VERÍSSIMO, 2005a, p. 98). Assim, observamos que o ambiente e o livro escolar seguiam o mesmo caminho que, se não de aversão, pelo menos de pouco prestígio.

Em sua autobiografia, Erico relata que, ao ser matriculado na escola, já sabia ler “passavelmente bem”, uma vez que havia aprendido em casa lendo os livros a que tinha acesso no escritório do casarão.

Aos sete anos eu havia sido matriculado no Colégio Elementar Venâncio Aires. Como já sabia ler passavelmente bem, pude saltar por cima da cartilha primária do *uva, ovo, avô* e cair num livro que começava com a história de duas irmãs, Guiomar e Júlia. (VERÍSSIMO, 2005a, p.98)

No ambiente escolar, não tinha acesso a livros destinados às crianças, mas livros com histórias edificantes e moralizantes, como o *Selecta em Prosa e Verso*, de Alfredo Clemente Pinto. Segundo Batista, Galvão e Klinke (2002), esse livro “organiza-se em torno de uma seleção textual voltada para a formação do gosto literário e a apresentação de modelos para redação”, de acordo com os princípios próximos aos defendidos por Olavo Bilac e por Manuel Bomfim. Indicam, ainda, que no catálogo da Livraria Selbach<sup>94</sup>, de Porto Alegre, o livro é identificado como um

---

<sup>92</sup> Segundo site da instituição: <http://www.colegiosantissima.com.br>, acessado em 23/7/2015. Madre Bertrada pertenceu à Congregação das Irmãs Franciscanas e foi diretora do colégio de 1926 a 1932.

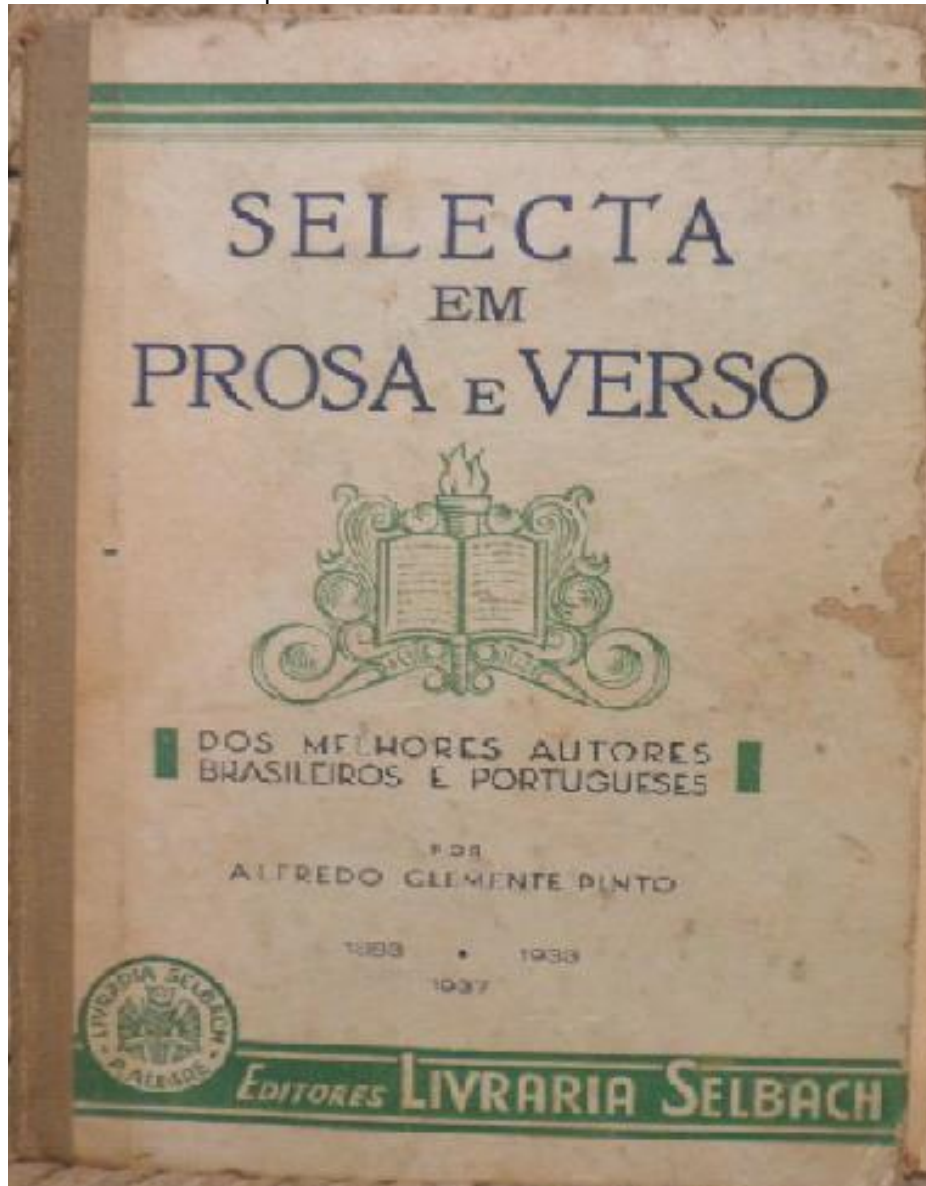
<sup>93</sup> Embora tenham sido feitas tentativas a fim de identificar a cartilha, não conseguimos localizá-la.

<sup>94</sup> Editora de Porto Alegre que, fundada em 1908, foi sucessora da Selbach & Mayer. Além de livraria, era, também, editora de livros escolares adotados em diversos estados brasileiros. Ganhou maior destaque no início do XX. Além de *Selecta em prosa e verso*, editou também, *Primeiras Noções de Gramática*, ambos de Alfredo Clemente Pinto; *História do Rio Grande do Sul*, por João Maia; *Gramática da Língua Inglesa*, de Frederico Fitzgerald; *Segundo Livro de Leitura pelo Método “João de Deus”*. (COSTA, 1922)



livro destinado às aulas primárias e secundárias. Compreende-se, pois, sua utilização por Erico ainda menino, durante as aulas de D. Margarida Pardelhas.

Figura 14 - Capa do livro *Selecta em prosa e verso*, utilizado na escola que Erico frequentava.



Fonte: Depositário Biblioteca Pública Municipal de Porto Alegre.

De acordo com o prefácio da obra, os trechos escolhidos para comporem *Selecta em Prosa e Verso* foram extraídos “das obras dos melhores autores, tanto nacionaes como portuguezes”, de modo que não apenas desperte “os sentimentos mais elevados”, mas também desenvolva “*pari passu* a imaginação e o bom gosto literário”. Além disso, a obra destina-se também “prestar um pequeno auxilio aos que

se applicam à arte de escrever, pondo-lhes diante dos olhos trechos que lhes possam servir de modelo nos exercícios de redacção”.

Esse livro aparece não apenas em *Solo de Clarineta I e II*, mas, também, em sua obra, publicada em 1933, *Clarissa*, no trecho em que a personagem que dá nome a história lembra-se da “história da Cigarra e da Formiga que está na *Selecta em Prosa e Verso*. Por sinal o trecho já lhe caiu uma vez em exame” (VERÍSSIMO, 2005c, p.61).

A história presente no livro lido durante a infância de Erico Veríssimo e, que anos mais tarde, foi incluído em seu romance *Clarissa*:

Tendo a cigarra em cantigas folgado todo o verão,  
 Achou-se em penúria- extrema na tormentosa estação.  
 Não lhe restando migalha  
 Que trincasse, a tagarela  
 Foi valer-se da formiga,  
 Que morava perto dela.  
 Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
 Pois tinha riqueza e brio,  
 Algum grão com que manter-se  
 Té voltar o aceso estio.  
 “Amiga, (diz a cigarra) prometo, a fé d’animal,  
 Pagar-vos antes de agôsto os juro e o principal.”  
 A formiga nunca empresta, nunca dá, por isso ajunta. . .  
 “No verão em que lidavas?”  
 À pedinte ela pergunta.  
 Responde a outra: “Eu cantava Noite e dia, a tôda a hora.”  
 “Oh! Bravo! (torna-a formiga) Cantavas? pois dança agora!”

Em *Solo de Clarineta II*, Veríssimo relembra o momento de leitura de uma das histórias presentes em *Selecta em prosa e verso*, enquanto frequentava a aula de D. Margarida Pardelhas.

[...] E então de súbito o menino está em Cruz Alta, na Aula Mista Particular de d. Margarida Pardelhas, de pé junto de sua carteira, com a *Seleta em prosa e verso* nas mãos, lendo em voz alta um trecho de Pinheiro Chagas, intitulado *Os restos do naufrágio*, e que começa assim: *Nas praias da Bretanha vivia um pescador com a mulher e um filho...*” (VERÍSSIMO, 2005b, p. 104)

Percebemos que a escola estava ancorada em leituras de cartilhas, antologias e livros de leitura. Em todo o relato de Erico Veríssimo não encontramos indicação de leituras suplementares voltadas para crianças no ambiente escolar.

Com relação à professora, D. Margarida Pardelhas, o sentimento que aparece é um misto de afeição e temor, quando relata que ela era “uma espécie de Nêmesis,

temida pelos alunos insubordinados ou vadios e respeitada e mesmo venerada pelos outros” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 99) e continua comentando “sempre tive por essa grande educadora uma certa afeição tingida de temeroso respeito” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 100).

Figura 15 - Professora Dona Margarida Pardelhas.



Fonte: Acervo ACALEV.

A partir da imagem acima podemos perceber algumas pistas de como a figura de Dona Margarida Pardelhas, possivelmente, impressionou seus alunos de Cruz Alta. Era ela uma mulher com aparência severa e traços austeros, talvez realçados pelo cabelo preso em um coque atrás da cabeça e a falta de adornos, exceto o broche que compunha sua vestimenta.

Embora tenhamos pesquisado sobre essa professora, não foi possível encontrar material sobre sua vida profissional, apenas alguns relatos, em trabalhos

sobre o papel da mulher, no início do século XX e informações contidas em blogs de moradores da cidade de Cruz Alta, sem comprovação.

No trecho acima, percebemos a afetividade do menino Erico por sua professora, que impunha, também, respeito aos seus alunos com sua figura imponente. Atualmente, com a busca pela compreensão do indivíduo em sua complexidade, observa-se uma ampliação das discussões sobre as relações entre afetividade e os processos cognitivos.

A afetividade vem sendo pensada como uma importante mediação educacional que acaba por influenciar sobremaneira a relação de ensino-aprendizagem.

Wallon (1971, 1995) e Vygotsky (1998) muito contribuíram para as discussões sobre a afetividade. Para Wallon (1995), a afetividade desempenha importante papel na constituição e funcionamento da inteligência, ao determinar os interesses e necessidades individuais, visto que revela “a capacidade do ser humano de ser afetado pelos acontecimentos, pelas situações, pelas reações das outras pessoas, bem como por disposições internas do próprio indivíduo”. Já para Vygotsky (1998), a construção do conhecimento acontece a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas, destacando o papel do outro nesse processo. Dessa forma, as experiências vivenciadas entre as pessoas não envolvem apenas os aspectos cognitivos, elas são relações interpessoais mediadas simbolicamente.

As vivências evocam sentimentos, que marcam a relação do sujeito com o conhecimento, pois, segundo Tassoni (2013), “as experiências vivenciadas com as pessoas marcam e conferem aos objetos um sentido afetivo, determinando a qualidade das representações do objeto que são internalizadas”. Nesse sentido, como as primeiras experiências de leitura de Erico Veríssimo são lembradas por ele como agradáveis, seu interesse pela leitura de novos livros e histórias não diminuiu com o tempo, como veremos mais adiante, de acordo com os livros que menciona ter lido em seu texto autobiográfico.

Mais uma vez, Vygotsky (1998) nos auxilia em relação a esse conceito, ao defender que as emoções evoluem para o universo simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos. Nessa direção, os processos afetivos e cognitivos se constituem em um par inseparável e participam igualmente do ensino e aprendizagem.

Tratando-se de ensino e de aprendizagem, “as experiências que evocam sentimentos agradáveis podem marcar de maneira positiva os objetos culturais” (TASSONI, 2013).

Em *Solo de Clarineta* (2005), Erico Veríssimo se preocupa em compartilhar com o leitor de sua autobiografia alguns momentos passados na escola e sua relação com as professoras, como nos trechos que seguem:

Aprendi a soletrar muito cedo, em casa. Mais tarde, na escola primária, fui um tanto mimado pelas professoras, por causa do prestígio social de meu pai. [...] Aprendi a duras penas três das quatro operações, mas empaquei na conta de dividir. [...] Depois dessa cena confiou-me aos cuidados magistras dum senhor que naquela época estava hospedado no Sobrado. Chamava-se Miguel Maia [...] aprendi com ele em duas horas a fazer conta de dividir. Recebi então de Miguel Maia o maior dos elogios. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 57)

No colégio elementar eu era um aluno bem-comportado, sempre fechado no meu silêncio, retraído nas horas do recreio. Por isso não era lá muito bem-querido pelos alunos rebeldes, que me chamavam de “chaleirista”, de adulator das professoras. Estas, sim, eram **minhas amigas**, citavam-me como exemplo de bom comportamento e até de decência, mal sabendo por onde andavam meus pensamentos e sentimentos. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 99, grifos do autor)

A emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos, além de ter papel fundamental no decorrer do desenvolvimento, de acordo com Wallon (1971). Ele defende que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam.

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, ela não tem

meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, p. 262).

Todavia, é importante salientar que, segundo Dantas (1993, p. 75), “as manifestações epidérmicas da ‘afetividade da lambida’ se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”, ou seja, a afetividade não se restringe apenas ao contato físico, como sugeriu o autor no

trecho acima, mas, conforme a criança se desenvolve, as trocas afetivas ganham complexidade.

Entendemos que demonstrações de afeto no ambiente escolar não se resumam, somente, a atos de carinho. Elas estão, principalmente, no olhar de confiança do professor em relação à aprendizagem da criança. Uma atenção como, essa contribui a fim de que se obtenha experiências positivas para o desenvolvimento do indivíduo. No caso de Erico Veríssimo, havia uma grande dificuldade em Matemática, fato que o acompanhou, também, no Colégio Cruzeiro do Sul, para onde fora mandando, por seus pais, para terminar os estudos, como podemos perceber nos trechos em que afirma “Satisfiz-lhe o desejo, apesar de minha alergia à matemática” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 130) ou, ainda, em “Aldo tirava boas notas em matemática, ao passo que eu ainda me arrastava claudicante e catacego nessa matéria, em que minhas notas nunca iam acima de 5 ou 6” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 130). Ter como professor um sujeito que estava hospedado no “Sobrado”, mas que não conhecia bem, não foi problema; pelo contrário, ao receber um elogio do homem, se sentiu mais confiante para aprender a operação matemática de divisão, que não conseguira aprender na escola.

Figura 16 - Foto do Colégio Elementar Venâncio Aires.



Fonte: Acervo da Cidade de Cruz Alta.

Para Erico, a relação estabelecida com aquele homem outrora desconhecido, mas disposto a lhe ensinar a única operação matemática que ainda não tinha conseguido entender foi de tão grande importância que, mesmo décadas mais tarde, ainda se lembrava de seu nome e do elogio feito no momento em que percebeu que

o menino entendera suas explicações, ou, “os componentes afetivos estão no núcleo do desenvolvimento intelectual e social das crianças e os afetos são também uma parte importante do meio”, segundo defendem Moreno, Leal e Busquets (2002, p. 24).

Sendo a afetividade parte integrante do desenvolvimento humano, ela contribui não só para os primeiros anos de escolaridade, mas, inclusive, para o percurso escolar mais amplo, como podemos observar na obra memorialística de Erico Veríssimo (2005). Contribui, uma vez que sem o afeto não haveria interesse, necessidade ou motivação dos envolvidos. Contudo, não podemos nos deixar convencer por uma possível afirmação de que o afeto seja responsável por todo o processo de aprendizagem. O afeto e os conceitos aprendidos parecem se acionar e exercer importantes influências na aprendizagem.

No próprio relato de Erico Veríssimo, observamos que, apesar de toda a admiração que o menino sentia pela professora Dona Margarida Pardelhas e que, mesmo sendo “mimado” pelas professoras da escola, não foi capaz de entender suas explicações acerca dos cálculos matemáticos.

Ler é uma importante contribuição para o desenvolvimento da cidadania, que resulta em um processo de inclusão social e afirmação identitária. Para Paulo Freire, a “leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13). Nesse sentido, aquele que lê, tem seu mundo desestabilizado, visto que as leituras lhe geram dúvidas e vontade de mudar. Essa mudança aconteceria depois de reflexões, que levariam a uma prática consciente de um sujeito transformado por suas leituras.

Paulo Freire muito insistiu na importância do ato de ler como um ato de libertação do indivíduo. No artigo apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura<sup>95</sup>, Freire afirma que para escrever tal artigo, relembrou momentos de sua infância nos quais ainda não lia a palavra, mas lia o mundo em que se movia.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1989, p. 9)

---

<sup>95</sup> Congresso realizado em Campinas, em novembro de 1981.

Curioso como Paulo Freire afirma que, ao escrever o artigo, conforme se lembrava das cenas vividas na infância, recriava a experiência vivida, afirmando, também, que existia a possibilidade de ser traído pela memória. Semelhante à experiência relatada por Paulo Freire (1989), quando afirma que sua velha casa foi seu primeiro mundo lido, Erico Veríssimo teve como seu primeiro mundo a ser lido o casarão de sua família em Cruz Alta. Foi ali que aprendeu a ler o seu mundo, do qual fazia parte a casa, a farmácia de seu pai, o barracão para abrigar os convalescentes das cirurgias ali realizadas, e, também, as palavras. As palavras encontradas nos livros achados nas prateleiras da biblioteca paterna e nas gavetas da casa, ou nos rótulos da botica de Sebastião Veríssimo, seu pai.

Paulo Freire (1989) afirma que as leituras que realizou, inclusive a leitura do seu mundo, não fez dele “um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas” (FREIRE, 1989, p. 11), continua asseverando “a curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais” (FREIRE, 1989, p. 11). Processo semelhante pelo qual passou Érico Veríssimo, que, além de ler o seu mundo, lia, também, os livros a que tinha acesso, mas, nem por isso, deixou de ser criança, ao brincar com os amigos e vizinhos.

Os próprios oficiais e soldados dos “exércitos inimigos” de nosso quartirão eram também nossos companheiros de jogos. As guerras eram periódicas e muito espaçadas umas das outras, e delas em geral não ficavam ressentimentos. Quase todos frequentávamos a mesma escola. Jogávamos todos futebol na rua com bolas feitas de dum pé de meia cheio de trapos. Era uma alegria se algum de nós aparecia com uma bola de borracha. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 104)

No relato de Paulo Freire acima percebemos, também, que seus pais são lembrados como mediadores de suas experiências de leitura. Não muito diferente de Erico Veríssimo. Ainda que sua mãe, Abegahy, não fosse lembrada como uma pessoa leitora, e seu pai fosse lembrado como alguém que abandonou o hábito da leitura, encontrou na família incentivos para ler e, mais tarde, se tornar um escritor, como observamos ao longo desta dissertação.

Outro autor a explorar as questões relativas à leitura e à aquisição de mecanismos próprios a sua prática é Ezequiel Theodoro da Silva, que escreveu, em 1999, um artigo publicado no periódico *Perspectiva*, da Universidade Federal de Santa Catarina. Nele, o autor se dedica a abordar diferentes concepções de leitura,



dentre elas, a que denomina de simplista, ou a que reduz a leitura à ação de oralizar o texto, tal qual lemos no trecho “de pé junto de sua carteira, com a *Seleto em prosa e verso* nas mãos, lendo em voz alta um trecho de Pinheiro Chagas<sup>96</sup>, intitulado *Os restos do naufrágio*” (VERÍSSIMO, 2005b, p. 104).

Outra concepção de leitura a que se refere o autor é a decodificação de mensagens, que força o leitor a uma passividade diante do texto, sem a necessidade de pensar ou se posicionar diante daquilo que lê. Na autobiografia *Solo de Clarineta*, Erico relembra livros lidos na escola e afirma: “redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 265). Seria essa uma pista? O que o menino achava dos livros utilizados na escola? Entendemos que se a criança tem uma opinião sobre os textos que lê, ela não tem uma postura passiva diante das leituras que precisa fazer.

Um outro exemplo dessa não-passividade é encontrada em outro trecho de *Solo de Clarineta*, quando o escritor relembra um momento de leitura em que, ao ler um livro com explicações geográficas ou históricas acerca do lugar em que se ambientava o romance, se permitiu saltar “por cima das muitas dissertações puramente geográficas ou históricas de Júlio Verne” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 126).

Ezequiel Theodoro da Silva (1999) também aborda a ideia de leitura como ferramenta para extrair a ideia central do texto, situação que acontece nas escolas brasileiras há muito tempo, embora não possamos afirmar que fosse prática no colégio frequentado por Erico Veríssimo. Identifica, também, o ato de ler, como uma sequenciação dos passos do livro didático. Também não temos pistas se isso era uma prática no Colégio Elementar Venâncio Aires.

A valorização da leitura de clássicos em detrimento de outras também é criticada, porque leitores competentes são aqueles que “convivem com diferentes tipos de textos, inclusive com os de literatura, estabelecendo os propósitos pertinentes para as suas práticas de interlocução” (SILVA, 1999, p. 14).

De acordo com as lembranças da autobiografia de Erico Veríssimo (2005), podemos afirmar que ele era um leitor de clássicos da literatura, mas não só desses. Era também leitor de revistas infantis, revistas francesas e de rótulos encontrados na botica de seu pai.

---

<sup>96</sup> Manuel Joaquim Pinheiro Chagas nasceu em novembro de 1842, em Lisboa, e faleceu em abril de 1895, também em Lisboa. Foi escritor, jornalista e político português, reconhecido como romancista, historiador e dramaturgo.

Segundo afirmações de Silva (1999), ao adotar uma concepção de leitura simplista, que a reduz a um mecanismo para encontrar a ideia central do texto, por exemplo, professores não levam em consideração as “múltiplas facetas e a essência do ato de ler” (SILVA, 1999, p. 15). Para esse autor, ler é interagir, pois o texto age sobre o leitor, e o inverso também, já que o leitor, da mesma forma, age sobre o texto que lê. Ler envolve a capacidade de produção de sentido, e cada vez que o texto é lido, por diferentes pessoas, terá sentidos diferentes. O autor também afirma que o leitor sempre lê com uma finalidade, mesmo quando lê por passatempo.

Erico, nascido em uma cidade do interior do Brasil, crescendo em um lugar onde, possivelmente, considerando os relatos contidos na autobiografia *Solo de Clarineta*, as informações chegavam com atraso considerável, fez uso da leitura para superar uma possível situação de exclusão social, para se tornar um escritor reconhecido por suas obras.

A leitura é, de fato, um ato mediado pela linguagem, e a aprendizagem da e pela língua pode ser entendida como um processo de construção de conhecimento mediado pelas relações sociais.

Atualmente, entendemos que atividades bem planejadas, práticas pedagógicas coerentes e bem desenvolvidas e, é claro, um bom domínio do conhecimento por parte do professor constituem algumas das condições necessárias para que discentes desenvolvam um bom nível de envolvimento com os objetos de estudos e a motivação para uma participação ativa na construção do conhecimento.

Embora, até bem pouco tempo atrás, pesquisas educacionais estivessem voltadas quase que, exclusivamente, para aspectos cognitivos, desconsiderando a dimensão afetiva envolvida no processo de ensino-aprendizagem, cada vez mais se reconhece a importância dessa dimensão no ambiente escolar. Se na época em que Erico frequentou a escola, em Cruz Alta, não se prestava muita atenção a essa dimensão constituinte do ser humano, valorizando-se muito mais a dimensão racional, atualmente, pelo menos na esfera acadêmica, pesquisadores têm se dedicado a estudos e a pesquisas<sup>97</sup> sobre a importância da afetividade na constituição do ser humano ao lado da razão.

---

<sup>97</sup> Podemos citar a pesquisa de Patrícia Rabello Corrêa, *A dimensão afetiva do ser humano: contribuições a partir de Piaget*, defendida em 2008; a tese de doutorado de Waldir Uller, intitulada

Sabemos, por exemplo, que insegurança, medo do fracasso, ambiente ameaçador, ausência de estímulos motivadores são obstáculos ao desenvolvimento intelectual. E esse conhecimento nos possibilita refletir, pois, que embora Erico não vivesse em um ambiente ameaçador ou onde faltasse-lhe estímulos, via seus pais se afastarem cada vez mais e se sentia na obrigação de escolher um lado para apoiar: seu pai, boêmio e festeiro, ou sua mãe, com “seus olhos tristes” e “seus suspiros [que] contavam todas as mágoas que ela recusava transformar em palavras” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 71).

Sempre me doeu vê-la trabalhar tanto. Com a cabeça eu compreendia que, em toda aquela situação familiar, eu devia estar incondicionalmente ao lado dela. Nem por isso, porém, minha atração e afeição pelo meu pai diminuía. Eu sentia por ele algo que a palavra inglesa *awe* quase exprime bem. (Espero não estar sendo pedante.) *Awe* é um medo reverente. Mas no meu caso, além de temor e reverência, havia ainda amor. E, por sentir tudo isso com relação a meu pai, em me julgava culpado duma inominável injustiça para com minha mãe. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 71)

Impossível imaginar que a situação familiar, e no caso de Erico, tendo que se dividir entre a afeição pelo pai ou pela mãe, não interferisse em outros aspectos da vida. Uma concepção dualista do ser humano resultou em um olhar que não considerava a dimensão afetiva nas relações com os objetos de estudo de todas as áreas do conhecimento.

Veríssimo rememora em sua autobiografia o quanto o aspecto afetivo foi importante para a aprendizagem, não só das operações matemáticas, mas, também, da leitura.

Hoje, entendemos a afetividade como condição inerente ao relacionamento aluno-objeto-professor, não a “afetividade da lambida” (DANTAS, 1993, p. 75), discutida anteriormente, mas a afetividade que proporciona o envolvimento do aluno com o objeto de conhecimento, provendo condições para o sucesso, repercutindo na autoestima e na constituição pessoal do aluno. No caso do menino Erico, representado em suas memórias, um elogio foi o suficiente para fazê-lo acreditar que poderia aprender realmente a operação de divisão.

### 2.3 Linguagem: processos de conhecimentos e experiências mediados

Tomo consciência de mim através dos outros.

*Bakhtin, 1979, p. 378*

Entendemos que a escola lida com conhecimentos e experiências mediados, por isso, a relação sujeito e objeto é complexificada por elementos intermediários.

Oliveira (1997), baseada nas pesquisas de Vygotsky, afirma que, ao compartilhar coletivamente os signos, que são elementos mediadores orientados para auxiliar mudanças no próprio indivíduo, o sujeito valoriza a comunicação e o aperfeiçoamento da interação social, e o principal sistema simbólico humano é a linguagem.

Os sistemas simbólicos e particularmente a linguagem, exercem um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. (OLIVEIRA, 1997, p. 40)

Para refletir sobre a linguagem como instrumento de mediação, buscamos subsídios no trabalho de Vygotsky (1998), para quem “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana” (VYGOTSKY, 1998, p. 27).

Em estudos realizados sobre aprendizagem, pensamento e linguagem, Vygotsky (1998) revela que o desenvolvimento e a aprendizagem são processos dependentes da aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem pode ser um paradigma para o problema da relação entre o aprendizado e o desenvolvimento. A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, tornar-se uma função mental interna (VYGOTSKY, 1998, p.117).

Assim sendo, não se pode negar a importância da linguagem para o processo de desenvolvimento e de aprendizagem, e, conseqüentemente, para o aprendizado

da leitura. Nessa perspectiva, o meio social e a escola são indispensáveis para o desenvolvimento da criança.

Em *Solo de Clarineta I*, Veríssimo conta que,

Lembro-me especialmente dum domingo em que meu pai se meteu na sua fatiota de tussor de seda, enfiou na cabeça a sua “picareta” (palheta) e nos pés seus sapatos de tênis, de acordo com a moda do tempo. [...] A banda militar chegou, ao som dum dobrado cívico. Acomodou-se no lugar de costume e começou o concerto. [...] Eu bebia com gosto uma gasosa gelada, quando meu pai me chamou para perto de si, segurou-me o pulso e, com a sua habitual veemência, disse: “Vá lá dizer pro maestro que toque agora *A força do destino*”. [...] Aproximei-me dele: “O papai mandou pedir pro senhor tocar agora *A força do intestino*”. O maestro sorriu: “Diga pro doutor Sebastião que vai ser a próxima”. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 45)

A linguagem como instrumento de interação entre indivíduos pode ser considerada como instrumento mediador da leitura, uma vez que uma criança que cresça em um ambiente em que existam estímulos variados, como a cultura oral, por exemplo, pode se interessar mais facilmente por diferentes suportes de leitura. A leitura não precisa ser, obrigatoriamente, de materiais impressos, mas constituir-se de uma gama de situações nas quais o indivíduo esteja inserido na vida social. Contudo, entendemos que a linguagem não é um instrumento neutro e isento de imprecisões, ela se constitui em uma forma de interação entre locutor e interlocutor mediados pela realidade social.

A importância do estudo da linguagem passa pelas investigações de Vygotsky, visto que “o estudo do pensamento e da linguagem abrange inevitavelmente toda uma série de campos mistos e contíguos do conhecimento científico” (VYGOTSKY, 2001, p. 15).

Esse estudo está embasado nas concepções de representação e na concepção de interação. Na primeira, a função da linguagem seria traduzir o mundo. Para Vygotsky, “o pensamento não só se expressa na palavra, mas realiza-se nela” (2000, p. 25). Ou seja, para que o pensamento se concretize, é fundamental o uso da linguagem, que é a responsável por exteriorizar a construção de sentido. Essa constatação do papel da linguagem na organização do pensamento e na expressão oral e escrita indica sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, já que, como afirma Vygotsky (2000), é necessário pensar para descobrir a linguagem e, para organizar e estruturar o pensamento, é necessária a aquisição do sistema linguístico.

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal. (...) E o resultado é a produção de uma fala morta (VYGOTSKY, 2000, p. 119).

A linguagem como interação é um processo que envolve questões cognitivas, mas concretizada na prática social. Não somente um instrumento de comunicação, mas um processamento dos sentidos nas relações interpessoais. Um instrumento cultural complexo que media conhecimentos e práticas; ferramenta imprescindível no cotidiano da sala de aula.

Outro autor que contribui para esta pesquisa é Mikail Bakhtin, para quem a linguagem é fruto das relações do eu com o outro, que exerce papel fundamental no processo intelectual. Sendo assim, a linguagem é essencialmente “interação verbal”. Conforme o autor:

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1981, p.113)

Bakhtin (1981) defende, ainda, que a linguagem é adequada pelo usuário de acordo com o auditório ao qual tem acesso.

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais ou mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). (BAKHTIN, 1981, p. 112)

Na direção desses estudos, a linguagem é uma prática social que constitui o sujeito, que, por meio dela, se comunica, interage, negocia, discute.

Ao tratar de linguagem, Vygotsky (2001) trata, também, da escrita, que define como uma função própria da linguagem e exige, por esse motivo, um mínimo de abstração, porque essa linguagem é pensada e não pronunciada. Talvez tenhamos aqui uma pista sobre o motivo pelo qual tantas crianças apresentaram, e, ainda apresentam, dificuldade para aprender a escrever e a ler.

Como já vimos anteriormente, Veríssimo, ao entrar para a escola, já sabia ler com uma certa desenvoltura, pois aprendeu em casa, com os livros a que tinha acesso e pelo convívio com outros membros mais experientes em leitura.

Mas, se a linguagem oral até certo momento é importante para o desenvolvimento da linguagem escrita, é compreensível se encontrar marcas da oralidade na escrita de crianças e de jovens.

Outro aspecto a se considerar seria o sotaque e as expressões típicas da região sul do país. Essas características apareceriam na linguagem escrita do jovem Erico Veríssimo? Infelizmente, não tivemos acesso a materiais escolares utilizados pelo jovem gaúcho de Cruz Alta, objetos que enriqueceriam esta investigação.

Ao considerarmos o que defende Vygotsky (1998), percebe-se que a linguagem media a relação do homem consigo mesmo, por intermédio do que denomina “fala interior”, ou, como definiu Luria, aquela que “indica o que é necessário realizar, em que direção deve ser orientada a ação” (LURIA, 1986, p. 112).

A palavra pode ser considerada o modo mais puro e sensível de relação social ou uma prática social mediadora da experiência do relacionamento entre os seres humanos.

Dessa forma, a linguagem é uma prática social, cuja realidade material – a língua – constitui-se como “um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação” (BAKHTIN, 1986, p. 127).

Tanto Vygotsky quanto Bakhtin, veem a importância da linguagem na constituição e evolução da consciência humana e da subjetividade. Tanto que para o primeiro, a interiorização dos conteúdos, historicamente, determinados e, culturalmente, organizados (conhecimento) é possível via linguagem, já que o conteúdo da experiência histórica humana se reflete nas formas verbais de comunicação. Os dois defendem, pois, que a consciência é formada socialmente, por meio das relações estabelecidas entre os indivíduos pela mediação de signos linguísticos.

A associação entre esses dois pesquisadores foi realizada com propriedade por Jobim e Souza, para quem se poderia encontrar em ambos “um interesse profundo em desvendar as implicações concretas e cotidianas da linguagem sobre a vida do homem e sobre a evolução da sociedade” (JOBIM E SOUZA, 2001, p. 95).

Ao depender da interação, a linguagem é mediação por excelência, e a palavra é mediação cultural, sem a qual a interação não acontece.

A linguagem é instrumento de mediação entre os homens e a natureza, entre os homens e a cultura e entre os homens e os outros homens. É por meio dela que os conceitos são elaborados e a representação do real é organizada. Sendo assim, ela se constitui no elo mediador entre a atividade cognitiva do homem e o objeto de conhecimento encontrado no mundo.

Erico Veríssimo, menino, vivia em Cruz Alta, cidade interiorana do Rio Grande do Sul. As diferentes linguagens a que teve acesso lhe possibilitaram conhecer sua realidade, mas, também, outras tantas realidades que lhe foram apresentadas através de livros de romances, de aventuras e de revistas de outros países. Nesse caso, suas diferentes leituras lhe auxiliaram a conhecer diferentes culturas, hábitos, paisagens.

A linguagem foi, dessa forma, interação entre o pequeno leitor e as informações a que tinha acesso através da leitura que realizava, lhe permitindo conhecer parte das características das regiões representadas nas histórias. Assim sendo, o menino Erico não fez um uso passivo dos textos a que teve acesso, como uma forma de linguagem apenas como expressão do pensamento, sem a influência do outro nem do social, ou, ainda, como simples instrumento de comunicação, no qual a prática da leitura é reprodução, em que o que importa é realizar as propostas do modo previsto.

Erico Veríssimo operou com proposições e com o texto, realizou inferências, fazendo da leitura um processo criativo e ativo. Um exemplo desse processo é o episódio, já mencionado, com o dicionário recebido pela mãe, quando ao ler uma palavra e se interessar por ela, escreveu um pequeno verso, como forma de utilizá-la dentro de um contexto que abrangia seu significado.

Outro momento narrado na obra *Solo de Clarineta*, e que demonstra um uso ativo e criativo da linguagem escrita e da ação de ler, é a leitura da revista francesa *L'Illustration* e a posterior utilização de conhecimentos obtidos para a construção da ambientização do livro *O Prisioneiro*, escrito por Veríssimo e publicado em 1967.

A linguagem também faz parte dos estudos de Antonio Candido (1981), que a percebia como um transmissor que ligaria os produtores literários aos receptores das obras produzidas; “o conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura” (CANDIDO, 1981, p. 23).



Se a linguagem, e não só a escrita, mas outras tantas linguagens, dentre elas a oral, pode ser considerada como um dos elementos que formam a literatura, esta, em sua vertente infantil, por sua vez, só foi demarcada, no Brasil, em 1894, segundo o estudo intitulado *Como aperfeiçoar a literatura infantil* (1943), de Manuel Bergström Lourenço Filho. Isso por investimento da Livraria Quaresma Editora<sup>98</sup>, com a publicação de *Contos da Carochinha*.

De acordo com Silva e Bertolleti (2015), com base no estudo de Lourenço Filho, os livros eram poucos e com baixa qualidade, mesmo levando-se em conta a produção didática que era, destinada às escolas primárias da época.

Percebemos, a partir desses dados, que, embora possamos verificar uma literatura infantil em circulação, no país, desde antes do nascimento de Erico Veríssimo, em 1905, esses livros ou essas histórias não são mencionados em sua autobiografia, nem como literatura presente na biblioteca paterna, nem como leitura realizada na escola.

Mas ainda que não existisse uma literatura infantil consolidada nos primeiros anos de vida de Veríssimo, ele teve acesso a outras publicações como já vimos, anteriormente, e também, à revista *O Tico-Tico*<sup>99</sup>, que, segundo Almeida e Costa (2015), foi um importante veículo na conformação de práticas sociais de leitura que pretendiam civilizar e moldar as crianças, conforme os dispositivos de bem governar relacionados àquele ideário.

Acreditamos que as leituras do menino Erico muito tenham contribuído para as leituras e para as escritas do jovem Veríssimo, que se tornou um escritor de importância para a literatura nacional e com reconhecimento internacional. Tais leituras lhe permitiram ampliar os interesses do menino da pequena cidade, que viajou à capital do Estado em busca de uma educação mais ampla, mas que, por motivos financeiros, não conseguiu terminar o curso e se formar. Para os padrões de escolarização esperados atualmente, esse seria um fracasso do jovem Erico, no entanto, no caso em particular, não foi suficiente o suficiente para impedi-lo se tornar o escritor reconhecido e respeitado no cenário literário.

---

<sup>98</sup> Livraria e editora fundada por Pedro da Silva Quaresma em 1879, no Rio de Janeiro.

<sup>99</sup> Importante lembrar que *O Tico-Tico* foi criada em 05 de outubro de 1905, ano de nascimento de Erico Veríssimo, e sua primeira edição data de 22 de novembro de 1905.

### 3 AS LEITURAS DO MENINO ERICO

A vida só é possível reinventada.

*Cecília Meireles*

Figura 17 - Acervo Moreira Salles



Buscando um conceito que pudesse definir o que é leitura, entendemos que essa resposta não é simples, uma vez que o ato da leitura é variável. Leitura pode ser definida como a “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”, segundo Fischer (2006, p. 11). Outra possibilidade de definição é dada por Chartier, quando afirma que é preciso considerar que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991). É, também segundo Chartier, dependente do lugar e do momento em que é realizada, visto que,

(...) a leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade (CHARTIER, 2004, p. 173)

E, dessa forma, Chartier pensa a leitura como uma prática inventiva, resultado não de uma, mas de várias maneiras de se ler. O fato de se pegar um livro e manuseá-lo já torna a leitura uma prática particular e com características peculiares.

A leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros. (CHARTIER, 1990, p. 123)

De acordo com o trecho acima, ao ler um livro ou outro material impresso, o leitor estabelece uma relação interna com seus conhecimentos prévios sobre o assunto, suas expectativas e finalidades de leitura.

Um indivíduo busca um significado para cada impresso que lê, faz relações com conhecimentos já adquiridos, cria expectativas, busca finalidades. Sendo assim, a leitura é um processo dinâmico, mesmo quando realizada de forma silenciosa e solitária. Ao ler um livro, conforme a perspectiva indicada, o leitor não corresponderá ao que esperava o autor no momento de criação da narrativa, nem ao que esperava o editor. De certa forma, cada leitor reagirá à obra de um modo diferente, em consonância com seus conhecimentos e expectativas prévias.

Erico Veríssimo reagia de modo diferente ao ler os livros da biblioteca paterna e os livros utilizados pela escola e indicados por Dona Margarida Pardelhas. Os que encontrava no escritório de seu pai lhe interessavam a ponto de não mais esquecer suas histórias, já os da escola lhe aborreciam, ao contar uma sucessão de fatos históricos como se fossem um relatório.

Feios, mal impressos em papel amarelado e áspero – [...] eles nos apresentavam a história do nosso estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas) (VERÍSSIMO, 2005a, p. 265).

Uma das questões que dizem respeito à possibilidade da leitura são as condições de acesso ao livro. De acordo com Hallewell (1985, p. 311), o acesso ao livro, no Brasil, nas primeiras décadas do século XX era difícil e, não raro, o acesso a materiais de leitura se baseava nos livros e nas cartilhas escolares. Embora a família de Erico possuísse um escritório em casa com inúmeros livros, o escritor relata que, na escola, era necessário ler livros que não lhe interessavam, pois eram “Feios, mal impressos em papel amarelado e áspero – [...]. Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 265).

De acordo com Silva e Martins (2010, p. 23),

aprendemos a ler, de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola. Nesta perspectiva, a leitura não consiste em atividade natural, tampouco em hábito.

Segundo Zilberman, a “história da leitura no Brasil congrega o percurso das instituições encarregadas de patrociná-la. A principal delas é a literatura” (ZILBERMAN, 2015, p. 6).

Ao decifrar imagens contidas em um livro, emprestamos à história uma voz e um vocabulário, segundo Manguel (2001). Logo uma criança que começa a ter contato sistematizado com livros, já realiza uma leitura desses materiais quando explica e justifica as diferentes cenas contidas no suporte textual. Dessa forma, mesmo sem ter conhecimento sobre o alfabeto, exercita sua liberdade leitora, já que conta a história, de acordo com a sua criatividade, sem a obrigação de repeti-la.

Erico relata que, quando criança, lia os livros de seu pai, ou melhor, via as figuras e inventava histórias para elas.

Creio que também foi no tempo desse impávido navio que eu andava lendo com enorme interesse – mais certo seria dizer “vendo as figuras” – os livros do caricaturista francês Benjamin Rabier<sup>100</sup> [...]. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 66)

O ato de “ver as figuras” é, também, uma forma de leitura, pois as imagens contidas em um livro, que podem ser desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, são da mesma forma uma narrativa produtora de sentido. A leitura de imagens é, também, fruto das experiências do leitor, pois, segundo Manguel (2001, p. 29), “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva, exclusiva, pois o que vemos é sempre uma leitura que parte das emoções do leitor: ou seja, de como as emoções do leitor afetam e são afetadas pela leitura das imagens”.

Nem sempre as imagens estão presentes nos livros como parte integrante da narrativa, como, talvez, fosse o caso dos livros a que Erico tinha acesso quando

---

<sup>100</sup> Foi ilustrador e teatrólogo francês nascido em 1864. Teve desenhos publicados em revistas como *La Chronique Amusante*, publicada desde 1885, diretor Badin-Montferrier e redator-chefe Paul Hugoues, e *Gil Blas Illustré*, periódico literário parisiense, fundado por Augustin-Alexandre Dumont em 1879. Publicou em 1906, pela casa editora de Jules Tallander, uma edição ilustrada das *Fábulas de La Fontaine*.

criança. Contudo, assim como aconteceu com Erico, o leitor pode ampliar o que é limitado no papel por quem o produziu e imaginar uma história.

Se, em outros momentos, a criança abdica dessa liberdade inventiva para ouvir uma história narrada por outra pessoa, ela se permite ser transportada para lugares longínquos, embalada pela voz do contador, sem, contudo, deixar de imaginar os cenários descritos pela voz do leitor.

No início do século XX, segundo El Far (2006), João do Rio e Olavo Bilac já “discutiam o fato de ser ou não o Brasil um país de leitores” (EL FAR, 2006, p. 51). E para justificar suas opiniões, utilizavam resultados de censos, o movimento das livrarias e o perfil da produção editorial carioca, que, segundo os escritores, indicavam que pouco se lia no país.

Parafraseando El Far, compreendemos que tantos anos depois, essa questão, se o Brasil é ou não um país de leitores, parece continuar na pauta do dia, inclusive nas autobiografias de escritores de renome no cenário nacional e, também, internacional.

Molloy (2003) afirma que “o encontro do sujeito com o livro é crucial: o ato de ler é frequentemente dramatizado, evocado em uma particular cena de infância que subitamente confere sentido a toda a vida” (MOLLOY, 2003, p. 33). Por isso, cenas de leitura são encontradas em diversas autobiografias, já que é esse um momento de construção do homem enquanto membro de algo maior que ele.

Ainda de acordo com Molloy (2003), a leitura em autobiografias é apresentada de forma quase religiosa, como algo do cotidiano ou fora dele, como uma busca ansiosa por novos livros; a insistente associação da leitura à imagem de um mentor. Notamos, no capítulo anterior, que Erico contava em casa com uma rica coleção de livros. No entanto, seu pai não os lia. Ao invés disso, presenteava amigos com eles, como forma de impressionar. Sua mãe não aparece como leitora em suas memórias, mas como incentivadora, como na cena da compra do dicionário.

No livro *O Espaço Autobiográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*, Leonor Arfuch, ao trabalhar com cenas de leitura em autobiografias, além de trazer conceitos defendidos por Molloy e Barthes, defende que o ato de passar para a escrita os acontecimentos de sua vida faz do autor um leitor quando “recorta, do curso do indiferenciado, os elementos suscetíveis de entrar na composição” (ARFUCH, 2010, p. 225). Seria através de suas leituras que o escritor definiria sua dupla identidade: autor/leitor.

Com relação a busca por novos livros a serem lidos, rememora que muitos foram encontrados na biblioteca de seu pai, como no caso da continuação d'*A Casa a vapor*: “No dia seguinte saí em busca do segundo volume de *A casa a Vapor*”<sup>101</sup> (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124).

Erico poderia ser mais um brasileiro, que, ao crescer fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, teria acesso rarefeito ao livro, principalmente ao livro de literatura, pois, segundo Hallewell, “em 1917 eram poucos os pontos de venda de varejo e praticamente limitados aos bairros mais ricos do Rio e de São Paulo” (HALLEWELL, 1985, p. 311).

Tal objeto era caro e, dessa forma, fora do alcance da maioria dos brasileiros. Contudo, a família Veríssimo era uma família tradicional da cidade, estancieiros com um poder aquisitivo alto, e que puderam formar um filho no curso superior de Farmácia, já que Sebastião Veríssimo, pai de Erico Veríssimo, era farmacêutico e dono da Farmácia Brasileira, ainda que não prestasse atenção aos negócios (VERÍSSIMO, 2005a, p. 46). Diante disso, nos perguntamos: o que pode ter contribuído para a formação de Erico Veríssimo como leitor de clássicos, tais como as histórias escritas por Júlio Verne ou *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, assim considerados por aclamação do público?

Segundo Silva e Martins, “as histórias clássicas, de um modo geral, falam de experiências universais partilhadas pelos seres humanos nos mais distintos espaços geográficos e históricos: a saudade, a inveja, o ciúme, a traição, o amor” (SILVA e MARTINS, 2010, p. 25). Dessa forma, ao ler um clássico, o leitor tem a “possibilidade de conhecer e compartilhar das diferentes dimensões da experiência humana, dos imaginários de outros povos e de outras épocas, mesmo sem nunca tê-los vivenciado” (SILVA e MARTINS, 2010, p. 25).

O menino convivia, em casa, com leitores de jornais, como seu avô materno, Aníbal Lopes da Silva, ou como sua avó paterna, D. Adriana, que escrevia sonetos. Seus tios e tias também eram leitores e escritores de versos e sonetos, como a tia Aracy, irmã de sua mãe, ou tio Catarino Azambuja, autor de versos nunca publicados, ou ainda, tio Antonio<sup>102</sup>, autor do soneto *Lenço Encarnado*.

---

<sup>101</sup> O livro escrito por Júlio Verne em 1880 foi editado por Pierre-Jules Hetzel. Narrativa sobre viagem pela Índia e os costumes do país.

<sup>102</sup> Ver Anexo IV – Genealogia, p. 168.

O próprio pai de Erico foi um homem formado em Farmácia, “não por vocação e sim – imagina o romancista – porque se tratava do mais curto dos cursos acadêmicos da época” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 46), apreciador de boa música e fundador de um jornal humorístico, com críticas à sociedade da época, intitulado *O Calhorda*, em parceria com seu cunhado Catarino Azambuja, segundo a autobiografia de Veríssimo (2005a).

A literatura entrou na vida de Erico na fase da infância, com as histórias contadas ou lidas no ambiente familiar, baseadas na combinação da tradição oral com a cultura escrita. Assim, a familiaridade com a leitura, com a noção de algo conhecido e doméstico é recorrente em sua autobiografia.

Acreditamos ser no contato com as histórias ouvidas e vividas que o homem, em seu contexto social, elabora representações para compreender o mundo e nele se conduzir. Não que tenhamos o objetivo de minimizar o papel da escola na aprendizagem da leitura; pelo contrário, entendemos ser ela um espaço em que as “práticas precisam ser refletidas e sistematizadas”, pois é dela o papel, “antes de qualquer outro, de promover o ensino da leitura e da escrita” (SILVA e MARTINS, 2010, p. 26).

Por entendermos a leitura como um processo interativo, em que são necessários o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo (KLEIMAN, 2004), entendemos que esses círculos de sociabilidade dos quais participou durante sua vida em Cruz Alta influenciaram a aquisição dos mecanismos da leitura pelo menino e, mais tarde, o prazer que sentia ao ler literatura nacional e internacional.

Tais livros de literatura, como *A casa a vapor* ou *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne, podem ser chamados de clássicos, porque assim são reconhecidos pelo público leitor através de décadas após sua publicação e, ainda hoje, estão entre os mais lidos. Para Proust, “é preciso que a obra crie ela própria a sua posteridade” (PROUST, 1988, p. 97), pois é ela quem cria sua própria história, em uma dimensão universal, não ficando, dessa forma, a mercê das condições históricas nas quais foi criada.

Para Erico, a descoberta literária, a leitura dos livros ficcionais era um prazer.

Uma das maiores descobertas literárias de meus dez ou onze anos foi um livro encadernado que encontrei um dia no fundo de uma gaveta. (...) No alto da capa um nome: Júlio Verne. Pouco abaixo, estas palavras: Viagens

Maravilhosas. Contra a encosta de um rochedo, o título do romance: *A casa a Vapor*. Vendo-me interessado no volume, meu pai me informou: “Esse livro pertencia à tua avó Adriana. É um romance em dois tomos. Não sei onde andará o segundo.” Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comecei a leitura. (...) À noite, na cama, terminei a leitura daquele primeiro tomo do romance. (...) No dia seguinte saí em busca do segundo volume de *A casa a Vapor*. (...) durante todo aquele ano e no seguinte fui *O Herói de Quinze Anos*, passei *Cinco Semanas em Balão* – e a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Cap. Nemo para percorrer *Vinte Mil Léguas Submarinas*<sup>103</sup>. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124)

Calvino (1993) afirma que um livro só se torna um clássico quando funciona estabelecendo uma relação pessoal com quem o lê, já que ele é lido por amor e não por respeito ou dever. Exceto na escola, segundo o autor, que tem o dever de que o aluno conheça os clássicos, muitas vezes sem se preocupar se esse contato está sendo prazeroso ou não, se está favorecendo, em certa medida, a construção do hábito da leitura ou funcionando de forma contrária, criando uma barreira que separará o possível leitor dos suportes de leitura.

Manguel (1997) dedica um capítulo do livro ao que chama de “leitura da intimidade”, ou aquela realizada em um ambiente escolhido pelo leitor, como um refúgio para a sua atividade de leitura. Erico parece exercer a leitura da intimidade, ao escolher uma nespereira, ou ameixeira-do-japão, como chamava quando criança, para ler os livros descobertos no escritório paterno.

[...] a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Capitão Nemo para percorrer *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Foi também uma grande jangada que desceu o rio Amazonas. E enquanto eu me identificava com Phileas Fogg a árvore foi sucessivamente trem, balão, trenó, vapor... (VERÍSSIMO, 2005a, p. 119)

Manguel (1997) discorre, também, sobre a importância do local escolhido para se ler um livro, que pode ser escolhido antes do local para a leitura ou ser escolhido por causa do local destinado ao ato de ler. Esse é significativo

não só porque proporciona um cenário físico para o texto que está sendo lido, mas também porque sugere, ao se justapor ao lugar na página, que ambos partilham da mesma qualidade hermenêutica e tentam o leitor com o desafio da elucidação (MANGUEL, 1997, p. 94).

---

<sup>103</sup> O trecho se refere a algumas obras escritas por Júlio Verne, autor de origem francesa nascido em 1828. Faleceu em 1905 e escreveu *A casa a vapor*.



Erico ora lia debaixo da nespereira, ora lia em sua cama; o importante é que se deixava “transportar” para os cenários da história que lia, não só imaginado, mas sentindo que fazia parte do enredo. Em *Solo de Clarineta I*, Erico relata que depois de participar de um velório e de um enterro,

na noite daquele dia estava eu deitado, lendo, na quietude da noite, quando comecei a pensar no defunto que durante o dia fora velado ali a pequena distância da minha cama. [...] Apaguei a luz e procurei o sono. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 210)

Em outro trecho do livro de memórias:

O tronco, os galhos, as folhas e as frutas da nespereira pareciam também interessados no romance e liam por cima de meu ombro. Que me importavam as emanações fétidas da sentina? Ou as moscas que zumbiam ao redor de minha cabeça? Eu estava na Índia das vacas sagradas, dos faquires, do Ganges. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124)

Ler intimamente é um ato, segundo Manguel (1997, p. 88), “autocentrado, imóvel, livre das convenções sociais comuns, invisível ao mundo”, um momento que só o leitor vivencia. Erico lia na cama e em outros locais em que encontrava sossego e privacidade, e lia livros, que já naquela época, eram considerados “eternos”.

O que eterniza o texto é a leitura deste escrito por pessoas comuns, em uma busca pela “outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem” (BARTHES, 1996, p. 12), ou seja, a margem a ser construída por aquele que lê; a primeira margem, como diz esse mesmo pensador é “uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura)”.

Para Barthes, o texto de prazer é “aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura” (BARTHES, 1996, p. 12).

Um levantamento de materiais de leitura mencionados em *Solo de Clarineta I* e *II* indica o acesso do menino, rememora Erico, não só aos livros da biblioteca paterna como também a revistas francesas, jornais de circulação na cidade, à revista *O Tico-Tico*, além dos impressos da farmácia de seu pai.

Com relação aos livros, percebemos ao longo da leitura de sua autobiografia que alguns foram herdados de familiares próximos de Erico, como sua avó Adriana,

e que passaram a fazer parte da biblioteca paterna, mesmo que o dono não aparentasse dar muita importância para eles, como lemos em: “Vendo-me interessado no volume, meu pai me informou: ‘Esse livro pertencia à tua avó Adriana. É um romance em dois tomos. Não sei onde andaré o segundo’” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124).

De acordo com Manguel (1997), “a verdade é que livros determinados emprestam certas características a leitores determinados”, ou seja, quando lemos um livro, nos deixamos contagiar por sua história, seja positiva ou negativamente. Ele continua com: “Implícita na posse de um livro está a história das leituras anteriores do livro – ou seja, cada novo leitor é afetado pelo que imagina que o livro foi em mãos anteriores” (MANGUEL, 1997, p. 11). Ele, dessa forma, não se restringe à apreensão de uma mensagem que se supõem que o autor do livro tenha querido transmitir, mas encara o texto como um espaço de interação com o contexto e a linguagem, transcendendo, assim, a mera decodificação de significados. A leitura exige uma participação ativa do leitor no momento da recepção do texto.

Não lemos todos os livros a que temos acesso com a mesma intensidade, de acordo com Barthes (1996),

a própria avidez do conhecimento nos leva a sobrevoar ou a passar por cima de certas passagens (pressentidas como “aborrecidas”) para encontrarmos o mais depressa possível os pontos picantes da anedota (que são sempre suas articulações – o que faz avançar a revelação do enigma ou do destino). (BARTHES, 1996, p. 16-17)

Como visto em trecho acima, Erico lia com avidez livros que descobria no escritório paterno e lhe interessavam, como quando encontrou um volume de *A casa a vapor*. Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comecei a leitura. (...) À noite, na cama, terminei a leitura daquele primeiro tomo do romance (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124), continuando as lembranças sobre tal episódio, Erico fala sobre “as palavras *cipaio*, *Bombaim* e *nabalo* [que] exerceram logo sobre o meu espírito um poderoso sortilégio. Continuei a ler o capítulo com voracidade” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124).

Como que para reafirmar essa liberdade que tem o leitor, Erico relembra que

Confesso que saltei por cima das muitas dissertações puramente geográficas ou históricas de Júlio Verne, e que não consegui (fiz muitas tentativas) ler a série que tinha como título geral *As grandes viagens e os grandes viajantes*. O que me interessava em seus romances não era a cultura, mas a aventura. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 126)

Se para Barthes (1996) o ato de contar e ouvir histórias é uma espécie de jogo de sedução, Erico rememora como puro contentamento ouvir Estêvão, “guri dotado duma rica imaginação, um mestre da ficção oral” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 94), contar suas eletrizantes histórias. Os meninos da vizinhança sentavam-se “ao pé da ameixeira-do-japão” e ouviam “quase diariamente o folhetim de aventuras que o Estêvão nos narrava, episódio por episódio, descobrindo sempre um jeito de nos deixar em suspense” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 94). E, Estêvão, com sua habilidade, sabia, que ao levantar questões do tipo: “Passaria o trem por cima do corpo da linda moça que os bandidos haviam amarrado aos trilhos? É o que veremos no próximo capítulo.”, criaria uma atmosfera de suspense que levaria seu público a voltar no dia seguinte para ouvir o desfecho da história. Os meninos voltavam e, interessados, faziam perguntas quando não entendiam algo, como quando acontecia com o menino Celso, outro vizinho que ouvia as histórias contadas por Estêvão, e que o interrompia para perguntar o significado de palavras ou frases “de livro”, muito além de seu entendimento.

Note-se que Estêvão era filho da empregada da casa dos Araújo, segundo Erico conta em seu livro de memórias, um casal de quem muito gostava e que tinham um filho, o Celso, citado acima. A mãe de Estêvão era a cozinheira da casa e Estêvão era um “mulato [que] teria mais ou menos a mesma idade que eu” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 94).

Será que podemos pensar que passagens como essa influenciaram o menino a querer ser, um dia, um contador de histórias, um escritor de tantos livros lidos por tantos leitores?

Talvez, o próprio Erico responda a esse questionamento...

Meu pai tomara para mim uma assinatura da revista carioca *O Tico-Tico*. Estou certo de que suas histórias muito contribuíram para a germinação da semente do ficcionista que dormia nas terras interiores do menino. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 83)

Mas o próprio Erico também recusava a ideia de ser escritor, dessa vez, já adulto...

Se havia para mim alguma esperança, essa estava no quadrante das letras e particularmente no da ficção. No entanto eu insistia em apenas traduzir. Era ainda uma atitude de caramujo. Recusando produzir literatura própria, eu nada mais fazia que buscar proteção à sombra de nomes literários consagrados. De resto, refletia eu, quem no mundo poderia interessar-se pelo que eu viesse a criar, pois já chegara `firme conclusão de que me

faltava talento para a poesia e carecia de cultura para o ensaio. Restava-me tentar a ficção. Escrevia, lá mesmo na farmácia – mas nunca publicava -, contos e novelas, nos quais sentia sempre a presença espectral ora de Machado de Assis ora de Eça de Queirós – dois poderosos polos entre os quais hesitava a minha ambivalência literária.

Quando minha mãe me insinuava que eu devia publicar meus escritos secretos no jornal local, eu repelia a ideia, quase indignado. O “literato” nas cidades pequenas sempre foi uma espécie de “idiota da aldeia”, sujeito olhado com certa ironia e piedade pelos homens “normais”, espécie de bicho ridículo e inútil. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 192-193)

Segundo Zilberman, em ensaio para Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a “sociedade burguesa valorizava o intelectual e o artista, mas o afastava da vida prática”; dessa forma a

literatura – e a arte, de modo geral - é institucionalizada, mas esse processo não esconde uma contradição [...]: artistas e intelectuais são considerados imprescindíveis, mas o que fazem não é julgado trabalho, logo, não requer remuneração. (ZILBERMAN, 2015)

Erico relata sua resistência, anos mais tarde, já adulto, em publicar seus escritos por ter medo do que as pessoas fariam a seu respeito, pois vivia em uma época em que o escritor era visto como um sujeito sem trabalho, sem dinheiro, sem uma profissão, ainda que a “consolidação da prática de remunerar regularmente os escritores [tenha acontecido] em 1840” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2015, p. 76).

Quando minha mãe me insinuava que eu devia publicar meus escritos secretos no jornal local, eu repelia a ideia, quase indignado. O “literato” nas cidades pequenas sempre foi uma espécie de “idiota da aldeia”, sujeito olhado com certa ironia e piedade pelos homens “normais”, espécie de bicho ridículo e inútil. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 192-193)

Segundo Moacyr Scliar, escritor brasileiro nascido em Porto Alegre, Erico

tinha tudo para se tornar um escritor, a começar pela poderosa vocação de narrador. Modestamente, Erico intitulava-se um contador de histórias. [...] Para essa vocação, contribuíram a vida atribulada, as copiosas leituras e cenários. Literatura é parte importante na tradição cultural do Rio Grande do Sul, uma tradição que inclui os “causos” gaúchos e a qual Erico, morando em Cruz Alta, não poderia deixar de vivenciar. (SCLIAR, 2007, p. 127)

Sobre o debate acerca da profissionalização do escritor<sup>104</sup>, o historiador francês Roger Chartier defende que: “Na tradição da história social da impressão, tal

<sup>104</sup> Um estudo mais detalhado sobre a propriedade literária e as práticas profissionais dos escritores brasileiros do século XIX é realizado por Marisa Lajolo e Regina Zilberman no livro *O Preço da*

como ela se desenvolveu na França, os livros têm leitores, mas não têm escritores (...)” (CHARTIER, 1994, p. 34). A partir da afirmação anterior, podemos deduzir que a figura do escritor não importava para as pesquisas sobre os livros e a leitura. O que se pesquisava, o que interessava para o debate era o leitor e suas impressões sobre a leitura.

Já no Brasil, Silva (1999) defende que o desenvolvimento da imprensa no país foi decisivo para esse processo, que teve início ainda nas últimas décadas do século XIX, quando escritores de renome nacional passaram a atuação mais incisiva e frequente nos órgãos de imprensa.

Esses mesmos escritores começaram a exigir meios para proteger sua obra, como propõe Marisa Lajolo sobre a realidade da obra literária em nossa sociedade, em que:

a obra é criação artística e, enquanto tal, foco da Teoria da Literatura; mas tem um dono, que, para proteger seu bem, exige legislação adequada, análoga à que regula a propriedade privada na sociedade capitalista. (LAJOLO, 1998, p. 62)

Ainda que este movimento tenha ocorrido antes mesmo do nascimento de Érico Veríssimo, este se mostrava avesso a possibilidade de assumir como profissão ser autor de romances, como notamos em transcrição anterior de *Solo de Clarineta*. Fosse pela má remuneração, fosse pela fama de ser algum “idiota da aldeia”, Erico Veríssimo resistiu aos conselhos de sua mãe e demorou algum tempo para começar a publicar suas produções em jornais da região.

Benjamim afirmava sobre a leitura que

[...] um livro, uma página de livro apenas, por menos ainda, uma simples gravura em um exemplar antigo, herdado talvez da mãe ou da avó, poderá fertilizar o terreno no qual a primeira e delicada raiz desse impulso começa a se desenvolver. (BENJAMIN, 1984, p. 48)

Lembremos que “a formação do leitor não é natural e requer diálogo constante com a cultura e com a história”, e, ainda, que “as primeiras experiências significativas com a leitura, as que ficam verdadeiramente registradas, dizem

---

*Leitura*. Nesta obra as autoras analisam “as leis e os números” que estão nos bastidores das relações dos intelectuais da época, em especial as relações entre autores e editores. Para recontar a história da profissionalização do escritor do século XIX, as autoras se valem de correspondências e documentos que auxiliam a revelar os termos em que se fazia a “mediação editorial entre autores e público”.

respeito muito mais a um ambiente de leitura do que com a alfabetização no sentido estrito” (SILVA, 1999, p. 162).

Entendemos que o conhecimento não consiste no acúmulo de textos e informações exclusivamente, nem mesmo no livro como objeto, mas na experiência resgatada das páginas e novamente transformada em experiências.

Ao ler um livro contextualizado e que, de algum modo, tenha significado, a criança pode se interessar pela leitura, fato que não precisa acontecer, necessariamente, com livros infantis. Ainda, segundo Silva, “quanto mais a criança tem acesso a textos universais, a leituras espessas, contextualizadas, mais exigente e curiosa será a sua perspectiva de leitura” (SILVA, 1999, p. 168).

Por outro lado, Chartier afirma que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (CHARTIER, 1999, p. 77). Afirma também:

Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. (CHARTIER, 1999, p. 77)

Ao refletir sobre os modos de ler, Chartier (2000) analisa as alterações nas práticas de leitura ao longo dos séculos. A partir dessa reflexão, se dedica a pensar a leitura oral, que desde o Antigo Regime cercou-se de uma função pedagógica, visto que ler em voz alta demonstrava a capacidade do leitor.

Se ainda hoje vemos esta prática como afirmadora da capacidade dos alunos de ler textos escolares, nos anos em que Erico frequentou a escola de Cruz Alta, em algum momento de sua aula houve dedicação à leitura em voz alta, a fim de que a criança comprovasse ser um leitor. Erico relembra um desses momentos vividos na Aula Mista Particular de Dona Margarida Pardelhas, em que precisou ler, em pé, o texto *Os restos do Naufrágio*<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> O pescador que aparece logo no início da história testemunha um naufrágio durante um temporal no mar. Cercando-se de coragem para enfrentar a tempestade, lança seu bote ao mar na tentativa de resgatar os tripulantes do navio em perigo. Assim, como rememorado por Erico Veríssimo, esse texto foi escrito por Pinheiro Chagas.

[...] E então de súbito o menino está em Cruz Alta, na Aula Mista Particular de d. Margarida Pardelhas, de pé junto de sua carteira, com a *Seleta em prosa e verso* nas mãos, lendo em voz alta um trecho de Pinheiro Chagas, intitulado *Os restos do naufrágio*, e que começa assim: *Nas praias da Bretanha vivia um pescador com a mulher e um filho...*” (VERÍSSIMO, 2005b, p. 104)

Assumir esta postura corporal, em pé ao lado da carteira, coloca o aluno em evidência para as demais crianças da sala. De modo que precise dominar a leitura para comprovar não só para a professora, mas para todos na sala que é capaz de ler, além de ser um exemplo para os demais. Como já vimos, Silva (1999) caracteriza essa concepção de leitura como aquela que permite conferir se o leitor é capaz de oralizar o texto escrito.

A “leitura em voz alta”, como diz Chartier (1999), pode ter uma função positiva, se a pensarmos enquanto um momento de prazer, ao se deixar embalar pela voz do outro, ao contar uma história. Já observamos que a criança, ao escolher ouvir a história pela voz do adulto ou de outro leitor mais experiente está, também, exercendo sua liberdade. Contudo, se pensarmos a leitura em voz alta como forma de verificação se a criança aprendeu os mecanismos de leitura, ela pode se tornar um momento de constrangimento para aquele que é colocado em evidência em sala de aula.

A partir do fragmento acima, não é possível dizer se a experiência foi prazerosa ou não para o menino Erico. Se nos lembrarmos que ele preferia os livros da biblioteca paterna, cheios de ação e lugares diferentes para se imaginar, temos uma pista de qual tipo de leitura consistia em um momento de prazer para o menino.

Pensamos ser pelo contato com a cultura oral dos empregados da casa ou de seus filhos, pela literatura encontrada no escritório de Sebastião Veríssimo, seu pai, que Erico Veríssimo pôde encontrar pistas para construir uma opinião sobre os livros escolares, considerados pilares para uma boa instrução.

Goulart (2015) afirma que o livro utilizado pelas escolas no início do século XX era um objeto centralizador das práticas pedagógicas de leitura. Para tanto, se utiliza de Fernando de Azevedo, ao afirmar que

o livro de texto, na escola tradicional, é o ‘centro’, em torno do qual gravitam todas as atividades escolares que se sucedem, na ordem de distribuição da matéria e segundo suas sugestões metodológicas. (AZEVEDO, 1933)

Preferimos deixar para futuras pesquisas uma discussão sobre a materialidade dos livros lidos por Erico, tanto os utilizados pela instituição escolar, quanto os presentes no escritório do casarão dos Veríssimo, pois entendemos ser esse assunto uma rica fonte de estudo, que não caberia em um único capítulo desta dissertação.

Temos consciência das dificuldades que serão encontradas nesta futura pesquisa, uma vez que os livros da biblioteca paterna foram dados pelo próprio Sebastião Veríssimo a amigos e conhecidos, de modo que não sobrou exemplar dessa coleção com paradeiro conhecido.

Dos livros utilizados pela escola, tivemos acesso ao *Selecta em prosa e verso*, já analisado neste estudo, mesmo que de forma abreviada. Um outro livro mencionado é a cartilha de leitura utilizada no primeiro ano de Erico Veríssimo, na escola, que vem nos demandando tempo na tentativa de localizá-la, mas ainda sem sucesso.

### 3.1 O prazer de ler na visão de Erico

É a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso da leitura de cada um

*Lajolo*

Ninguém pode, ao ler um livro, transmitir o que sentiu para um ouvinte, cada leitor sentirá determinadas sensações que lhe são próprias. É exatamente o enleio provocado pela obra de arte, que perturba e provoca as percepções e sensações intransferíveis porque cada leitor da obra vai senti-la de acordo com suas próprias experiências anteriores, que lhe proporcionaram construir um acervo cultural capaz de permitir desenvolver um olhar crítico.



A partir da leitura de *Solo de Clarineta I e II*, percebemos que Erico se formou leitor com livros de Alexandre Dumas, Mark Twain, Eça de Queirós e Machado de Assis, um indicativo de que não existe incompatibilidade entre os diferentes prazeres da leitura. O prazer da leitura não precisa, necessariamente, estar associado ao divertido, ao leve, ao engraçado, ao empolgante, ele pode e deve ser variado, nunca reduzido a um único tipo de prazer.

Barthes defende que o prazer em ler tem relação com a alegria de estar em um lugar de onde se pode sair quando quiser, permitindo-se lembrar de outros textos e de outras leituras, que se juntam e penetram na leitura atual, imprimindo um significado para aquele que lê, que se apropria daquilo que foi lido de forma única, uma vez que, como diz Altieri, "o texto é um organismo maleável dentro do ambiente social, que toma formas e funções distintas através de contextos diferentes, que não só ser lido, ou ainda, não só ser lido e compreendido de uma única forma" (ALTIERI, 2010, p. 5).

O próprio Erico narra que, ao reler seu romance intitulado *Clarissa* (1933), ele mesmo não o achou satisfatório como literatura. Em sua opinião de leitor de sua própria obra, "a vida não era apenas uma sucessão de cromos, de momentos de serena poesia doméstica. Tinha também o seu lado sombrio e sórdido ao qual o romancista não devia fechar os olhos ou virar as costas" (VERÍSSIMO, 2005a, p. 237).

Eis um exemplo bastante interessante sobre as diferentes compreensões que um texto pode ter, e não só para diferentes leitores, mas para diferentes momentos da vida de um mesmo leitor.

Mais uma vez recorremos a Chartier, que afirma que

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes. (CHARTIER, 2004, p. 173)

Ou seja, um mesmo texto assumirá significados diferentes dependendo da época em que for lido, até mesmo por uma mesma pessoa, que, com o passar dos anos, pode ampliar seu horizonte de possibilidades de compreensão. E cada vez que retornar ao texto, seja aquele que tem como suporte o livro ou as páginas de um

manuscrito, significa que este texto lhe proporciona prazer e desperta o desejo de ler, pelo menos, mais uma vez a história já conhecida, mas não ultrapassada.

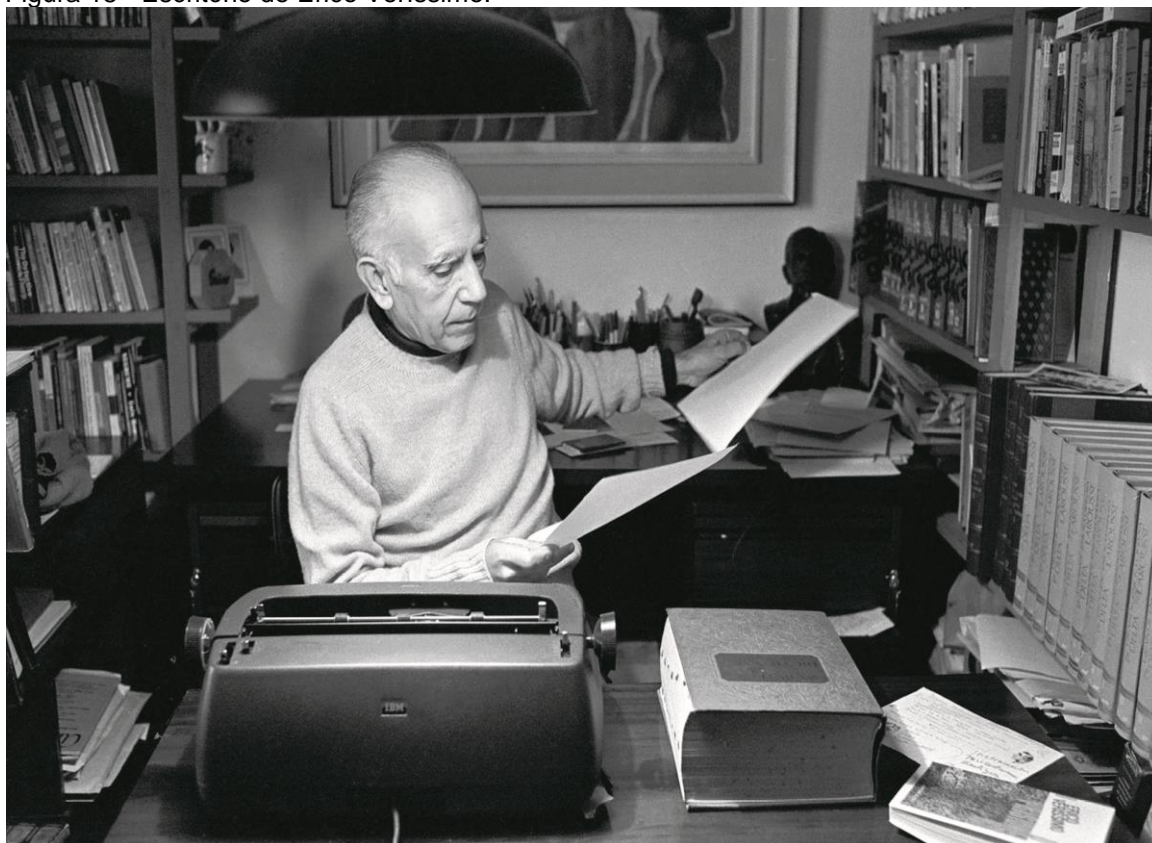
Mesmo sendo um leitor assíduo, convivendo desde que podia lembrar com livros, revistas e outros suportes de leitura, Erico não herdou livros da biblioteca de seu pai, pois Sebastião Veríssimo era lembrado da seguinte forma:

Tudo indicava nele o idealista, o pensador, o homem de sensibilidade apurada. Como se processou “a mudança”? Não me consta que houvesse sofrido qualquer desgosto ou desilusão capaz de traumatizá-lo a ponto de fazê-lo concluir que nada na vida “valia a pena”. Não acredito que essa transformação se tenha operado da noite para o dia. Deve ter havido um processo lento de desintegração. A primeira coisa que Sebastião Veríssimo perdeu foi o hábito da leitura. Na sua volúpia da generosidade, no desejo, que nunca morreu nele, de ser querido e admirado, pôs-se a dar de presente os livros de sua rica biblioteca a amigos, conhecidos e até desconhecidos. Deixou-se também espoliar por esses eternos abutres de bibliotecas alheias. Os discos se foram pelo mesmo caminhos. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 70)

Mais uma vez é Michèle Petit quem nos auxilia a pensar a biblioteca, no caso estudado pela antropóloga, a biblioteca institucional, no nosso caso a biblioteca familiar, formada por livros comprados, ganhos, como local que pode tornar-se “como uma terra de liberdade, de eleição” (PETIT, 2008, p. 168), onde a mediação acontece e onde “a pessoa entra, procura alguma coisa, um livro, e logo descobre outro” (PETIT, 2008, p. 179).

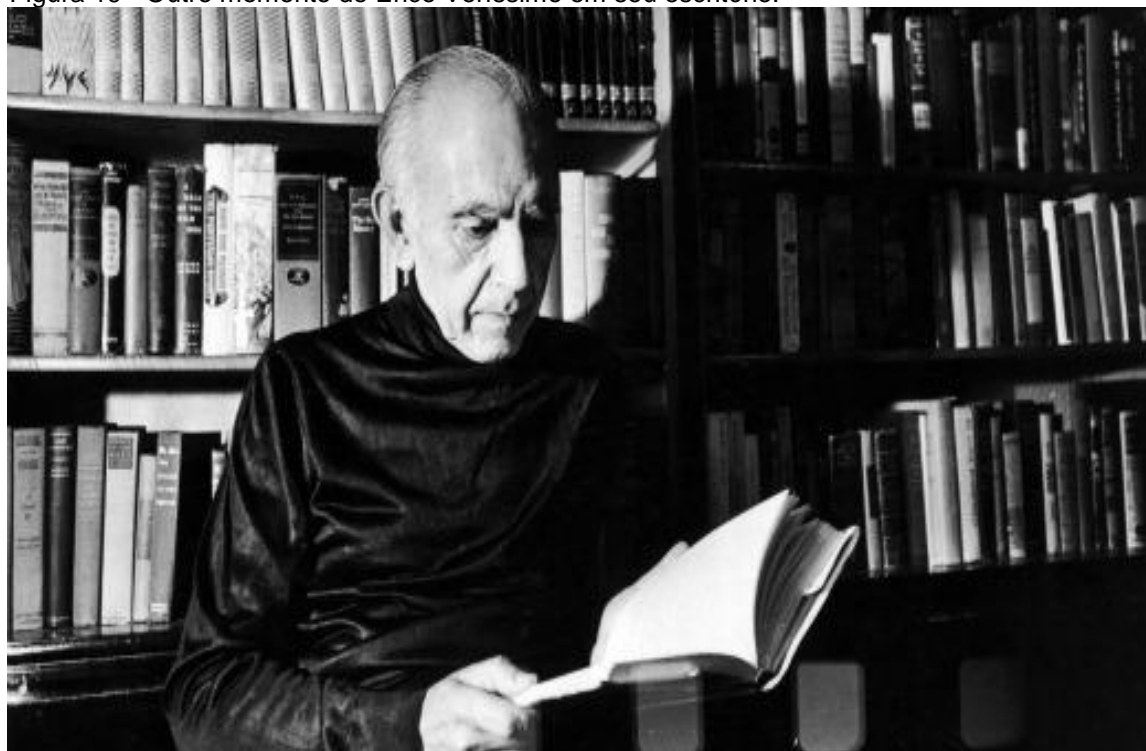
Embora Erico não tenha herdado os livros que compunham a biblioteca de seu pai, ele próprio formou a sua, local onde, além de ler os livros de literatura entre outros, podia também se dedicar a criar suas histórias.

Figura 18 - Escritório de Erico Veríssimo.



Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo, Porto Alegre.

Figura 19 - Outro momento de Erico Veríssimo em seu escritório.



Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo, Porto Alegre.

Podemos chegar a algumas possíveis conclusões a partir da análise dessas duas imagens de Erico Veríssimo em seu escritório. Percebemos que as duas fotos foram tiradas a fim de mostrar as prateleiras repletas de livros atrás do escritor, talvez, com o objetivo de enfatizar o leitor que precede o escritor, mostrando a importância que tinha a leitura para o homem Erico e para o escritor Erico Veríssimo, assim como as leituras da infância e juventude foram, também, importantes para a formação do escritor de romances que prezava incluir fatos históricos em suas histórias.

A esse respeito, Pesavento declara que Erico Veríssimo “traçou um exemplar romance histórico sobre o Rio Grande, cometendo a façanha de chegar a ser mais aceito na sua versão ficcional do passado que os textos dos historiadores *tout court* de sua época” (PESAVENTO, 2006, p. 273). De acordo com a autora, Veríssimo, ao escrever *O Tempo e o Vento*, fez uso de marcas de historicidade, explícitas e implícitas, mesclando personagens históricas com fictícias. Ele trouxe ações transcorridas no passado de seu Estado e narrativas, perfis e procedimentos das personagens verossímeis. Fez uso de notícias publicadas em jornais da época para aproximar o leitor e criar uma sensação de veracidade.

### **3.2 A leitura como forma de resistência**

A respeito das possibilidades que a leitura representa, Petit (2008) considera que ela permite ao leitor sonhar, elaborando, assim, seu próprio mundo, visto que ela deixa espaço para pensar, refletir, reler. Dessa forma, ela “liberta” o leitor das características geográficas, culturais, sociais que o limitam de certa maneira, pois é “uma aventura em que a paisagem interior [do leitor] se transforma” (PETIT, 2013, p. 8).

É essa autora que, ao contar a história de como viajou para a América Latina e viveu na Colômbia, revela como a leitura das cartas escritas por sua mãe e que tinham como destinatários familiares que permaneciam na Europa, descobria características do país sul americano que não percebia, mesmo andando pelas mesmas ruas que sua progenitora. Petit (2013) procura mostrar como a leitura e seus espaços têm papel “na descoberta, na construção, na reconstrução de si

mesmo e na invenção de outras formas de compartilhar que não as que nos oprimem ou nos restringem” (PETIT, 2013, p. 14).

É Petit, também, que sugere que “talvez toda pessoa que trabalha com a leitura deveria pensar em seu próprio percurso como leitor” (PETIT, 2013, p. 17). Não seria isso, de certa maneira, o que Erico Veríssimo faz ao escrever sua autobiografia e compartilhar com o leitor seus momentos de leitura?

Se a leitura feita na escola é aquela questionada, institucionalizada, a leitura realizada em bibliotecas extraescolares abre espaço para o segredo, para a livre escolha e para as descobertas. Deixa espaço para um sentimento de resistência às imposições da escola e seus currículos, e por que não dizer, da sociedade em que está inserido o leitor. E, talvez, esse movimento que leva a um sentimento de resistência ao imposto pela sociedade começa com o prazer de ler e a procura que ele instiga. A procura por novidades, por histórias que extrapolem seu entorno, que permitam ao leitor se afastar de seu ponto de início.

Não existe uma lista de leituras pronta e apropriada para cada leitor. Ele constrói suas leituras à medida que lê. Ainda hoje há uma crença em que aquele que procura por possibilidades de leituras privilegiaria livros que retratem sua realidade, sua cultura, porém, autores, como a antropóloga Michèle Petit, afirmam que “o leitor não privilegia necessariamente um livro que se adapte à sua experiência. Ao contrário, uma grande proximidade pode ser sentida como uma intromissão” (PETIT, 2013, p. 27).

Em *Solo de Clarineta*, Erico Veríssimo relata como não gostava da história de seu Estado e por que demorou para escrever sobre ele. Preferia livros que retratassem lugares distantes e costumes diferentes dos seus. Observaremos mais adiante uma lista com os livros mencionados em sua autobiografia, como aqueles que lia em sua meninice e juventude passadas no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Suas leituras, também, não eram leituras passivas, de consumo, mas leituras interpretativas, críticas, em que o sentido era transformado pela interpretação do menino, impelido por sua fantasia e desejo, apropriando-se do texto e se construindo no processo.

Já vimos que Erico teve acesso a livros de literatura variados e, também, a números da revista *L'illustration*, revista francesa assinada por seu pai, nos tempos em que ainda cultivava o hábito da leitura.

O outro passatempo que o escritório paterno me proporcionava era o de

folhear a sua coleção de números atrasados de *L'illustration*. No reverso da capa dessa revista eu via as caricaturas de Henriot<sup>106</sup>, com legendas em francês. Depois vinham os anúncios de automóveis, o gordo e roliço Homem de Dunlop, todo feito de pneumáticos dessa marca, de tamanhos variados. Não faltava nunca um anúncio do Cinzano ou de Fernet-Branca, bem como os de chocolate Meunier, que me faziam água na boca. O que mais me interessava, porém, eram as reportagens sobre a Indochina (*Conchinchina* pertencia à minha coleção de palavras mágicas.) Lá estavam naqueles clichês os nativos, magros, descalços, com suas calças a meia canela, seus chapéus cônicos – figuras que sugeriam histórias de crimes, emboscadas, punhais e venenos sutis. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 85)

No caso de Sebastião Veríssimo, o possuir a assinatura de jornais e revistas internacionais poderia significar também o desejo de autoenobrecimento, uma vez que queria ser admirado por amigos e conhecidos, além de, quando jovem, ter estudado em outra cidade e ter voltado para uma área afastada do meio urbano. Manke (2012) afirma que a assinatura de jornais e de revistas vindos de longa distância é uma prática que evidencia as estratégias de inserção dos moradores rurais e de localidades mais afastadas nos acontecimentos sociais, diante do isolamento geográfico. O próprio Erico Veríssimo se questiona qual teria sido o motivo de seu pai ter perdido o interesse pela leitura e reflete se não teria sido por culpa do isolamento da cidade.

Torno a perguntar: qual teria sido a causa da grande mudança? Uma exacerbação insopitável de seu temperamento sensual? A idéia de que devia provar de todos os frutos da carne, num açodamento de quem teme morrer cedo demais? (Seu pai não atingira sequer os sessenta anos.) Teria Sebastião Veríssimo sido derrotado pela mediocridade de sua pequena cidade provinciana? (VERÍSSIMO, 2005a, p. 70)

No livro *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (2013), Michèle Petit conta uma breve história de Michel de Castilho, escritor franco-espanhol, que, durante a Guerra Civil espanhola<sup>107</sup>, via sua mãe sair todas as noites, ao som dos tiros da guerra, para trabalhar na rádio. Com medo de que sua mãe fosse morta,

<sup>106</sup> Cartunista da revista *L'illustration*, nasceu Henri Maigrot, em Toulouse no ano de 1857 e faleceu em 1933, em Nesles-la-Vallée. Adotou o pseudônimo de Henriot ou Pif.

<sup>107</sup> Iniciada em julho de 1936, durou até abril de 1939, e começou após uma tentativa fracassada de golpe de estado por um setor do exército contra o governo da Segunda República Espanhola. Após o término da guerra, teve início o regime fascista de Francisco Franco.

refugiava-se na leitura da narrativa *As mil e uma noites*<sup>108</sup>, e espantava a angústia com os contos de Scherazade.

Já evidenciamos que Erico Veríssimo teve acesso desde menino a uma “rica biblioteca” organizada no escritório da casa dos Veríssimo. Já identificamos, também, que além de fácil acesso a materiais de leitura, o menino Erico gostava de passar horas se dedicando a leituras literárias e a ouvir histórias contadas por empregados ou por seus filhos, como o menino Estêvão. Acreditamos que essa familiaridade precoce com materiais de leitura, em especial com os livros, essa possibilidade de manipulá-los, retira deles um possível *status* de poder e, dessa forma, o medo por eles despertado.

Mais uma vez é Michèle Petit que nos auxilia sobre essa questão do medo, muitas vezes, despertado pelos livros:

E, na realidade, desde que comecei minhas pesquisas sobre a leitura e a relação com os livros, não parei de me surpreender com a quantidade de histórias confirmando que o medo dos livros estava presente. Um medo multiforme, já que as proibições sociais se conjugam a tabus inconscientes. [...] No entanto, curiosamente, desse medo não se fala. (PETIT, 2013, p. 34)

A autora, também, reflete sobre a importância dos exemplos para a formação de um leitor, que pode se espelhar em um adulto leitor, que, por muitas vezes, faz papel de mediador ao ler em voz alta, com ternura e nuances na voz, um livro que, talvez, se torne um favorito do ouvinte. Nem sempre esse leitor/mediador interferirá nas leituras do iniciante, e é bom que não o faça. O melhor seria familiarizar o leitor em formação com os livros e textos, dar-lhe liberdade.

Se a leitura de literatura tem, como afirma Petit (2013), relação com a experiência da falta e da perda, seria possível afirmar que quando alguém deseja negar uma perda, que, no caso de Erico Veríssimo podemos supor tenham sido várias, tais como o sentimento de perda com a separação dos pais, com a impossibilidade de terminar os estudos, com a insatisfação de desempenhar funções, que não gostava em seus primeiros empregos, evite ou procure dominar a literatura. Veríssimo, não só se dedicou a leituras variadas, como se propôs a escrevê-las, alcançando inegável reconhecimento.

---

<sup>108</sup> Obra traduzida para o francês, por Antoine Galland, em 1704, quando passou a ser conhecida no mundo ocidental, reúne uma coletânea de histórias da tradição oral dos povos da Pérsia e da Índia.

Entendemos que a leitura pode ser uma forma para manter um espaço próprio, privado, ou como Virgínia Woolf, “um quarto para si”<sup>109</sup>. Um lugar seu, onde não haja outras pessoas, mesmo que este lugar todo seu seja o contrário de um espaço vazio, onde o espaço pessoal não existe.

Seria possível abrir seu caminho, trilhar seus próprios passos, pois o leitor tem liberdade, que, para Michel de Certeau, poderia ser traduzida como: “Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram” (CERTEAU, 2000, p. 190). Aquele que lê “elabora um outro lugar, um espaço onde não dependa dos outros. Um espaço que lhe permita delimitar-se, [...] desenhar seus contornos, perceber-se separado, distinto do que o cerca, capaz de um pensamento independente” (PETIT, 2013, p. 42).

Viajantes, aqueles que transpõem barreiras físicas, mas, também, existem outras formas de viajar, conforme afirma Octavio Ianni: “a viagem pode ser real ou imaginária, filosófica, artística, científica (IANNI, 2000, p. 11).

Esses viajantes, de acordo com escritos de Certeau (2000), viajam por textos e escritos de outros, que se modificam pela leitura, mas, também, modificam a história que leram, uma vez que cada um a lerá de uma forma diferente, de acordo com seus conhecimentos, impressões e vivências. Dessa forma, o jovem leitor, ao se dedicar à leitura de uma obra, não a lerá da mesma forma que um leitor mais velho. Não que um ou outro esteja lendo de forma equivocada, pelo contrário. Como cada leitor/viajante terá um olhar estrangeiro sobre as leituras realizadas, sobre os escritos de outros, entenderá e assimilará a leitura de acordo com suas impressões e expectativas.

Se podemos afirmar que uma viagem é descoberta do mundo, podemos afirmar, também, que é descoberta do próprio indivíduo, que encontra uma mudança de si mesmo ao percorrer o caminho. Mas, e ao ler? O sujeito que lê não está realizando, também, uma viagem? E essa viagem não poderia provocar uma descoberta de si mesmo?

Acreditamos que sim.

Michèle Petit revela no livro *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* que, em 2012, escreveu sua “autobiografia como leitora”, não com o intuito de inventariar

---

<sup>109</sup> Ensaio publicado, em 1929, baseado em duas conferências sobre *As mulheres e a ficção*.



suas leituras, todavia tentando localizar momentos-chave e as influências de cada uma.

Acreditamos que Veríssimo, embora não tenha escrito sua autobiografia somente com esse objetivo, realiza uma análise de suas leituras e de como elas o afetaram, e, também, de suas obras, e de como essas foram influenciadas, de forma direta ou não, por essas experiências literárias.

### **3.3 As maneiras de ler do Veríssimo de Cruz Alta**

Pensar a história da leitura a partir de um texto autobiográfico se mostrou um desafio considerável. Dessa forma, dedicamo-nos a pensar as práticas de leitura de um menino e jovem, que mais tarde se tornou um escritor com importante reconhecimento de suas obras.

Nos primeiros anos de Erico Veríssimo, descritos em sua autobiografia, podemos encontrar indícios de que diferentes modos e gestos de leitura conviveram ao longo do tempo. Segundo Silva, “o conceito de práticas de leitura, mesmo tendo-se em conta um dado período de tempo e uma determinada região, não se constitui um corpo homogêneo” (SILVA, 2004, p. 140). Já notamos que Erico Veríssimo lia sentado no canteiro da ameixeira-do-japão, lia em seu quarto ou no escritório paterno, ouvia as histórias de Estêvão junto com outros meninos da vizinhança ou ouvia as histórias contadas e cantadas pelos empregados da casa.

Essas lembranças evocadas para a escrita de suas memórias nos dão pistas do quanto esses primeiros contatos com a leitura e um ambiente leitor contribuíram para sua formação.

Lendo os dois volumes de *Solo de Clarineta*, autobiografia publicada em 1973 e 1976, podemos nos aproximar de uma compreensão das preferências de leitura de Erico Veríssimo quando jovem, porque o autor destaca, além dos fatos vividos, seus autores e obras prediletos, que envolviam literatura nacional e internacional. Seu gosto literário variou conforme o ciclo social que vivenciou, como pode ser verificado nas tabelas a seguir:

Tabela 4 - Livros lidos na infância.

Livros lidos na infância	
Livros	Autor
<i>A dama do mar</i>	Henrik Ibsen
<i>O pato selvagem</i>	Henrik Ibsen
<i>As aventuras do Dr. Jacarandá</i>	Benjamin Rabier
<i>O Tico-Tico</i>	Luis Bartolomeu de Souza e Silva
<i>Os três mosqueteiros</i>	Alexandre Dumas
<i>L'illustration</i>	--
<i>Seleta em prosa e verso</i>	Alfredo Clemente Pinto
<i>Revista Eu Sei Tudo</i> <sup>110</sup>	Companhia Editora americana S.A.
<i>Viagens Maravilhosas</i>	Júlio Verne
<i>A casa a vapor</i>	Júlio Verne
<i>O herói de quinze anos</i>	Júlio Verne
<i>Cinco semanas em um balão</i>	Júlio Verne
<i>Vinte mil léguas submarinas</i>	Júlio Verne
<i>A ilha misteriosa</i>	Júlio Verne
<i>As grandes viagens e os grandes viajantes</i>	Júlio Verne
<i>Nick Carter</i>	Ormond G. Smith
<i>Série Arsène Lupin</i>	Maurice Leblanc
<i>Série Sherlock Holmes</i>	Conan Doyle

Na infância de Erico Veríssimo contamos sete leituras de Júlio Verne, escritor francês, que faleceu no ano em que Veríssimo nasceu. É considerado por críticos literários como o inventor do gênero de ficção científica, já que em seus livros, escritos no século XIX, aparecem submarinos, máquinas voadoras e uma viagem à lua. Sua capacidade de pesquisa surge em livros como *Cinco semanas em um balão*, publicado em 1862, e que continha detalhes de coordenadas geográficas, culturas e animais elaborados a partir da imaginação apoiada na capacidade de pesquisa do escritor francês.

Para o menino Erico, que imaginava estar em outros lugares ao ler ou que era um soldado de exércitos formados pelos meninos da vizinhança, as leituras com detalhes de terras distantes, funcionavam como uma espécie de combustível para sua imaginação. Seria essa uma pista para compreender sua forma de criar histórias, nas quais detalhes sobre o ambiente, os cenários, as pessoas que por lá transitam são abundantes a ponto de permitir elaborar mapas das cidades?

<sup>110</sup> Revista brasileira criada em 1917 e com circulação até dezembro de 1958. A revista *Eu Sei Tudo* se apresentava ao leitor como um “Magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e literário”.

Tabela 5 - Livros lidos na juventude.

<b>Livros lidos na juventude (1920 aproximadamente)</b>	
<b>Livro</b>	<b>Autor</b>
<i>Servidão Humana</i>	W. Somerset
<i>O cortiço</i>	Aluisio Azevedo
<i>Casa de pensão</i>	Aluisio Azevedo
<i>Sertão</i>	Coelho Neto
<i>Inverno em flor</i>	Coelho Neto
<i>A Moreninha</i>	Joaquim Manoel de Macedo
<i>O moço louro</i>	Joaquim Manoel de Macedo
<i>Pelo sertão</i>	Afonso Arinos
<i>As minas de prata</i>	José de Alencar
<i>Os Maias</i>	Eça de Queirós
<i>Recordação da casa dos mortos</i>	Dostoievsk
<i>Crime e castigo</i>	Dostoievsk
<i>Anna Karenina</i>	Tolstoi
<i>Ivanhoé</i>	Walter Scott
<i>L'Assommoir</i>	Emile Zola
<i>Naná</i>	Emile Zola
<i>Germinal</i>	Emile Zola
<i>Teresa Rakin</i>	Emile Zola
<i>A besta humana</i>	Emile Zola
<i>Ladies' Home Journal</i>	--
<i>A esfinge</i>	Afrânio Peixoto
<i>Fruta do mato</i>	Afrânio Peixoto
<i>Bugrinha</i>	Afrânio Peixoto

Analisando as tabelas anteriores, com contribuição dos estudos de Mitidieri-Pereira (2006, p. 153), que afirma que “essas experiências literárias emprestam referências ou têm sua importância reconhecida, tanto no âmbito das vivências e experiências do homem quanto no dos romances produzidos pelo escritor”, percebemos que as leituras de Erico Veríssimo apontam para a relevância dada às produções literárias brasileira e europeia, com ênfase em autores franceses e ingleses, como Conan Doyle, Maurice Leblanc, Julio Verne e Emile Zola. Autores russos, também, faziam parte das leituras do jovem gaúcho, tais como Dostoievsk e Tolstoi. Enquanto este foi um representante do realismo, aquele é considerado um dos grandes romancistas russos.

O escritor brasileiro Afrânio Peixoto foi lido em três diferentes livros durante a juventude do menino de Cruz Alta: *A esfinge*, *Fruta do mato* e *Bugrinha*, escritos, respectivamente, em 1911, 1920 e 1922. Observemos o tempo decorrido entre a publicação do primeiro e dos outros dois livros, quando Erico contava, então, com 6, 15 e 17 anos.

Ainda durante a juventude, Erico Veríssimo leu autores como Aluisio Azevedo, Coelho Neto, Joaquim Manoel de Macedo, Dostoievsk, cada um, em dois momentos diferentes. Leu, também, cinco produções de Emile Zola.

A partir dessa breve análise, podemos observar que o gosto literário de Erico Veríssimo era diversificado e incluía preferências por escritores reconhecidos nas malhas do sistema literário, embora só contemos com as informações mencionadas no livro autobiográfico, já que a biblioteca paterna foi desfeita ainda na infância do pequeno leitor, quando seu pai presenteava amigos e conhecidos com os livros que a compunham.

Curioso que os livros escolhidos pelo pequeno leitor, atualmente, não sejam indicados para crianças, por apresentarem muitas páginas de texto e poucas ilustrações.

Os temas eleitos, normalmente estão em consonância entre o passado experimentado e a situação atual, proporcionando uma sensação de viver novas experiências. De acordo com Lahire (2002, p. 95), o leitor se reconhece e a sua prática “ao mesmo tempo em que descobre outros universos, encontra o conhecido através da descoberta de personagens, de lugares e de situações” Seria esse o caso de Erico?

Não podemos afirmar que sempre foi assim, mas, como já citado antes nesta dissertação, o menino se permitia imaginar outros lugares que não o pátio do casarão, com os cheiros vindos do pavilhão dos doentes.

Neste capítulo, buscamos compreender a utilização que o leitor Erico fazia dos impressos a que tinha acesso, em diálogo com Chartier (2001), que afirma que “falta às enumerações dos livros impressos ou possuídos uma questão central, a dos usos, dos manuseios, das formas de apropriação dos materiais impressos” (CHARTIER, 2001, p. 78).

Ainda de acordo com Chartier (2001, p. 78), as “maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, [...] em conformidade com os hábitos de seu tempo”, produzem sentidos plurais e móveis ao ato de ler.

A partir da observação dos quadros acima, podemos supor que Erico apresentava, ainda criança, uma leitura extensiva, que, segundo Chartier (2001), diz respeito a uma leitura ávida e veloz, que consome significativo número de impressos. Encontramos esse conceito proposto por Chartier (2001) também no

Glossário Ceale<sup>111</sup>: “a leitura extensiva se caracteriza pelo ato de ler um número amplo de textos, de modo rápido, pouco profundo e, muitas vezes, ávido”.

Também observamos que o menino de Cruz Alta gostava de ler ao pé da nespereira em seu quintal, só lendo dentro de casa, na sala ou em seu quarto, quando chovia ou quando ficava muito tarde para permanecer do lado de fora.

A constituição do indivíduo enquanto leitor está associada aos esquemas de sua experiência. “O gosto por determinadas obras, os modos de ler, a interpretação e a modelagem do sentido do texto são resultado de um processo individual que transparece a identidade do leitor” (MANKE, 2012, p. 40). Sendo assim, a prática de leitura e os sentidos atribuídos ao texto podem variar conforme a trajetória social do leitor e sua situação ou experiências sociais.

Para Lahire (2002), assim como para Michèle Petit (2009), situações de crise ou de rupturas identitárias, como pelas quais passou Erico quando seus pais se separaram, ou quando se viu obrigado a trabalhar em um armazém, pois não terminou os estudos devido à crise financeira familiar, favorecem a adesão a determinadas leituras, levando à atribuição de significados correspondentes ao momento histórico vivenciado. No caso de Erico, ele nos fala sobre suas leituras de *Urupês* nos momentos mais difíceis.

Quem muito me ajudou, sem o saber, naqueles tempos psicologicamente difíceis para mim, foi Monteiro Lobato. Li com deleite o seu *Urupês*, em que o autor paulista, a despeito de suas inegáveis influências camilianas, me pareceu uma saborosa cruz de Maupassant com Mark Twain. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 159)

Esse leitor, formado por suas experiências, deixa marcas nos textos lidos, seja através do desgaste da capa e das folhas dos impressos que manuseia, seja por fazer anotações em seus livros; ato este, por muito tempo evitado, porque livros eram raros devido ao seu alto valor e ao *status* de sagrado que carregavam.

Infelizmente, não pudemos ter acesso aos livros que pertenciam à biblioteca de Sebastião Veríssimo, pelos motivos já expostos, para realizar uma análise dessas marcas deixadas por seus leitores. No entanto, o escritor Erico era, também, leitor de suas próprias obras e um crítico voraz de si mesmo. Em seus manuscritos,

---

<sup>111</sup> Glossário criado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. ISBN: 978-85-8007-07908.

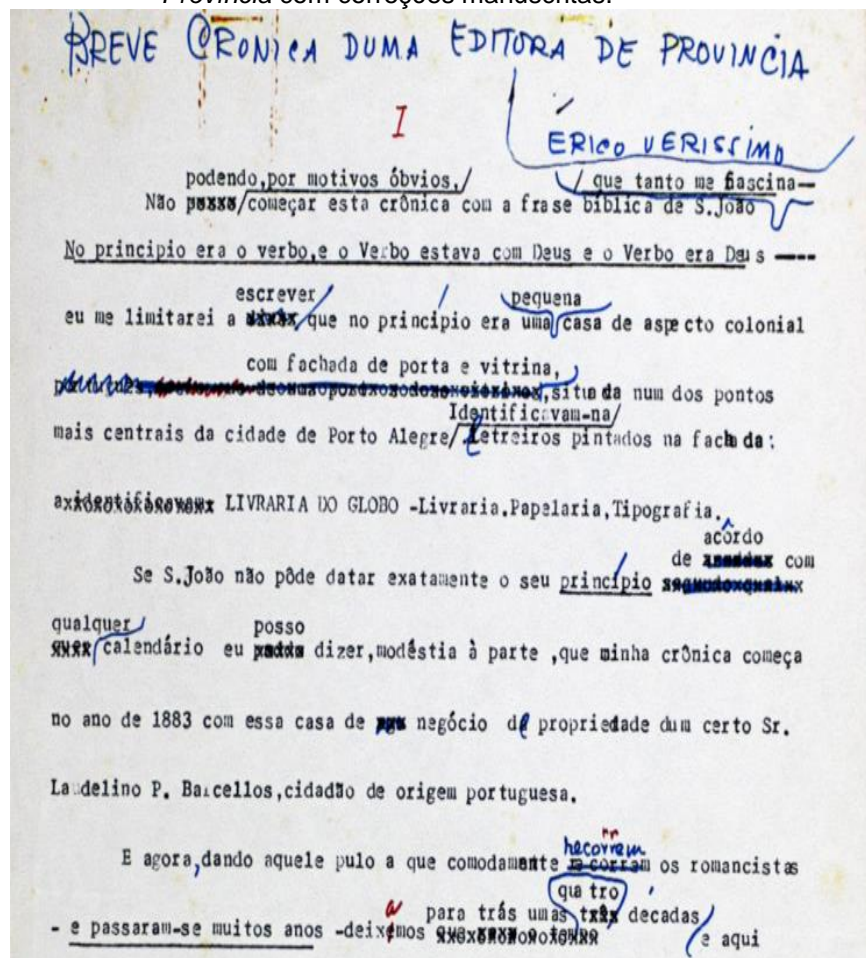
podemos identificar anotações e correções no texto, a fim de aprimorar seus escritos.

Entendemos que por ler seus próprios textos e indicar modificações em sua escrita, não podemos compará-lo com um leitor que realiza essas marcações para enfatizar um trecho que não entendeu ou que lhe chamou a atenção. Para que Erico decidisse modificar sua produção, era necessário que lesse aquilo que escreveu e que essa leitura fosse crítica, sem o apego ao texto que escritores, normalmente, demonstram ter por sua obra.

Muitos acreditam que o maior crítico da obra de Erico Veríssimo havia sido o próprio Erico, que não demonstrava piedade com seus livros, e, assim dizia:

Em geral, quando termino um livro, encontro-me numa confusão de sentimentos, num misto de alegria, alívio e essa vaga tristeza que vem após o ato do amor físico, satisfeita a carne. Relendo a obra mais tarde, quase sempre penso assim: "Não era bem isto que eu queria fazer". (VERÍSSIMO, 2005b, p. 301)

Figura 20 - Folha datilografada de *Breve Crônica de uma Editora de Província* com correções manuscritas.

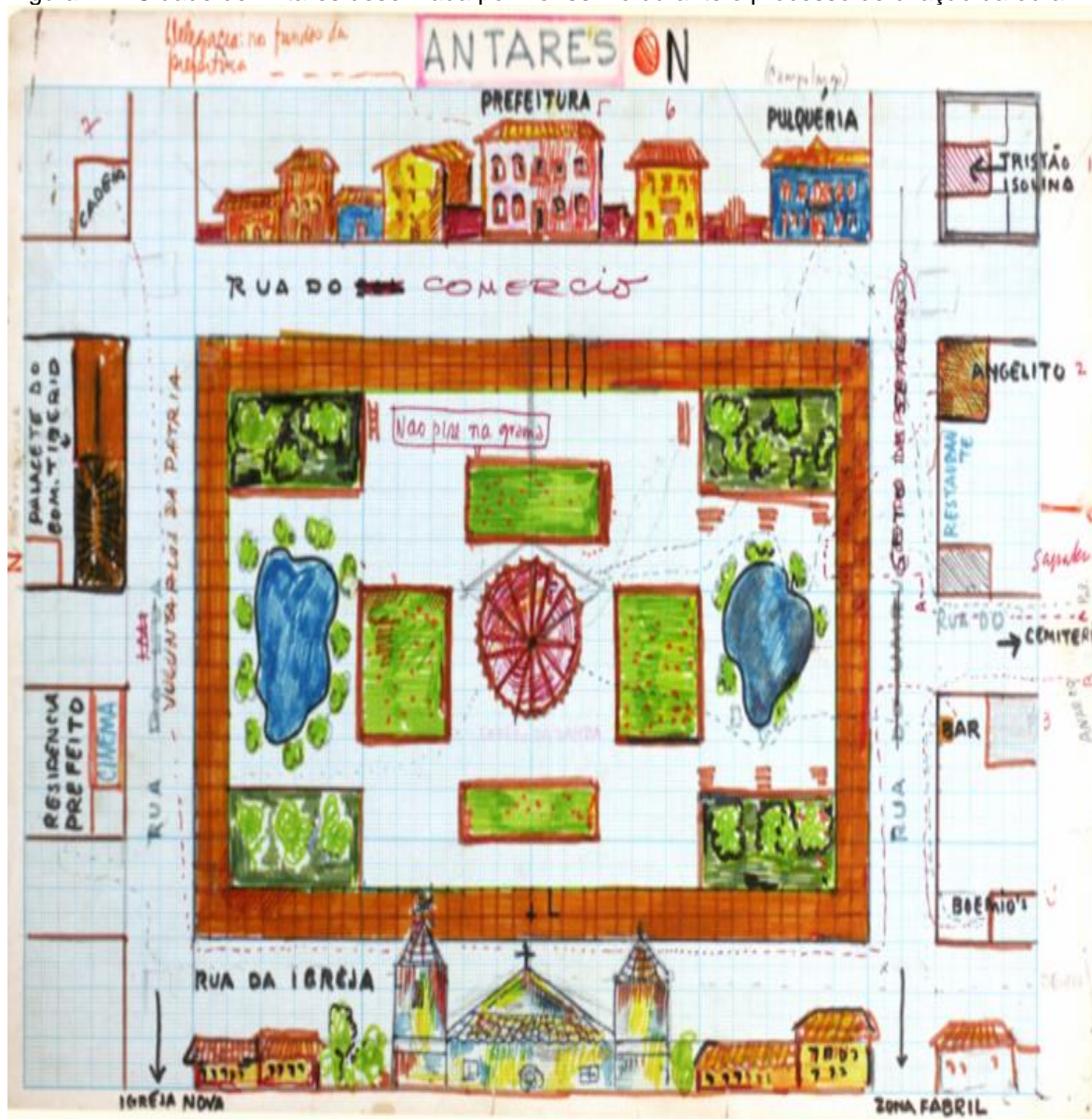


Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo.



Na imagem acima, percebemos o quanto Veríssimo era detalhista com suas produções literárias, o quanto buscava a melhor forma de colocar no papel o que imaginava para a história. Foi assim que desenhou o mapa da cidade onde se desenrola a trama de *Incidente em Antares*, por exemplo. Sua intenção era orientar as coordenadas espaciais do mundo que erguia, ao escrever suas histórias.

Figura 21 - Cidade de Antares desenhada por Veríssimo durante o processo de criação da obra.

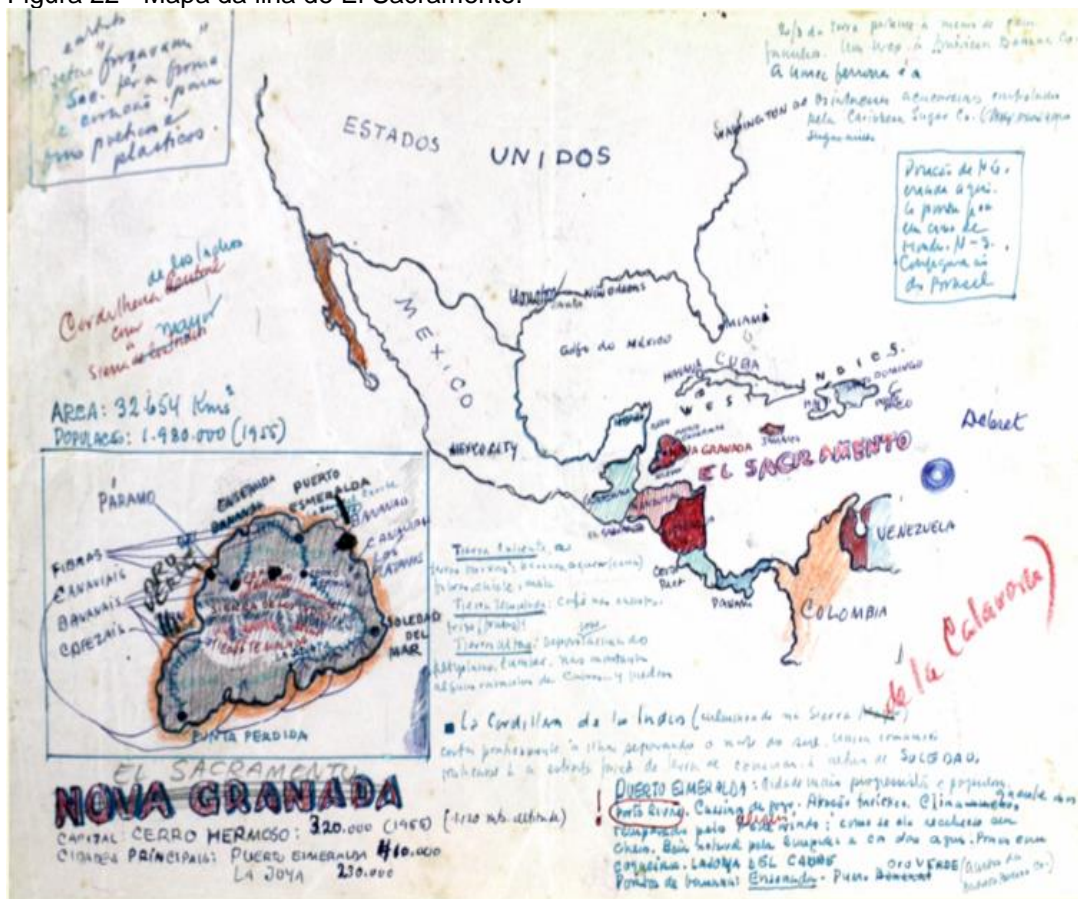


Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo.

Desenhou, também, a ilha de Nova Granada, como podemos perceber na imagem a seguir, para o livro *O Senhor Embaixador*, publicado em 1965. Mais tarde, durante o processo criativo, Erico achou por bem modificar o nome da ilha fictícia e,

podemos perceber a intervenção no desenho original, feito à caneta, rebatizou-a de El Sacramento.

Figura 22 - Mapa da ilha de El Sacramento.



Fonte: Acervo CEEE Erico Veríssimo.

Importante notar o depoimento de Luis Fernando Veríssimo ao Grupo CEEE, ao relembrar o costume do pai de desenhar: “O pai tinha mesmo esse costume de desenhar. Ao criar um romance, ele esboçava no papel as personagens para torná-las mais reais, palpáveis”<sup>112</sup>. O mapa revela, assim, a importância da cidade na composição da narrativa, como centro dos dramas, e o costume cultivado desde menino, ao criar os primeiros desenhos no escritório do pai.

Erico Veríssimo, ao reler seus trabalhos com um olhar bastante crítico, admitia que autores, que tiveram suas obras lidas durante a infância e a juventude do menino do interior, muito contribuíram para a formação do escritor. Um desses momentos foi ao se lembrar da escrita de *Clarissa*, romance publicado em 1933.

<sup>112</sup> Site <http://ceee.com.br/pportal/ceee>, acessado em 01 de dezembro de 2015. Notícia veiculada em 23 de setembro de 2013.



Em 1933 publiquei *Clarissa*, a história duma menina de treze anos que amanhece para a vida. É uma novela praticamente sem intriga, do tipo “fatia de vida”. (Eu aprendera boas lições com Katherine Mansfield, cujo *Bliss* viria a traduzir mais tarde.) Creio, porém, que nesse segundo livro meu – coleção de cenas de aquarela em torno da vida cotidiana – havia algumas ressonâncias da *Clara d’Ellébeuse*, de Francis James, leitura ainda dos tempos de farmácia. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 236)

O escritor reconhecia a importância de outros escritores para sua formação de leitor e, por que não dizer, autor de romances que foram sucesso de vendas no Brasil e em outros países. Esses livros lidos durante a infância e a juventude o inspiraram ao criar suas histórias, seus romances e, por que não dizer, seus livros de memórias, como os relatos de suas viagens e sua autobiografia, porque entendemos que estes são, também, um filtro para a escrita.

Trajetória singular de um menino de uma cidade interiorana, que abandonou o Colégio para trabalhar em sua cidade natal em um armazém, e andava com sapatos com furos nas solas porque não tinha dinheiro para comprar calçados novos (VERÍSSIMO, 2005a).

Figura 23 - Erico Veríssimo em rua de Cruz Alta.



Fonte: Depositário: Acervo IMS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos, por via de regra, que começar um texto seja um dos momentos mais difíceis da produção acadêmica. O que escrever, como iniciar o primeiro parágrafo? Essas são apenas duas das muitas incertezas que iniciar um escrito pode nos suscitar. Mas concluí-lo, também, não é tarefa das mais fáceis.

Um pesquisador e um escritor de romances poderiam partilhar a mesma angústia diante de uma folha em branco, esperando para ser preenchida? Será que foi essa angústia que levou Erico Veríssimo a viajar ao México depois de meses sem conseguir escrever um romance?

A escolha de uma autobiografia, com os filtros, com os lapsos de memória, com os acréscimos que podem acontecer nas lembranças daquele que se propõe a contar sua história, como fonte para uma pesquisa sobre as primeiras leituras realizadas por um menino, que anos mais tarde se tornaria um escritor renomado, se mostrou um desafio, e, nos fez buscar autores que pudessem nos auxiliar na pesquisa, por meio de pistas que nos levassem a um entendimento de como o criador de *México* e de *Israel em abril* se recordava de sua condição de aprendiz, de leitor e de escritor, e permitissem realizar uma análise das imagens de leitura presentes em *Solo de Clarineta*.

A formação de Erico Veríssimo como leitor pôde ser, em parte, recuperada através da leitura de sua obra autobiográfica intitulada *Solo de Clarineta*, composta por dois volumes, devido ao falecimento repentino do escritor antes mesmo da finalização do segundo livro.

Nela, tivemos acesso, ainda que através de filtros da memória, da escrita e da consciência do escritor, às memórias e aos sentimentos despertados por situações em que a leitura se fez presente na vida de Erico Veríssimo, desde antes de ser matriculado no Colégio Elementar Venâncio Aires e na Aula Mista Particular de Dona Margarida Pardelhas, por seus pais.

O casal Veríssimo, Sebastião e Abegahy, embora não se mostrasse interessado em leituras, incentivava o filho a ler, indicando livros e séries literárias, comprando dicionários, ou mesmo elogiando e valorizando pequenas produções da

criança, que começava a se aventurar a escrever versos com as palavras encontradas no dicionário recebido de sua mãe.

A mãe, por sinal, não incentivou o filho enquanto era criança somente, incentivou o adulto, que tinha receios quanto a assumir como profissão o ofício de escritor. Por várias vezes, Abegahy Lopes pediu ao filho que tentasse publicar suas histórias, e, por muitas vezes, recebeu como resposta uma negativa, acompanhada de uma explicação severa, uma vez que, nas primeiras décadas do século XX, o homem que pretendesse ser escritor por profissão era considerado louco. Não conseguiria se sustentar nem sustentar uma família.

Nos três capítulos desta dissertação, buscamos indicar como o menino teve mediadores de leitura através do pai, da mãe, da professora temida e adorada, da escola, da afetividade que encontrou em cada um desses sujeitos e espaços, das diferentes linguagens, com as quais teve proximidade. Mas uma pergunta permaneceu na pesquisa por muito tempo: como um menino de uma cidade do interior, afastado do que acontecia no país e no mundo por semanas de diferença, como relata em suas memórias, conseguiu superar tudo isso e se tornar um autor reconhecido nas malhas do sistema literário? Ele se torna respeitado de tal modo que é convidado para ministrar aulas sobre Literatura Brasileira em diversos países, dentre eles, Portugal e Estados Unidos, em uma série de palestras e lecionando em Universidades, respectivamente.

Embora a aproximação da literatura se dê, também, pelo prazer da leitura e pela possibilidade de imaginar e resistir a situações conflitantes e, por vezes, desagradáveis, fato que a torna um aprendizado em constante construção, podemos nos apropriar dela, também, para pensar a sociedade na qual estamos inseridos. Ao escolher um livro, dentre muitos, podemos fazê-lo pelo prazer que uma boa leitura pode nos proporcionar, para tentar entender um acontecimento, ou, ainda, para buscar um refúgio de nossa realidade, imaginando outros lugares e realidades.

Se no primeiro capítulo procuramos examinar aspectos do gênero autobiográfico, para buscar vestígios de concepções sobre leitura e como essa se deu para o menino de Cruz Alta, por meio de fragmentos da memória, nos outros dois capítulos refletimos sobre as representações de momentos de leitura que encontramos ao longo dos dois volumes da obra.

No capítulo *O Menino Leitor de Cruz Alta: Sujeitos e Espaços Mediadores*, percebemos como a mediação foi valiosa para a criança se interessar pelos livros

das prateleiras do escritório paterno. Se seu pai já não era mais um leitor, em contrapartida, suas intervenções para indicar um livro esquecido em algum lugar do escritório como a sequência de um outro já lido foram importante para o menino buscar a série a qual pertenciam esses dois tomos e procurar outras leituras.

Consideramos sua mãe uma mediadora desse processo de aproximação com o mundo da leitura, mesmo não se dedicando a leituras de livros, já que tinha que trabalhar costurando em sua máquina para fazer jus às despesas da casa. Ainda que não tenha sido educada ou mesmo instigada a ler, por várias vezes, percebemos sua dedicação a fim de que o filho tivesse uma boa educação, e, mais tarde, sua insistência para que publicasse suas produções.

A instituição escolar, mesmo que Erico não apreciase os livros que eram por ela, utilizados, aparece como um ambiente no qual a leitura era cobrada e festejada por professoras, uma delas com uma aparência tão impressionante que, mesmo depois de adulto, Veríssimo ainda se referia a ela como uma Nêmesis, amada por uns e temida por todos. Essa indicação do autor nos levou a pensar sobre a afetividade também como mediadora entre aluno e leitura. Percebemos que em um ambiente não ameaçador o aprendizado pode ocorrer, não de forma mais fácil, mas com menos atritos entre a criança e aquilo que a escola espera que aprenda.

Também nesse capítulo, procuramos entender a linguagem e suas diferentes formas como mediadora do processo de aquisição dos mecanismos da leitura. Ao ouvir histórias e lendas, ao ler os livros ricamente encadernados, ao ler os jornais e as revistas com notícias e imagens de lugares distantes, o menino Erico teve as diferentes linguagens como mediadoras de seu aprendizado.

Já no terceiro capítulo, intitulado *As Leituras do Menino Erico*, examinamos algumas leituras realizadas pelo menino gaúcho e ao mesmo tempo lembradas em sua autobiografia. Estas foram para o garoto mais do que uma prática secundária, funcionando somente para lazer e distração, foram, sobretudo, uma forma de resistir às possíveis barreiras e imposições que uma vida no interior pode apresentar para um jovem que, por não finalizar os estudos, carecia de uma boa perspectiva profissional.

Dessa forma, aprendemos que as experiências prévias do pequeno leitor muito contribuíram para uma conquista da leitura de forma plena, uma vez que Erico conseguia analisar criticamente os livros adotados pela escola, que sempre mostravam os gaúchos vencendo qualquer conflito do qual fizessem parte, escritos

quase como que um relatório das guerras, segundo rememora o escritor ao relembra a leitura de tais livros.

Necessário reconhecermos o papel desempenhado pela cultura oral para a formação do escritor, visto que o próprio Veríssimo afirma que seu primeiro contato com músicas, histórias e cantigas se deu com os empregados da casa, que lhe cantavam para dormir, que lhe contavam histórias para diverti-lo e, vez e outra, para assustá-lo. E estas mesmas experiências lhe incentivaram a buscar novas histórias.

O interesse do jovem Erico por leitura e informações do resto do mundo era grande e o menino criou dois jornais, embora tenham durado pouco devido aos outros interesses do jovem editor, para escrever e informar sobre aquilo que acontecia durante a guerra, se o ditador nazista havia sido derrotado. Mas, na visão do menino, importava ler as histórias que chegavam a Cruz Alta de mais perto.

Consideramos, conforme Vieira (2007, p. 16), que os documentos, as fontes e, os vestígios do passado expressam pontos de vista das pessoas que os produziram. Portanto, não há necessidade de pensar em noções como verdadeiro ou falso. Procuramos entender as causas que levaram um menino a ser escritor, mesmo enfrentando dificuldades inerentes à profissão, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, e a função da leitura em sua vida como uma forma de resistência a pressões externas. Além disso, destacamos os momentos de prazer nos dias passados ao pé da ameixeira-do-japão, a árvore do quintal do casarão.

Finda esta etapa de escrita, foi estimulante e bastante desafiador, mesmo com todas as dificuldades encontradas ao longo da investigação e posterior escrita da dissertação, buscar entender os caminhos, talvez cruzados, que percorreu o possível “gato preto”, como ficou conhecido o autor depois de publicar os dois livros de viagens realizadas aos Estados Unidos. E, embora Erico Veríssimo tenha permanecido um período em campos de neve estrangeiros, não perdeu a vontade de escrever sobre sua terra, para qual olhou, ainda que sem lírios no campo. Ou sobre sua gente e sobre sua saga.

Importante ressaltar que esta dissertação não encerra, em si, a pesquisa sobre a formação do leitor Erico Veríssimo. Uma possibilidade de dar continuidade ao estudo seria nos aprofundando na análise das listas de livros lidos pelo escritor em sua infância e juventude. Tal análise, iniciada no terceiro capítulo, se mostrou uma importante contribuição para tentar entender um pouco mais as experiências que levaram o menino e, posteriormente, o jovem do interior a se tornar um leitor.

Um leitor proficiente e crítico, que buscava leituras variadas e de autores de diferentes nacionalidades, mas, que, sobretudo, se tornou um crítico contumaz de sua própria obra e um reconhecido escritor cuja inspiração buscara nas leituras realizadas.

Em Cruz Alta, cidade localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, nasceu sob o signo de sagitário, no dia 17 de dezembro de 1905, Erico Lopes Veríssimo, reconhecido por ser escritor, embora tenha sido primeiro leitor.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Daniela Cristina Lopes de. *As estratégias de escolarização primária na cidade de Rio Claro – São Paulo (1889-1920)*. 2013. 299 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, 2013.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. *Revista TB*, n. 124, p. 23-24, jan./mar. 1996.

ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. Rio de Janeiro: ABL, 1987.

ALMEIDA, Cíntia Borges de e COSTA, Aline Santos. Para a Petizada Inocente: Encanto, Diversão e Lições de Conduta na Revista *O Tico-Tico* (1905-1910). In: SILVA, Márcia Cabral da. e BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. (orgs.) *Literatura, Infância e Educação*. Revista Teias, v. 16, n. 41, p. 54-71, 2015. ISSN 1982-0305.

ALMEIDA, Patrícia Vianna Lacerda de. *Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933)*. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ALTIERI, Júlio. *Uma análise da obra de Roger Chartier sobre a História da Leitura*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2010.

ANANIAS, Denise Castro. *Literatura de Viagem: Trajetórias e Percursos – Análise em a Volta do Gato Preto e México de Erico Verissimo*. 2006. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Comparada). Porto Alegre, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARRIADA, Eduardo. *A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do Ensino Público*. 2007. 373f. Tese (Doutorado em Educação). Porto alegre, 2007.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, ed. Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998.

ASSIS, Machado de. O espelho. In: GOMES, E. (Org.) *Machado de Assis: contos*. Rio de Janeiro: Agir, 1973. (Coleção Nossos Clássicos).

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2011.

AZEVEDO, Fernando de. *O Livro e a Escola Nova*. *Revista de Educação*, v. IV, dez. 1933.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. v. X, tomo I-IV.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, maio/ago. 2002.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus. 1984.

BORDINI, Maria da Glória. Veríssimo e a vida literária brasileira. *Revista Letras de Hoje*, v. 29, n. 1, p. 103-108, mar. 1994.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre Literatura e política*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, EdPUCRS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999. (Coleção Engenho e Arte; n. 4)

BORDINI, Maria da Glória. O continente de São Pedro: éden violado. In: BORDINI M. da G.; ZILBERMAN, R. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BORDINI, Maria da Glória. Incidente em Antares: a circulação da literatura em tempos difíceis. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 274-281, dez/fev 2005-2006.

BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

BOURDIER, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. V. II.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 volumes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARVALHO, Marilene. Tempo de aprender a ler: a alfabetização narrada por escritores. *Revista Contemporânea de Educação*, n. 11, jan./jul. 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo, Editora Global, 2012.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie. A importância da escola na formação do leitor. 2008. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/amchartier.htm>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Editora Bertrad Brasil S/A, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11. Jan./apr. 1991.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: Ed. UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O escritor e o seu tempo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

COENGA, Rosemar Eurico. *Infância e Leitura na Memória de Escritores*. 2011. 172f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas). Universidade de Brasília, 2011.

COSTA, Alfredo Rodrigues da. (Org.). *O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado*. Porto Alegre: Globo, 1922. 2 v.

DANTAS, Heloysa. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. *Temas em Psicologia*, São Paulo, n. 3, p. 73-76. 1993.

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: \_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 109-131.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUARTE, Isabel Cristina Brettas. *Miradas ao México de Erico Veríssimo: viagem, narrativa e memória no espaço autobiográfico*. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Frederico Wesphalen.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. São Paulo: Zahar, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org.). *Modos de ler/Formas de escrever: estudos da história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Instrução Elementar no Século XIX*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERNÁNDEZ, Isabel Gretel Maria Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. *Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou? Revista UFG*, ano XIII, n. 11, 2011.

FISCHER, Steven R. *História da leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FRAGO, Antonio Viñao. *Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativas: tipología y usos*. *Revista Redes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 2, jan./jun. 2000.

FRANZ, Marie-Louise Von. *O gato: um conto da redenção feminina*. Trad. Euclides Luiz Calloni. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Erico Veríssimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *Livros de Leitura no Início do Século XX: Objeto de uma Cultura Material Escolar*. In: CBHE, 8., 2015. *Anais do...* [S. l.]: 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

HOHLFELDT, Antônio. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1984.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade – mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 11-31.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Manuscritos/Inéditos. *Cadernos de literatura brasileira*, n. 16, p. 75, 2003.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de literatura brasileira*, Edição Especial. n. 22, p. 222-233, 2007.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed.34, 1996.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 2001.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KLEIMAN, Angela. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KLEIN, Lígia Regina. *Alfabetização: quem tem medo de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1996.

KOTRE, John. *Luvras Brancas: como criamos a nós mesmos através da memória*. São Paulo: Ed. Mandarin: 1997.

LAHIRE, Bernard. *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: Leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A profissionalização do escritor no Brasil do século XIX. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 45, abr./jun. 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LE GOFF, Jacques. O desejo pela história. In: AGUILHON, M. *Ensaio da egohistória*. Lisboa: Edições 70, 1989.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *Literatura para PAS/UNB – 3ª etapa/2007: análise das quatro obras indicadas com exercícios resolvidos*. Goiânia Kelps/Leart, 2007.

LOPEZ, Telê Ancona. *O Turista Aprendiz*. Belo Horizonte, Itatiaia, 2002.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, set. 1943.

LUCAS, Fábio. *Ética e Estética de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Ed.AGE, 2006.

LURIA, Alexandr Romanovich. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MAGNANI, Maria do Rosário. *Leitura, literatura e escola: a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANKE, Lisiane Sias. *História e Sociologia das Práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural*. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MATHIAS, Eleisa. *Solo de Clarineta: memórias de um escritor*. 2011. 78 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MELLO, Marisa Schincariol de. *Como se faz um clássico da Literatura Brasileira? Análise da consagração literária de Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (1930-2012)*. 2012. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2012.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

MITIDIÉRI-PEREIRA, André Luis. Solo de Clarineta: cultura, memória e literatura. *Graphos*, João Pessoa, v.8, n.1, jan./jul. 2006.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito - a escrita autobiográfica na América hispânica*. Tradução Antonio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

MORAES, Anita de. *Os olhos do gato: o narrador de viagens Erico Veríssimo*. 2005. 192f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade de São Paulo, 2005.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. In: Histórias de mulheres e práticas de leitura. *Cadernos CEDES*, n. 45, 1998.

MORENO, Montserrat; LEAL, Genoveva Sastre Aurora; BUSQUETS, Maria Dolors. *Falemos de Sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; OLIVEIRA, Jeovana Alves de Lima. Mediadores Sociais de Leitura: pontes para experiência literária. *Revista Ponto de Acesso*, Salvador, v. 8, n. 2, p. 43-60, ago. 2014.

MUSTAFÁ, Izani. *O Uso Político do Rádio pelos Ditadores Getúlio Vargas (Brasil) e António de Oliveira Salazar (Portugal) no Período de 1930 – 1945*. 2014, Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Eliane Loyola do. *A mediação pedagógica nas práticas de alunos de séries finais do ensino fundamental*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

NOGUEIRA, Renata de Souza. Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade. Vivências, *Revista de Antropologia*, n. 39, 2012, ps. 81-89.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

PASSETTI, Dorothea. Tristes Trópicos: os anos brasileiros de Lévi-Strauss. In: BERNARDO, Terezinha e TÓTORA, Silvana. *Ciências Sociais na atualidade – Brasil: resistência e invenção*. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

PEDROSO, Grace Costa. *A liberdade de escrever em Erico Veríssimo: o engajamento pela arte, ou a arte pelo engajamento*. 2014. 93 f. Dissertação (mestrado em Letras – Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

PEDRUZZI, Tiago, *Memória, experiência e ficção em Cem Anos de Solidão e O Tempo e o Vento*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Erico Veríssimo: encontros e desencontros da ficção com a história*. Revista USP, São Paulo, n. 68, dez./fev. 2005-2006.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed.34, 2008.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed.34, 2009.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PIMENTEL, Thaís Velloso. *De Viagens e de Narrativas: Viajantes Brasileiros no Além-Mar (1913-1957)*. 1998. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 1998.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Mulheres e leitura: entre regras sociais e escolhas pessoais. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados, v. 1, n. 2, 2011.

PINO, Angel. *O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências*. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 5-24.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Scipione, 1995.

PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor*. Rio de Janeiro, Globo, 1988.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. México: literatura de viagem e autobiografismo. *Caderno do centro de pesquisas literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 2, n. 3, novembro de 1996/ Atlas do seminário internacional Erico Veríssimo: 90 anos. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. p. 33-38.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. México: viagem e autoconhecimento. *Revista USP*, n. 68, p. 306-312, dez./fev. 2005-2006.

REVERBEL, Carlos. *Um capitão da guarda nacional: vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. O tempo e o vento: literatura, história e desmitificação. *Revista MÉTIS: história & cultura*, v. 5, n. 9, p. 289-312, jan./jun. 2006.

ROIG, José Antonio Klaes. *Autobiografia de Erico Veríssimo: a consciência do fazer literário*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande.

ROSA, Ilhana de Lima Rodrigues da; CUNHA, Jorge Luiz da. Reflexões sobre o sentido e o significado da Escola Normal. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: CONFLUÊNCIAS, 2.: 2006: Santa Maria, RS. *Anais [recurso eletrônico]*. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/031e5.pdf>>. Acesso em: 31/07/2015.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SCLIAR, Moacyr. *A poesia das coisas simples*. Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Elza Elisabeth Maran Queiroz da. *Pensando as Fronteiras e as Identidades na Obra de Erico Verissimo: O Continente* (1949). 2003. 201f. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. *Perspectiva*, v. 17, n. 31, jan/jun. 1999.

SILVA, Maurício. Profissionalização do Escritor e Publicidade Editorial: dois capítulos da leitura pré-modernista no Brasil. *Revista Magma*, USP, n. 6, p. 64-77, 1999.

SILVA, Márcia Cabral da. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: Uma História da Formação do Leitor no Brasil*. 2004. 196f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SILVA, Márcia Cabral da. A circulação de textos literários entre crianças e jovens na sociedade contemporânea. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 6, abr. 2011.

SILVA, Márcia Cabral da. Sobre a Educação Feminina: o Caso de Helena Morley (1893- 1895). *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2013.

SILVA, Márcia Cabral; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Literatura, Infância e Educação Apresentação. *Revista Teias*, v. 16, n. 41, p. 4-9. 2015.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. *Experiências de leitura no contexto escolar*. In: PAIVA, Aparecida (org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2010, p. 23-40. (Coleção explorando o ensino).

SMOLKA, Ana Luiza B.; GÓES, Maria Cecília. (Orgs.) *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. São Paulo: Papirus, 1995.

SOUZA, Marileide Alves Rocha. *A Literatura na escola: prazer na formação do gosto. Experiência em leitura com alunos do Ensino Fundamental*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Brasília, 2009.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. *Revista Eletrônica Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 2, 2013.

TEBEROSKY, Ana. e Tolchinsky, Liliana. *Além da alfabetização*. 4. d. São Paulo: Ática, 1996.

VERÍSSIMO, Erico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947.

VERÍSSIMO, Erico. *México*. Porto Alegre: Globo, 1957.

VERÍSSIMO, Erico. O escritor diante do espelho. In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967.

VERÍSSIMO, Erico. *Israel em abril*. Porto Alegre: Globo, 1969.

VERISSIMO, Erico. *Israel em abril*. Porto Alegre: Globo, 1970.

VERÍSSIMO, Erico. *O Solo de clarineta: memórias*. 2 ed. Porto Alegre, Globo, 1978. Tomo II.

VERÍSSIMO, Erico. *O Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2005a. v. I.

VERÍSSIMO, Erico. *O Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005b. Vol. II.

VERÍSSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005c.

VERÍSSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

VERÍSSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VERÍSSIMO, Erico. *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1997.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007, p. 11-40.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. *A primeira Escola Normal do Brasil: uma contribuição à história da formação de professores*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.



VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografias, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipologia y usos. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 82-95, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na Criança*. Lisboa: Edições 70, 1995.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do livro, 2014.

YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989

ZILBERMAN, Regina. Erico Veríssimo: memória, história e tempo recuperado. *Revista USP*, n. 68, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Erico Veríssimo: artista, intelectual e pensador brasileiro. *Revista Antares*, n. 3, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura no Brasil: sua História e suas Instituições*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

Arquivo do jornal *Correio do Povo*.

Arquivo do jornal *Diário de Notícias*.

Biblioteca Nacional de Portugal.

\_\_\_\_\_. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Online: disponível em <[www.cnfcp.gov.br](http://www.cnfcp.gov.br)>. Arquivo consultado em 21 de julho de 2015.

Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. ISBN: 978-85-8007-07908.

## ANEXO A - Cronologia de apoio

Figura 24 - Charge de Erico Veríssimo – Desenho de Canini



- 1905** Nasce em Cruz Alta.
- 1912** Matriculado no Colégio Elementar Venâncio Aires.  
Frequenta a Aula Mista Particular de Dona Margarida Pardelhas.
- 1920** Interno do Colégio Cruzeiro do Sul.
- 1922** Seus pais se separam.  
Erico abandona o Colégio e começa a trabalhar como balconista no armazém de Americano Lopes, seu tio.
- 1924** Se muda para Porto Alegre com sua mãe e irmãos.  
Retorna para Cruz Alta.
- 1925** Trabalha no Banco do Comércio, como chefe da Carteira de Descontos.

- 1926** Torna-se sócio da Pharmacia Central com Lotário Muller, amigo de seu pai.
- 1927** Começa a namorar Mafalda Halfen Volpe.
- 1929** Publica *Chico: um conto de Natal* no mensário *Cruz Alta em Revista*.  
O conto *Ladrão de gado* é publicado na *Revista do Globo*.  
Publica o conto *A lâmpada mágica* no suplemento literário do *Correio do Povo*.
- 1930** Volta a Porto Alegre, onde é contratado para o cargo de secretário de redação da *Revista do Globo*.
- 1931** Casa-se com Mafalda.  
A Seção Editora da Livraria do Globo lança sua primeira tradução, *O sineiro*, de Edgar Wallace.
- 1932** É promovido a Diretor da Revista do Globo.  
Publica *Fantoches*.
- 1933** Publica *Clarissa* e traduz *Contraponto*, de Aldous Huxley.
- Sua tradução de *Contraponto* é publicada.  
Nasce sua filha, Clarissa.  
Seu pai falece.
- 1935** É eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.  
Publica *Música ao longe*.  
Publica *Caminhos Cruzados*, pelo qual recebe o Prêmio Fundação Graça Aranha.
- 1935 a 1939** Publica histórias infantojuvenis.
- Nasce seu filho Luis Fernando.  
Publica *Um lugar ao sol*.
- 1936** Cria o programa infantil Clube dos três porquinhos.  
Tem a ideia da Coleção Nanquinote, com os livros *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Meu ABC*. Publica a história *As aventuras de Tibicuera*.

- 1938** Publica *Olhai os Lírios do Campo*.
- 1939** Participa da concepção de coleções como *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*.
- 1940** Publica *Saga*.
- 1941** Viaja aos Estados Unidos a convite do cônsul do país em Porto Alegre.  
Publica *Gato preto em campo de neve*.
- 1942** Lança a coletânea de contos *As mãos de meu filho*.
- 1943** Viaja aos Estados Unidos para lecionar Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia.  
É editado *O Resto é Silêncio*.
- 1944** Recebe o título de doutor Honoris Causa.
- 1945** Retorna ao Brasil.
- 1946** Escreve *A volta do gato preto*.
- 1947** Inicia a escrita de *O tempo e o vento*.  
É feita a primeira adaptação para o cinema de uma obra de sua autoria: *Mirad los lírios Del campo*, produção argentina.
- 1948** Se dedica a escrita de *O Continente*.
- 1949** Publica *O Continente*.
- 1951** Publica *O Retrato*.
- 1953** Aceita o convite para a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana.

- 1954** Recebe o prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras.  
Publica *Noite*.
- 1955** Viaja ao México.
- 1956** Volta ao Brasil. Sua filha Clarissa se casa.  
É lançada a coletânea *Gente e Bichos*.
- 1957** Publica *México*.
- 1959** Viaja a Portugal.  
É publicado um capítulo inédito de *O Arquipélago*.
- 1961** Sofre o primeiro infarto.  
Publica o primeiro tomo de *O Arquipélago*.
- 1962** Visita França, Itália e Grécia.  
O último tomo de *O arquipélago* é publicado.
- 1963** Dona Bega, sua mãe, falece.
- 1964** Luis Fernando, seu filho, se casa.  
Recebe o título de Cidadão de Porto Alegre.
- 1965** Escreve *O Senhor Embaixador*, que ganha o Prêmio Jabuti, categoria Romance.
- 1966** Visita Israel.  
Publica uma pequena autobiografia, intitulada *O escritor diante do espelho*.
- 1967** O livro *O Prisioneiro* é publicado.
- 1968** É agraciado com o prêmio Troféu Juca Pato.
- 1969** A casa onde nasceu, em Cruz Alta, é transformada em Museu

Casa de Erico Veríssimo.  
Publica *Israel em abril*.

- 1971** Publica *Incidente em Antares*.
- 1972** Escreve a biografia *Um certo Henrique Bertaso*.
- 1973** Amplia sua autobiografia sob o título de *Solo de Clarineta*.
- 1975** Falece no dia 28 de novembro.
- 1976** Publicada postumamente o segundo volume de sua autobiografia.

## **ANEXO B-** Carta de apresentação de *Israel em abril*

“Explico a demora com que entrego a vocês estes originais. É que cavalo velho já não pode marchar com a rapidez de potro. Mas não se alarmem: o que o bicho perde em velocidade e ímpeto ganha, por antigo, em experiência e conhecimento da estrada.

*Israel em abril* parece-se na estrutura e no espírito com o livro que escrevi há tempos sobre o México. Quis uma vez mais fazer o leitor viajar comigo, metido na minha pele, vendo e entendendo (ou não) pessoas, lugares e coisas através de meus sentidos e de meus pontos de referência psicológicos. Como repetidamente tenho dito e escrito, sou um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores. Plástica é minha visão do mundo e da vida. Aqui está, pois, um punhado de aspectos humanos, geográficos e históricos de Israel e da velha Palestina, alguns apenas esboçados em preto e branco, outros – a maioria – na forma de sumárias aquarelas. O importante para mim é que essas pinturas verbais consigam transmitir fielmente aos que me lerem as impressões que tive de Israel e dos israelenses.

Ficará logo evidente que escrevi este livro com muita simpatia pela causa dos judeus em geral e pela do Estado de Israel em particular, o que não significa que tenha qualquer má vontade para com os países árabes. Quem quer que, como eu, haja sido alimentado na infância e na adolescência com as saborosas e esquisitas tâmaras que são as histórias de *As mil e uma noites*, não poderá ficar imune ao encanto da civilização islâmica, cuja grande importância só um irremediável ignorante de História se negará a reconhecer.

Se conduzi a narrativa no presente histórico não foi para dar a impressão de que registrava os fatos no momento exato em que aconteciam, mas sim porque esse foi o processo que se me ofereceu naturalmente. Durante a viagem nem sequer mantive um diário regular. Limitei-me a fazer uma caderneta, vez que outra, notas e desenhos apressados. Para falar a boa verdade, este livro foi escrito exatamente três anos após minha visita a Israel. Tive, portanto, todo o vagar necessário para verificar nas fontes a exatidão, palavra por palavra, dos versículos bíblicos e das outras citações em prosa e verso que aparecem na narrativa.

Juro que tentei observar uma certa uniformidade na grafia dos nomes de pessoas e lugares. Quando, porém, descobri que existem muitas maneiras de



representar foneticamente os vocábulos hebraicos e árabes, desisti do honrado mas fútil propósito. Peçam, pois, aos revisores – como eu pedirei aos leitores – que tenham paciência com as incoerências ortográficas que encontrarem nestas páginas, nas quais, entre outras liberdades, tomei a de usar letras como o K e o Y, há muito expulsas de nosso alfabeto. Consola-me a ideia de que não será a mudança de uma, duas ou mesmo três letras num substantivo próprio ou comum que vá alterar a natureza ou fisionomia da pessoa ou lugar que designa. Num ponto, porém, fui intransigente: repudiei, por absurda para nós, a grafia inglesa em que o *sh* aparece com o som de *ch*. Isto explica a razão pela qual escrevo *chalom* em vez de *shalom*.

Quando comecei a trabalhar neste livro, minha intenção era “pintar” Israel com a despreocupada alegria lúdica dum artista em férias. Eis que lá pelas páginas tantas me vi metido nessa emaranhada e misteriosa selva que é a história dos judeus e do judaísmo, a me fazer perguntas perigosas como: “Que são os judeus? Uma raça? Um povo? Um conjunto de tribos unidas por uma religião comum?”. Se o bom-senso não me houvesse agarrado a mão, talvez eu tivesse produzido um calhamaço de mil páginas, sem ter sequer “começado” a extricar o mistério e a complexidade dos hebreus – a minoria mais verbal, polêmica, brilhante e ruidosa da história da espécie humana.

Bom, seja como for, o livro está escrito. Agora, amigos, o resto é com vocês.

- E. V.”

ANEXO C - Genealogia de Erico Veríssimo

